

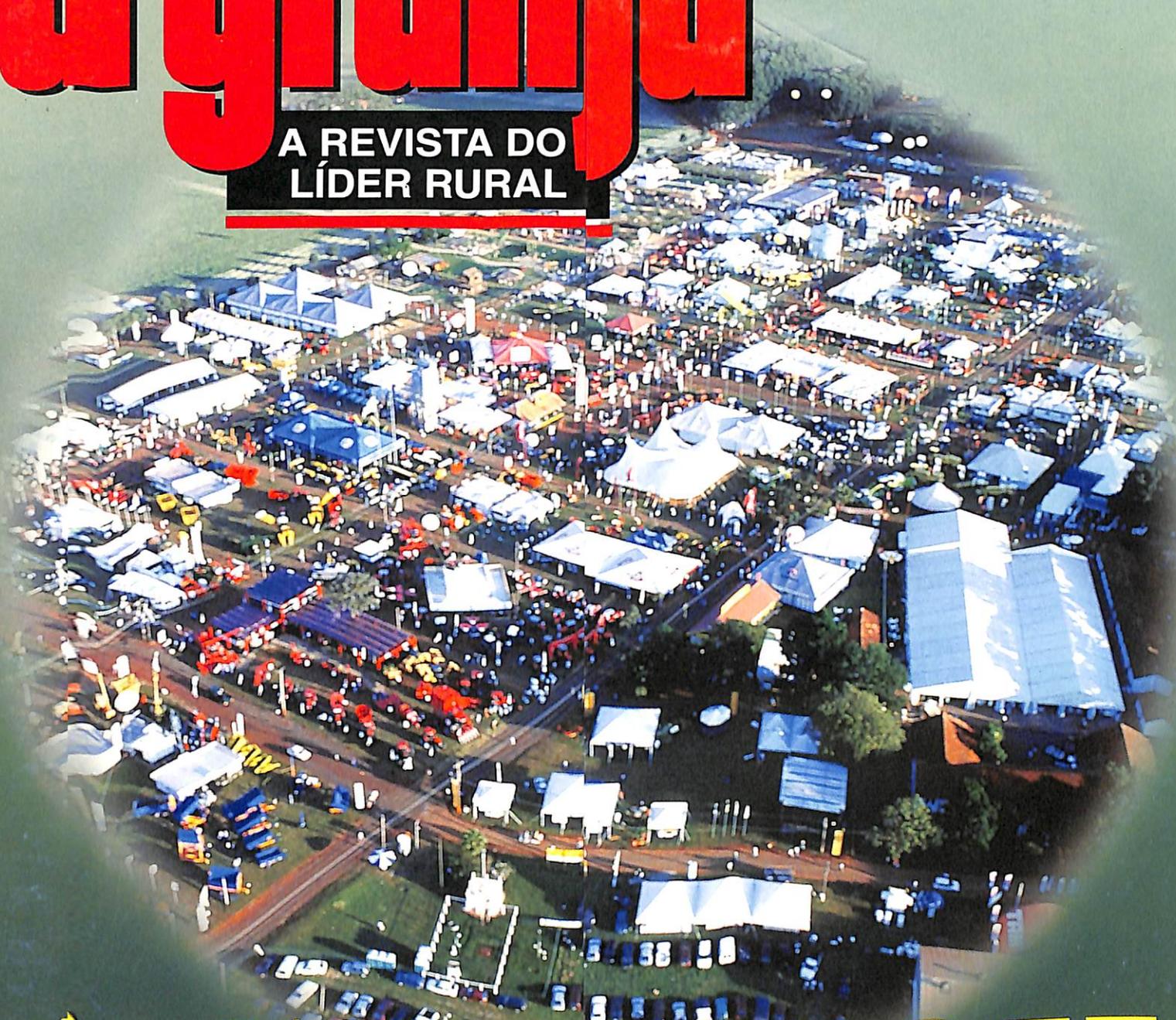
DEPOIMENTO COM JOSÉ MUDINUTTI, PRODUTOR DE ALGODÃO: ABAIXO AS IMPORTAÇÕES

JUNHO/98 - Nº 594 - ANO 54 - R\$ 5,00
www.agranja.com

PORTE PAGO
DR/RS
ISR-49-0399/81

a granja

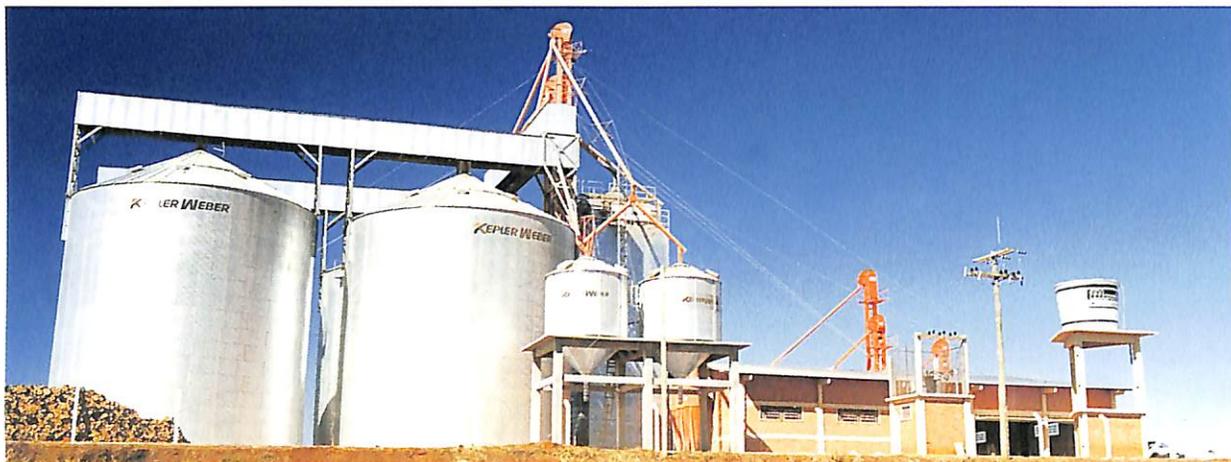
A REVISTA DO
LÍDER RURAL



AGRISHOW TOTAL



Mais Qualidade e Rendimento Para as Safras.



Equipe sua propriedade com uma instalação de armazenagem Kepler Weber e obtenha benefícios concretos:

- Maior valor agregado, através de grãos limpos, secos e armazenados na propriedade;*
- Comercialização dos produtos nos momentos mais oportunos;*
- Tecnologia desenvolvida para gerar maior competitividade, com menor consumo de energia, combustível e mão-de-obra;*
- Produtos e serviços com qualidade certificada ISO 9001.*



KEPLERWEBER®

SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA.

FONES: Panambi (055)375-4000 * Porto Alegre (051)341-1044 * Cascavel (045)226-5422 * São Paulo (011)825-7433 * Goiânia (062)233-4500
Campo Grande (067)742-3013 * Cuiabá (065)627-1087 * INFORMAÇÕES DDG (051)800-2104 * <e-mail>marketing@kepler.com.br * <http://www.kepler.com.br>

E o algodão não deu

Na última década, o setor algodoeiro nacional passou por uma revolução capaz de fornecer subsídios para diversas teses de doutorado em Economia.

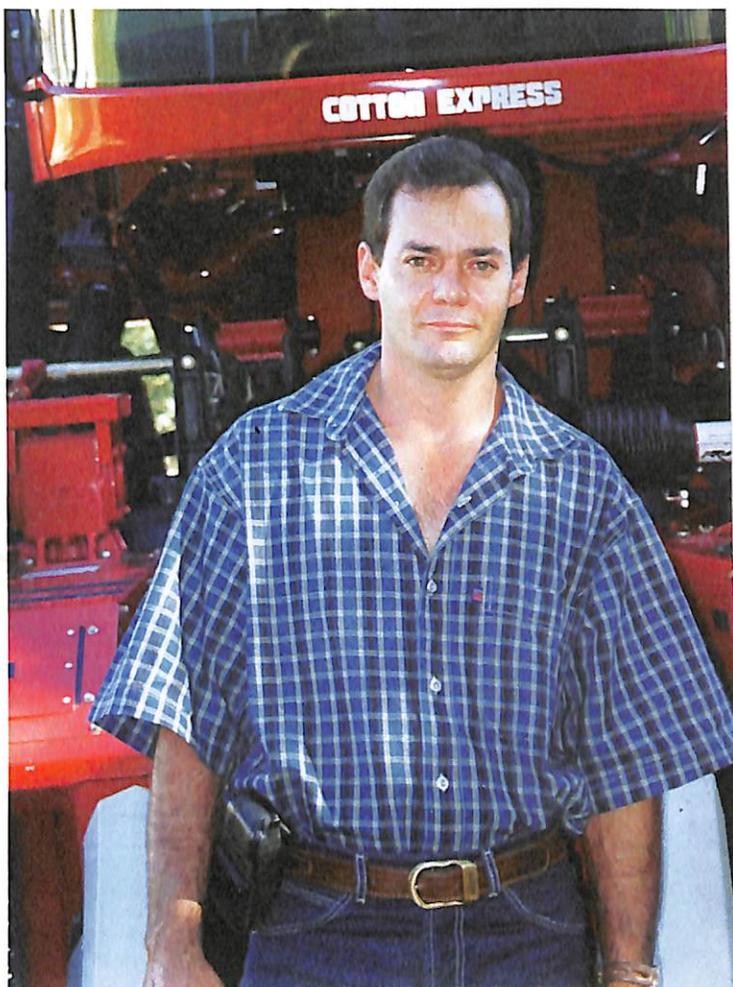
Contrariando todos os conceitos mercadológicos, o País abandonou o posto de segundo maior exportador para tornar-se um dos maiores importadores da fibra. E se o tema é extremamente interessante para os doutorandos, foi desastroso para os produtores, a maioria de pequeno e médio portes, que até agora não conseguiram se recuperar do prejuízo. Foi um período de profundas mudanças, principalmente quanto ao perfil da lavoura e o modo como o produto está sendo cultivado, através da incorporação das grandes áreas do cerrado.

Mas, embora hoje a estrutura fundiária seja outra, com lavouras totalmente mecanizadas, um velho fantasma ainda persiste: a importação. Para se ter uma idéia, no ano passado a indústria brasileira gastou no exterior cerca de US\$ 1 bilhão para comprar quase 500 mil toneladas de algodão — até porque a produção nacional foi de apenas 350 mil tone-

ladas. Em julho passado, o Governo Federal entrou novamente em cena e lançou a Medida Provisória 1.569 para restringir as importações. Ancorados na decisão do Executivo e

na alta dos preços no mercado interno, os produtores ampliaram a área de plantio e deverão colher 500 mil toneladas em 1998. Só que, para surpresa e indignação geral, os preços da fibra caíram mais de 30% se comparados com 97. Enquanto isso, as importações não deram nenhum sinal de queda.

Entre os agroempresários mais indignados com a atual situação da cotonicultura está o paulista José Ivair Mudinutti, do município de Santa Cruz da Conceição, na região de Leme/SP. Aos 34 anos, Mudinutti e sua família são tradicionais produtores de algodão e laranja em 1.150 alqueires (2.780ha). Em entrevista à reportagem de **A Granja**, durante o Agrishow, o agricultor reclama da política e da ambigüidade das decisões do Executivo, que privilegiam a indústria e sacrificam o campo sob a bandeira do Mercosul.



Divulgação

José Ivair Mudinutti, cotonicultor em Santa Cruz da Conceição/SP: tá tudo contra o produtor

A Granja — Com quais culturas vocês trabalham na propriedade e como está dividida a área de cultivo?

José Ivair Mudinutti — A área cultivada de nossa propriedade está dividida da seguinte forma: o algodão é plantado em 700 alqueires (1.690ha), e os 450 alqueires restantes (1.090ha) são destinados à citricultura, que é nossa atividade mais antiga. Minha famí-

lia vem trabalhando com a cotonicultura há mais ou menos 25 anos. No início, a cultura foi produzida em pequenas áreas, mas com o aumento da produtividade da lavoura, aos poucos, fomos ampliando a área plantada.

P — Quais foram as principais mudanças que ocorreram na lavoura algodoeira de sua família dos anos 70 para cá?

R — Em termos de produtividade, o desempenho de nossa lavoura aumentou quase 100%. Para se ter uma idéia, no início dos anos 80, o volume produzido não passava de 300 arrobas por alqueire (125 arrobas/ha). Mas com a incorporação de tecnologia, tanto em mecanização como em variedades mais eficientes, hoje nossa média está em 500 arrobas/alqueire (206 arrobas/ha),

Este veículo está em conformidade com o PROCONVE.

CONTRATE UM TRABALHADOR COM MAIS DE 50.





DEFENDER Alguns dizem que chegam mais alto, outros, que chegam mais longe, mas no concorrido mercado off-road poucos conseguiram, como o Defender, chegar aos 50 anos. O raciocínio é simples. A Land Rover fabrica apenas veículos off-road desde 1948, por isso mesmo teve muito mais tempo para aprender como se faz.

Estável e robusto, este clássico 4X4 encara qualquer terreno desde que se aventurou pelas trilhas que seriam seguidas por toda a indústria.

Sua carroceria em alumínio garante máxima durabilidade. A tração permanente nas 4 rodas, junto com o motor turbo diesel intercooler (econômico, mas potente), se encarrega de impulsionar esta lenda para a frente.

Largamente utilizados em campos de mineração, fazendas e na construção civil, 70% dos Defender fabricados ainda estão trabalhando.

É a prova de que nós estávamos certos ao construir um veículo que passa por qualquer coisa. E que, justamente por isso, nunca passa.



THE BEST 4x4xFAR.

Concessionários: Belém: Britânica - tel.: (091) 235-1341 • Belo Horizonte: Terranova - tel.: (031) 378-1020 • Blumenau: Top Car - tel.: (047) 340-5111 • Brasília: Piquet BMW - tel.: (061) 234-5055 • Caxias do Sul: BM Point - tel.: (054) 223-8322 • Curitiba: BM Place - tel.: (041) 333-5606 • Florianópolis: Top Car - tel.: (048) 249-3242 • Fortaleza: BM Center - tel.: (085) 261-9099 • Goiânia: Somafertil - tel.: (062) 212-3232 • Natal: BM Center - tel.: (084) 211-4971 • Petrópolis: Landscape - tel.: (024) 222-3285 • Porto Alegre: BM Point - (051) 337-3366 • Porto Velho: Buriti - tel.: (069) 225-2600 • Recife: Land Rota - tel.: (081) 476-1435 • Ribeirão Preto: Eurobike - tel.: (016) 605-7031 • Rio de Janeiro: Land Rio - tel.: (021) 494-2422 • São Paulo: Autostar - tel.: (011) 820-4001 - Tasman - tel.: (011) 838-2300 • Vitória: Vitória Bayern - tel.: (027) 222-1568

apesar de que, nesta safra, a performance não ultrapassou as 450 arrobas/alqueire (185 arrobas/ha).

P — O que influenciou a queda dos índices de produtividade e renda da cultura na safra 97/98?

R — No ano de 98, todos os fatores estão contra o setor algodoeiro no Brasil. Começa pelo clima que, além de limitar a produção, puxou para baixo a qualidade da fibra. Com isso, a gente não consegue preço no mercado. Outro fator negativo neste ano foi o aumento do volume de produção, que impediu que a média paga pela indústria no ano passado se mantivesse. Apesar do significativo aumento da produção brasileira, a indústria continua importando muito. Isso tem sido fatal para o produtor.

Não basta ter eficiência se não há incentivo para produzir

P — Mas a decisão do governo em diminuir o prazo do pagamento das importações e sobretaxar as compras no exterior não surtiu efeito?

R — Na teoria, a decisão parece ótima, mas, na prática, isso não funciona. O governo costuma passar o dedo em volta da ferida, só que nunca toca na chaga. Ele não resolve nada. Enquanto isso, a indústria é a única beneficiada, porque vai importando algodão a juros de 6% ao ano e prazos de pagamento que ultrapassam os 360 dias. Com uma mamata dessas, quem vai querer comprar do produtor brasileiro? Até o ano passado, nós vendíamos cerca de 80% de nossa produção para uma multinacional norte-americana. Vendíamos, porque de 97 para cá nós ainda não comercializamos nada com essa empresa. Atualmente, ela está comprando somente algodão da Argentina. Sai muito mais em conta para eles, que podem aplicar esse dinheiro no mercado financeiro. Na verdade, a indústria acaba ganhando em duas frentes. Em compensação, o produtor....

P — A importação é o principal entrave para que a cultura algodoeira volte a ter uma importância maior na economia do País?

R — A política de importação é praticamente a única culpada para a situ-

ação de penúria que o setor vive hoje. É muito fácil vir com o discurso de que o cotonicultor precisa ter produtividade. Só que isso boa parte dos produtores já tem. Só que não basta ter eficiência se não há incentivo nenhum para produzir. Você pode conseguir 1.000 arrobas por alqueire que, mesmo assim, não terá rentabilidade. Não há mercado. Se nós tivéssemos as mesmas vantagens que o governo brasileiro dá aos exportadores argentinos, por exemplo, a situação seria outra. Na verdade, o governo parece não querer resolver a questão. A tática do Planalto é sempre a mesma: ele chama o produtor para investir, mas na hora de comercializar a safra não há preço. É uma pena, porque o campo responde muito rapidamente às medidas adotadas pelo Executivo. Para quem fica insistindo que é necessário criar empregos e aumentar a renda dos trabalhadores urbanos e do campo, parece piada.

P — Atualmente, os custos de produção em sua lavoura giram em torno de quanto?

R — A lavoura de algodão é uma das que mais demandam recursos para produzir. Nossos custos hoje giram em torno de R\$ 2,5 mil por alqueire (R\$ 1.050,00 por hectare). Isso significa que são necessárias quase 300 arrobas por alqueire (125 arrobas/ha). Mas, apesar do custo alto, a cultura acaba compensando, porque você consegue agregar valor à produção. Outro aspecto positivo do algodão é o número de empregos que ele gera, exatamente no período de entressafra de outras culturas, como a cana e citros no estado de São Paulo.

Alargamos as margens de lucro, mas a lucratividade ainda é baixa

P — Vocês apenas produzem ou também fazem o processamento da fibra na fazenda?

R — Nós temos uma usina de beneficiamento do produto. Com isso, temos conseguido agregar mais valor à atividade e alargar um pouquinho as margens de lucro. Mas, mesmo assim, a lucratividade está muito baixa. Optamos por vender o caroço diretamente como ração, até porque não compensa

vender o óleo, atualmente com o preço incompatível com os custos de produção.

P — Que variedades vocês estão utilizando na lavoura e como está o rendimento de cada uma?

R — Nas últimas safras, as variedades que nós optamos foram a IAC 22 e a delta pine. Plantamos também a coodetec, mas numa escala bem menor. Esta última foi a que apresentou a melhor performance produtiva. Mesmo assim, para a próxima safra, optamos pela delta pine, que é uma planta mais uniforme e não corre o risco de deitar na fase da maturação, como acontece com a coodetec e a IAC 22.

O custo com defensivos acaba pesando bastante na planilha

P — Mas a suscetibilidade do delta pine a uma série de doenças e pragas não acaba comprometendo essa performance?

R — Esse é o nosso maior problema. Apesar de facilitar a mecanização, a variedade é muito suscetível ao nematóide. Conseqüentemente, o custo com defensivos acaba pesando bastante na planilha. Em média, são efetuadas mais de 12 pulverizações durante o ciclo produtivo da planta. Na fazenda, nós ainda não tivemos maiores prejuízos com o nematóide, mas na região de Santa Cruz da Conceição, por ser uma área algodoeira antiga, de mais de 40 anos, o problema é mais latente. Outra praga que continua a fazer estragos nas lavouras do interior paulista é o pulgão, embora com índices muito menores aos verificados nos anos anteriores.

P — Os pomares de São Paulo também vêm enfrentando sucessivos ataques de pragas e doenças nos últimos anos. Como estão sendo monitorados esses problemas em sua área de citricultura?

R — Os principais problemas que nós enfrentamos são a doença do amarelinho e o minador-de-citros. Ultimamente, está aparecendo a pinta-preta. Mas, até aqui, o mais grave tem sido o minador-de-citros. É uma praga que acaba limitando a produção das plantas, como aconteceu no ano passado.

Em 98, a tendência é que a produtividade seja melhor, mas, mesmo assim, o desempenho não deve superar a 1,5 caixa/pé, o que ainda é muito baixo.

P — O mercado para citros também está tão ruim quanto o do algodão ou a citricultura está respirando um pouco melhor?

R — Eu diria que o mercado está razoável. Bem que poderia estar melhor. Mesmo assim, seu desempenho mercadológico é superior ao segmento algodoeiro. Em comparação com o ano passado, os preços operados aqui no Brasil estão melhores. Em 98, é possível que consigamos vender uma caixa a três dólares. Quase toda nossa produção é vendida diretamente para a Ceagesp (Central de Abastecimento do Estado de São Paulo). Nós não operamos com a indústria de sucos.

Os impostos emperram qualquer estratégia de desenvolvimento

P — Que outras medidas precisam ser implementadas para que a cotonicultura e a citricultura possam sobreviver?

R — O maior desafio quem está enfrentando são os produtores de algodão. Como eu já falei anteriormente, a importação é o maior entrave. Nunca vamos conseguir competir com o produto importado nas condições em que a cultura é produzida no Brasil hoje. É necessário criar mecanismos que protejam o agricultor brasileiro no Mercosul. Da forma que coisa está, o Brasil privilegia os argentinos e paraguaios em detrimento de seus agroempresários. Além disso, pesa contra nós essa gama de impostos, que emperram qualquer estratégia de desenvolvimento. Quem passa pela região próxima a Leme, aqui em São Paulo, pode comprovar a falência da cultura em propriedades de pequeno porte. A citricultura, por sua vez, tem um mercado externo bom e um consumo interno aumentando gradativamente, o que dá para vislumbrar boas safras futuras.

P — Isso comprova mais uma vez que só vão restar as grandes propriedades com alto índice de mecanização?

R — Apesar de ser um investimen-

to alto, a mecanização tem sido a salvação da cotonicultura, pois ela propicia o plantio em grandes áreas, o que é fundamental para se ter uma lucratividade, mesmo que quase nula. Se não fosse isso, os custos de produção subiriam às alturas, inviabilizando qualquer investimento. Do jeito que está, os grandes produtores vão sobreviver, mas vão continuar dando murro em ponta de faca.

A cotonicultura não foi uma boa opção de investimento em 97

P — No seu modo de ver, não há qualquer possibilidade de aumento nos preços do produto em 98. Significa dizer que quem entrou na cultura este ano com expectativa de bons preços deu com os burros n'água?

R — Se analisarmos a atual situação, não há como vislumbrar mudanças significativas que venham contemplar o produtor brasileiro neste ano. Enquanto isso, ficamos na expectativa de como vai ser a safra da Argentina e do Paraguai, de onde vêm boa parte do algodão importado. A cotonicultura não foi um boa estratégia de investimento no ano passado. Quem entrou, quebrou a cara. Para se ter uma idéia, em 97 foi possível vender uma arroba a R\$ 9,50. Neste ano, a média está em R\$ 6,50, ou seja, uma queda brusca de mais de 30%.

P — Por ser uma cultura que requer um controle fitossanitário rigoroso, devido ao ataque de pragas e doenças, os técnicos não recomendam que o algodão seja cultivado na mesma área por safras sucessivas. Considerando que vocês não têm espaço para fazer rotação de culturas, como administram essa limitação?

R — Esse também é outro problema que nós precisamos resolver. Estamos cultivando o algodão na mesma área há 15 anos, mesmo sabendo que o ideal é fazer rodízio no máximo a cada três anos. Claro que, ao longo dos anos, a gente percebeu que o rendimento não vem se mantendo nos mesmos patamares. Nos talhões em que foi realizada a rotação com o milho, por exemplo, percebemos que o desempenho foi superior ao restante. Mas, como nós temos

usina de beneficiamento, não há como diminuir a área. Muito menos produzir outras culturas. O trabalho é corrigir as terras onde o desempenho fica muito aquém da média. Neste caso, a gente opta por arrendar outras áreas para o plantio da fibra, mantendo, dessa forma, o volume de produção.

P — O sr. já pensou em mudar a produção para o Centro-Oeste, já que o clima em São Paulo não tem contribuído para o cultivo de algodão?

R — Eu já estou procurando áreas em Mato Grosso ou Goiás para transferir parte da produção para lá. Nas últimas safras, nossa produtividade vem sendo muito afetada pelas mudanças climáticas e, também, pelo ataque do bicudo. Na maioria das vezes, a principal causa é o excesso de chuvas, exatamente na época em que as maçãs começam a abrir. Como isso não ocorre no Centro-Oeste, os produtores de lá conseguem produzir uma fibra com qualidade muito superior à nossa. Obviamente, eles conseguem preço melhor. Nossa intenção é produzir apenas citros na fazenda de São Paulo, transferindo a cotonicultura para o cerrado, até porque, no futuro, a produção algodoeira do País vai se concentrar em dois estados: Goiás e Mato Grosso.

Nós somos muito limitados em tecnologia de sementes

P — Como o sr. classifica o nível tecnológico da agricultura brasileira hoje?

R — Dentro da realidade que conhecemos, tecnologicamente, o campo brasileiro está bem-servido de equipamentos para mecanização. No setor de algodão, por exemplo, nós temos acesso às melhores máquinas disponíveis no mundo, o que tem sido o diferencial para o aumento dos níveis produtivos. O que está faltando para a cotonicultura é pesquisa. Nós somos muito limitados em tecnologia de sementes. Temos poucas variedades resistentes a pragas e doenças e, ao mesmo tempo, produtivas. Se compararmos com o milho, por exemplo, percebemos a dimensão de nosso atraso. O que se tem são variedades trazidas dos Estados Unidos e adaptadas às nossas condições. ■

a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann

REDAÇÃO

Jomar de Freitas Martins (editor),
Gilberto Severo (repórter), Adriane
d'Ávila (revisora), Priscila Castro
(secretária). Colaboradores: Júlio César
Matos, Algenor Dias Gomes, Francisco
de Jesus Vernetti Junior, Luis Diego
Nieto Silveira, Diamantino Silva Filho,
Emerson Urizzi Cervi e Norton
Sampaio

PRODUÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Jair Marmet
(editoração eletrônica)

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno (coordenadora)

PUBLICIDADE

SUCURSAL DE SÃO PAULO
Praça da República, 473, 10º andar,
conj. 102, CEP 01045-001, São Paulo/SP,
fone (011) 220-0488, fax (011) 220-0686,
E-MAIL granjasp@mandic.com.br
Home page <http://www.agranja.com>
César Perini (gerente)

RIO GRANDE DO SUL

Av. Getúlio Vargas, 1556/58,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822,
E-MAIL mail@agranja.com
Home page <http://www.agranja.com>
Fábio Torcato (gerente RS/SC)

Representantes/Publicidade
RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e
Marketing Ltda., Av. Osvaldo Cruz, 99,
Apto. 707, Flamengo, CEP 22250-060,
Rio de Janeiro/RJ, fone (021) 552-0732,
Bip (021) 542-9977, Código 524.76.33
E-MAIL lobato@domain.com.br
MINAS GERAIS - José Maria Neves,
Rua Outono, 507, lojas 04 e 05,
CEP 30310-020, Belo Horizonte/MG,
fone/fax (031) 291-6791
PARANÁ - Helenara Rocha de Andrade,
Rua Dr. Faivre, 750, conj. 302,
CEP 80060-140, Curitiba/PR, fone/fax
(041) 262-7446, celular (041) 9720690
Outros Estados, ligue para o
fone/fax abaixo

A Granja é uma publicação da Editora
Centaurus, registrada no DCDP sob nº
088, p.209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS,
fone/fax (051) 233-1822.
Exemplar atrasado: R\$ 5,50

Para assinar

A GRANJA
LIGUE
(051) 233-1822

14 AGRISHOW/98:
cobertura completa da
melhor tecnologia
presente nas
demonstrações
dinâmicas e a
movimentação dos
estandes

**56 ARROZ
IRRIGADO:**
pesquisa revela a
melhor cobertura
para o regime de
plântio direto

**58 BOVINOS DE
CORTE:** testes a
campo mostram a
rentabilidade de
animais
superprecoce

**60 TODOS OS
DEFENSIVOS:** é a



vez saber que
produtos utilizar
para manter a
sanidade das
lavouras de cenoura
& mamão

**63 DIREITO
AGRÁRIO:**

advogado
especialista discorre
sobre o valor da
terra

**69 PLANTIO DIRETO
NEWS:** como tornar
produtivas as áreas
de campo nativo
nas condições do
Paraná



NOSSA CAPA

Traz como maior destaque a cobertura do
Agrishow/98, a maior feira de tecnologia do Brasil,
que acontece em Ribeirão Preto/SP

SEÇÕES

Aconteceu	9
Cartas, Fax, Internet	10
Aqui Está a Solução	11
Eduardo Almeida Reis	12
Porteira Aberta	13
Sementes	64
Pecuária	72
Agribusiness	74
Flash	78
Ciência e Tecnologia	80
Novidades no Mercado	81
Ponto de Vista	82

O show do Agrishow

Pois, caro leitor, você tem em mãos uma edição que, na verdade, é o prolongamento do Agrishow/98. Um evento que, a cada ano que passa, merece mais a atenção de quem busca informação e tecnologia.

Afinal, nossa proposta — de quem lê **A Granja** sabe primeiro — não é tão-somente um enunciado conceitual. Mas, principalmente, é um propósito renovado edição após edição.

Daí por que, em atenção à satisfação do leitor, estamos levando o Agrishow para a casa de todos. Aqueles que lá compareceram terão, aqui, uma visão mais completa e detalhada do que aconteceu. Aos que não puderam ir a Ribeirão Preto/SP, informamos tudo, tintim-por-tintim.

A política de renda

Francisco Turra, novo ministro da Agricultura, que já foi responsável pelo Crédito Rural do Bannisul, em seus pronunciamentos, vem batendo numa tecla que **A Granja** já vem apertando há 15 anos. A agricultura precisa ter renda. Dar lucro. Mais do que preço e crédito, o agricultor brasileiro precisa preocupar-se com os custos dentro da porteira e com o exagero dos impostos e desperdícios fora da fazenda.

A produtividade se aumenta com a mudança de mentalidade no ato de produzir. É necessário informação e treinamento pessoal. Este deverá ser um procedimento permanente levado à exaustão: a síndrome de baixar os custos de produção.

O outro lado precisa ser obtido pela pressão e negociação.

Melhores estradas, melhores preços, menos impostos, menor carga de encargos trabalhistas, menos vagabundagem com aposentadorias precoces, menos privilégios na área pública.

A globalização não virá. Ela já está aí, batendo em nossa porta e nada, absolutamente nada, irá reverter este quadro.

Assim, calcula-se, somente a retirada do ICM das “commodities” de exportação significou um rebaixamento de 2% sobre o preço de todos os produtos primários.

Soja: a incógnita

Desde os idos dos anos 70, nenhuma cultura agrícola teve tantos altos e baixos. Ninguém ganhou tanto e ninguém perdeu tanto como no cultivo desta leguminosa. Qual a situação e perspectiva dos sojicultores hoje?

Bem, o mundo está mais próspero e se alimentando mais. Porém, o furacão asiático fez estragos enormes nas economias da Tailândia, Malásia, Indonésia, Filipinas e Coréia do Sul. E, adicionalmente, no Japão e na China.

O Japão vai comprar soja, sim, mas em menos quantidade e vai exigir qualidade. A China, bem... a China é menos exigente na qualidade.

Deverá querer comprar menos, mas aqui tem um porém. Apesar de todos os brutais esforços do governo, a população este ano irá aumentar em um milhão e duzentas mil bocas. Uma Porto Alegre. E este pessoal precisa ser alimentado.

A demanda global irá aumentar? Tudo indica que sim.

Mas, qualquer exercício futurista nesta área nos parece arriscado. Afinal de contas, uma semana após o “crack” das bolsas asiáticas, todos os gurus da área previam uma queda na cotação da soja.

Porém, nada disso aconteceu.

Para o Brasil, a soja é um produto essencial. Somos o segundo maior produtor, com 20% do mercado. Na nossa frente, estão os Estados Unidos, com 50%. E, logo abaixo, a Argentina, com uma participação de aproximadamente 10% da produção mundial, em situação de igualdade com a China. Os 10 por cento restantes ficam por conta da Índia, Paraguai, Canadá, Indonésia, União Européia e Bolívia.

Para desgraça da Malásia, a quebra total da safra de palma, arrasada pela seca, vem a beneficiar diretamente os países produtores de soja.

Por outro lado, em função da excelente safra de 1997, o mundo deverá produzir 20 milhões de toneladas a mais do que o ano passado.

É um mercado volátil, que precisa ser acompanhado dia-a-dia. Entretanto, extremamente promissor, por duas razões marcantes: o aumento no nível de consumo mundial e os baixos estoques.

V. decide

Nesta edição, você vai encontrar algo muito valioso: um cupom-voto. É o seu voto que irá eleger os **Destaques/98 A Granja do Ano**. Faça uso deste instrumento democrático. De maneira simples e direta, sem nenhum ônus, pois o selo para o envio pelo correio será pago pela revista.

É a sua grande chance para indicar quem irá receber o troféu em nossa festa de lançamento da 13ª edição d' **A Granja do Ano**, por ocasião da Expointer/98, que acontecerá entre 29 de agosto a 6 de setembro próximo.

Indique seus preferidos.

Será sua oportunidade para homenagear pessoas, entidades e empresas que, na sua opinião, oferecem os melhores produtos e serviços no segmento da agropecuária nacional. 

Retificação

“Gostaria de informar que foi publicado pela revista **A Granja** um valor de dosagem errado de um de nossos produtos para maçã. A edição na qual ocorreu o erro foi a do mês de março, nº 591, na matéria ‘A luta contra os fungos’, na página 25. Na recomendação de Finale a 20 litros por hectare em maçã, a medida correta é de dois litros. Informamos, também, que a Trifluralina AgrEvo (herbicida) não está mais sendo comercializada. Portanto, está incorreta sua menção na edição de abril/98, na matéria sobre flores (pág. 34, primeiro quadro).”

*Claudia Pazetti
Comunicação Social da AgrEvo
São Paulo/SP*

Proteção ao pecuarista

“Lendo a reportagem sobre o caso Gallus, na **AG Leilões** do mês de abril, deu para sentir o quanto desprotegido o pecuarista está quando coloca um animal em leilão. Você não sabe quem compra seu animal, se irá pagar, se tem crédito na praça, ou não. Eu estive na Expocorte de 1997, participando do leilão do blond d’ aquitaine. Foi a única raça que a Gallus felizmente não comprou. Queriam exigências para pagamento e não aceitamos...Ao meu ver, a empresa leiloeira deveria ter cadastro de vendedores e compradores, permitindo que os negócios se realizem com absoluta honestidade, principalmente com um compromisso posterior à venda... No meio agropecuário, assim como em qualquer outra atividade empresarial, os caloteiros estão à espreita. Precisamos nos precaver antecipadamente, para que não surjam outras Gallus fazendo festa de arromba. Parabéns, mais uma vez, à revista **A Granja** pelo suplemento **AG Leilões**.”

*Mario Roberto Scheide
Agropecuária R.C. Buschmann
Chapadão do Sul/MS*

A quem interessar

“Sou técnico avícola especialista em emas. Ofereço-me para instalação e/ou assistência de projetos. O meu endereço é: Rua Gregório Behegaray, 3135, CEP 97510-150, fone (055) 411-4870, fax 413-1043.”

*Mário Dalmao
Uruguaiana/RS*

Consumidor se queixa

“Agrônomo formado pela Universidade Federal de Lavras/MG (UFLA), sou produtor rural junto com minha família, onde produzimos milho, batata e feijão. No mês de outubro/97, comprei um trator da marca SLC - John Deere, modelo 5600, 4X4, na concessionária de Patos de Minas/MG. Possuidor e apreciador das plantadeiras e colheitadeiras da marca, estava ansioso por experimentar seus tratores. Acontece que, depois de trabalhar por algumas horas, a máquina apresentou defeito. Acionei a autorizada que, não conseguindo detectar o problema, praticamente desmontou o trator inteiro. Só sobraram unidos o eixo dianteiro com o motor. Por fim, foi detectado o defeito de fabricação: na fábrica esqueceram de colocar umas ‘travas’ na transmissão. Se terminasse por aí, até que estava tudo bem. Ocorre que, após o conserto, nas primeiras duas horas de trabalho, ele apresentou um ruído na transmissão, que não tinha quando novo. Acionados pela segunda vez, os mecânicos confirmaram o problema e resolveram desta vez levar a máquina para a concessionária. Do primeiro defeito, até voltar da concessionária, passaram-se 40 dias, que ficamos sem nosso instrumento de trabalho! A desculpa era de que a fábrica teria mandado primeiro as peças erradas. Detalhe: a fábrica fica no interior do RS, e a concessionária no Triângulo Mineiro. É...falhas acontecem... E por que será que não me surpreendi quando o trator, já trabalhando na fazenda, voltou a apresentar os ruídos novamente. Persistente, entrei em contato com a fábrica novamente, que desta vez se limitou a dizer que o ‘ruído’ neste modelo de trator é comum e não interfere nas suas funções. Ao escutar isso, fiquei perplexo, pois temos mais de 20 tratores de outras marcas — alguns com 20 anos de uso (todos

sem ruídos) —, e os engenheiros de hoje, com a tecnologia de que dispõem, não conseguem projetar um trator que trabalhe normalmente?! E por que os outros modelos de tratores da marca não fazem ruído algum e eu tenho que pagar pela minha escolha? O diretor regional de vendas da marca me garantiu de viva voz, no início, que eu sairia plenamente satisfeito ao final de tudo. Eu pergunto a vocês, da redação: de que jeito?!?”

*Wilson Ashidani
São João del Rei/MG*

A empresa explica...

“Confirmamos que o trator do cliente Wilson Ashidani apresentou falha na fixação da coroa da redução final traseira. As ações corretivas foram tomadas, concedendo-se, inclusive, a extensão do período de garantia do trator. Nosso concessionário da região informa que, em função das características da área e trabalho e demandado, o cliente optou por adquirir mais um trator, de maior potência, dentre os modelos que oferecemos ao mercado. Assim, esperamos tê-lo satisfeito e, como habitualmente acontece, continuamos à disposição para assisti-lo nesta nova aquisição.”

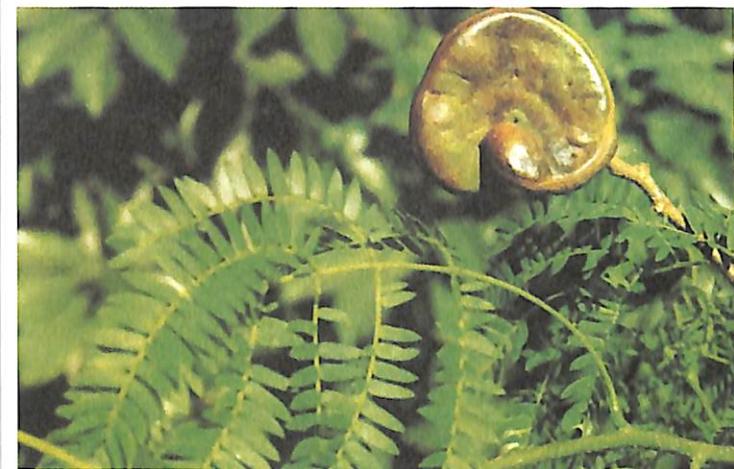
*Gilberto Zago
Gerente de marketing da SLC-John Deere
Horizontina/RS*

...E tudo se resolve

“É com extremo prazer que informo-lhes que, com referência ao problema que tive com meu trator e com a fábrica SLC-John Deere, tudo foi plenamente solucionado, ficando e meus sócios satisfeitos. Quero reiterar meus agradecimentos ao pessoal da Mattra (concessionária de Patos de Minas), que sempre estiveram ao meu lado.”

Wilson Ashidani

Tire suas dúvidas ou dê a sua opinião.
Escreva para redação da revista
A GRANJA, Av. Getúlio Vargas, 1558,
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS.
O fax é: (051) 233-2456.
E o nosso E-mail: mail@agranja.com
Home Page <http://www.agranja.com>
As cartas ou mensagens poderão ser
publicadas de forma resumida.



Divulgação/Souza Cruz

Espécie nativa

“Peço a vocês algumas informações a respeito da timbaúva. Ouvi falar que ela auxilia na recuperação do solo. E além disso gostaria de saber como é feita a sua semeadura.”

Carlos Eduardo Guimarães
Passo Fundo/RS

R — A timbaúva, *Enteolobium contortisiliquum*, também conhecida como orelha-de-negro, em função do aspecto peculiar e da coloração de seus frutos, é uma árvore que pode atingir um porte bastante avantajado nas áreas de altitude compreendidas entre 300 a 600m. O seu tronco é reto, cilíndrico, alto, com casca cinzento-clara com abundantes cicatrizes (lenticelas) em fileiras irregulares. A copa tem o formato de guarda-chuva e é revestida por uma folhagem verde-escura. A timbaúva é uma espécie que ocorre em toda a área da Floresta Latifoliada do oeste da Região Sul, apresentando uma densidade baixa, porém uniforme. Sua regeneração e difusão em capoeiras e capoeirões é bastante fácil, apresentando um crescimento extraordinariamente rápido. Por ser uma leguminosa, ela realmente auxilia na recuperação e melhoria do solo. A produção dos frutos é abundante, o que ga-

rante um bom fornecimento de sementes, as quais devem ser coletadas nos meses de junho e julho. Um quilo de fruto contém cerca de 3.600 sementes. A sua semeadura deve ser feita na primavera, e as sementes precisam de uma imersão em água quente e repouso nesta água por 24 horas. A germinação ocorre entre o 15º e 20º dia. A repicagem pode ser feita quando as mudas atingirem 6cm. A timbaúva pode ser plantada em diversos tipos de solo, menos naqueles excessivamente úmidos e rasos. É uma espécie que auxilia na fertilização dos solos. Maiores detalhes podem ser fornecidos pelos técnicos do departamento de fumo da Souza Cruz, empresa que estimula o plantio de árvores para preservação ambiental. Solicite um exemplar da obra ‘Reflorestar é preservar’, pelo fone (021) 276-9080, com João Paulo Uriartt.

Informações sobre caprinos

“Estou interessada em informações sobre criação de cabras de leite. Vocês poderiam me ajudar?”

Édela Jesse
Joinville/SC

R — Primeiramente, sugerimos que a leitora solicite o livro “Criação de Caprinos”, que aborda as principais raças para o Brasil, assim como características dos seus produtos — leite, carne e pele. A publicação pode ser solicitada via internet, pelo e-mail: mail@agranja.com.br,

ou pelo fone (051) 233-1822. Outra alternativa é procurar o Centro Nacional de Pesquisa de Caprinos, unidade da Embrapa, pelo seguinte endereço: Fazenda Três Lagoas, Estrada Sobral-Groaí, km 4, caixa postal D-10, CEP 62011-970, Sobral/CE, fone (088) 612-1077.

Controle biológico em vídeo

“Estou à procura de informações didáticas, ou até mesmo um vídeo, sobre controle de pragas na soja.”

Claudia Mendes Vasquez
Cascavel/PR

R — O Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPQ), unidade da Embrapa de Londrina/PR, tem à disposição um vídeo que apre-

senta o controle biológico da lagarta-da-soja *A. gemmatilis*, através do Baculovirus anticarsia, e dos percevejos da soja, através da vespa *Trissolcus basalus*. O endereço do CNPQ é: Rodovia Carlos João Strass (Londrina/Warta), Acesso Orlando Amaral, CEP 86001-970, Londrina/PR, caixa postal 231, fone (043) 371-6000, fax 371-6100.

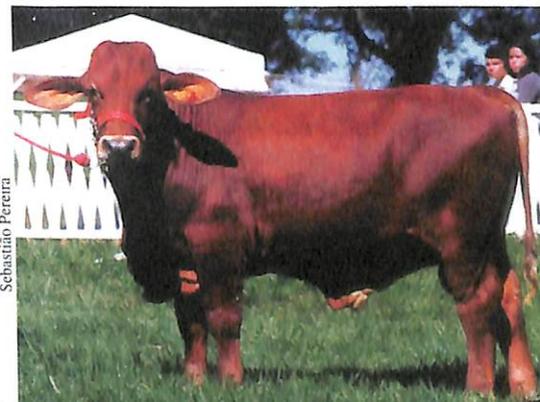
Tem nova raça na área

“Sou iniciante no setor da pecuária e gostaria que me ajudassem a obter informações sobre uma nova raça bovina, que pouco ouvi falar. Sei apenas que é de origem americana e se chama befmaster.”

Ronaldo Bernardo Souza
Ponta Grossa/PR

R — O nome correto da raça é befmaster. De origem americana e inédita no Brasil, ela está sendo introduzida através da importação de sêmen, desde 1992, pelos pecuaristas Alberto Rodrigues da Cunha e Randall Mark Spears. A befmaster foi selecionada especialmente pelas características de “fazer carne” e teve sua origem entre três raças: brahman, hereford, shorthorn. A exata proporção de sangue de cada uma é apenas estimada pelo Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA), que a reconheceu em 1954. Cal-

cula-se que seja ao redor de 25% de sangue shorthorn, 25% de hereford e 50% de brahman. Durante estes anos todos, não houve uma seleção para a coloração da pelagem. Isto faz com que apareçam animais com vários tipos de pelagem, prevalecendo, entretanto, a vermelha. Se o leitor desejar outras informações, sugerimos que entre em contato Randall Spears — diretor da Pré-Associação Brasileira de Criadores do Beefmaster (ABCB). Anote aí: caixa postal 5186, CEP 75828-000, Chapadão do Céu/GO, fone (062) 634-1234. Se preferir contato via internet, o e-mail é: rmspears@zaz.com.br.



Sebastião Pereira

Do leite "ecológico"

No último número de **A Granja** prometi contar-lhes a história do meu amigo Zé Henrique, fazendeiro de café em Minas, que não pára de chorar, apesar de ter comercializado toda sua safra acima de 200 dólares a saca. Em defesa da choradeira, o fazendeiro me deu um disquete com a história de sua fazenda, tudo anotado em dólar, desde o dia da compra. Acontece que sou uma negação em números, gráficos e estatísticas. Abri o disquete na tela do meu computador e não entendi rigorosamente nada.

Preciso convidar o fazendeiro para um uísque aqui em casa, quando espero que destrinche as tabelas e os gráficos. Chiquíssimo este destrinche, né? Presente do subjuntivo do verbo destrinçar: desenredar, resolver, esmiuçar... Na falta dos números sobre o café, cuidemos do leite. Até ele, coitado, entrou agora na onda ecológica. Em São Paulo já se anuncia a venda de "leite ecológico", empacotado num laticínio de Botucatu/SP, instalado numa comunidade naturalista financiada pelo governo norueguês. Os 20 produtores inscritos têm três mil vacas em lactação e fornecem três mil litros de leite/dia. O leite só é considerado "ecológico" quando as vacas consumirem, pelo menos, 70% da alimentação natural e a pastagem não receber nenhum tratamento químico: as vacas são tratadas pela homeopatia. E a gente escuta... Há uma ressalva: "caso haja algo que exija o uso de antibióticos, a vaca ficará de quarentena até que os resíduos sejam eliminados". É de cabo-de-esquadra: homeopatia, salvo nos casos que requerem antibióticos.

Foi o que aprendi no Suplemento

Agrícola do Estadão. Sou do tempo em que o leite se dividia em "da fazenda" e "da cooperativa". O primeiro, que ia para a sede e para as casas dos empregados, teoricamente era ordenhado com maior capricho. Acontece que o Zezinho retireiro, gente boa à beça, não acreditava em bactérias, vírus, protozoários e outros bichos invisíveis. Só acreditava em bichos palpáveis como aranha, cobra, lagarta-de-fogo e vaca parida. Pelo crepúsculo matinal (é certíssimo, jovem digitador), quando se aliviava na moita de bananeiras antes de vir para o estábulo, o excelente Zezinho já trazia uma bela carga de Enterobacteriaceae em suas mãos calosas, lavadas pela Páscoa do ano anterior. As Enterobacteriaceae são as tais que aparecem, nos exames de laboratório, com o apelido de coliformes fecais.

Era de se presumir, portanto, que também o leite "da fazenda", o leite do queijo do doutor, do café das crianças, das coalhadas de madame e dos doces da vovó, tivesse uma bela carga bacteriana. Muitíssimo a propósito, o leite mais limpo do mundo, mungido nos países do Primeiro Mundo, já sai das tetas com 1.500 bactérias por mililitro. E cada bactéria se multiplica por 10, nas primeiras 24 horas, se o leite é conservado a 10 graus Celsius. Mantido a 21 graus Celsius, temperatura geralmente inferior à média de nossas bacias leiteiras, o leite vê suas bactérias multiplicadas por 750, nas primeiras 24 horas. Que dizer, então, do leite

exposto ao sol, nos latões estanhados, às margens de nossas estradinhas rurais? Só a água oxigenada e o frio "seguram" o leite honestamente. Mas o brasileiro, que é mais realista que o rei, proíbe o método da água oxigenada (permitido em algumas regiões dos Estados Unidos), porque entende que este aqui é um país muito civilizado, tem clima siberiano e retiros formados em Oxford.

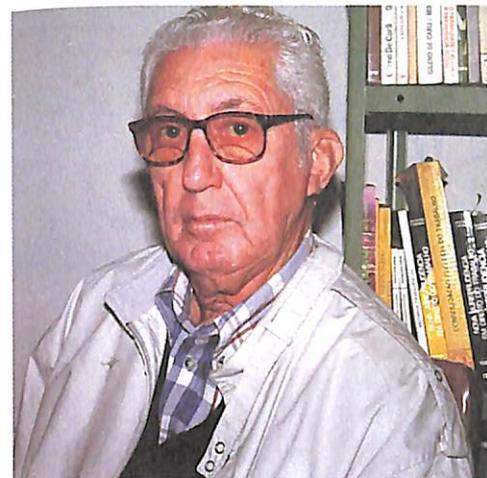
Acima de 10 graus, a multiplicação bacteriana é assustadora, ajudada pela falta de higiene do nosso bom Zezinho. Quanto ao leite "ecológico", que mistura homeopatia com antibióticos, só rindo. E recordando ao leitor de **A Granja** a história do aipo.

Quando os ambientalistas histéricos se lembraram de eliminar o agrotóxico das plantações, as plantas trataram de recuperar progressivamente suas defesas. Foi assim que o aipo ecológico (sem agrotóxicos) passou a produzir uma quantidade de substâncias cancerígenas 10 vezes maior que o aipo tratado com

*Leite "ecológico",
que mistura homeopatia com
antibiótico, só rindo!*

agrotóxicos. A constatação não é minha, mas do cientista Rogério C. Cerqueira Leite.

Há que ter cautela com os naturalistas, sejam ou não financiados pelo governo da Noruega. Tratá-los muito bem, com todo o respeito e carinho, conservando-os à distância. Quanto ao aipo, preferencialmente com agrotóxicos, dá excelente canoa para uma pasta de gorgonzola e manteiga, meio a meio, para acompanhar o chopinho vespertino. ☞



Fotos: A Granja

Bate-boca no canavial

A safra canvieira do estado de São Paulo começou sob uma guerra de nervos entre usineiros e fornecedores. O pivô da contenda foi a Portaria do ministro da Fazenda, Pedro Malan, adiado para 1º de novembro a liberação dos preços do álcool hidratado e da cana-de-açúcar, prevista para acontecer a partir de 1º de maio. A prorrogação atendeu pedidos dos fornecedores de cana, que temiam uma queda dos preços oficiais fixados pelo governo. A medida, porém, desgostou o presidente da União da Agroindústria Canvieira (Unica), Sérgio Ometto, que chegou a afirmar que as usinas não vão colher a matéria-prima dos fornecedores se o preço for tabelado. Ele afirma que, mantidas as atuais regras, as usinas deverão deixar de adquirir 50 milhões de toneladas, que representam cerca de R\$ 900 milhões a preço de mercado. A declaração do usineiro teve o efeito de uma bomba entre os agricultores. José Otávio Costa Auler (na foto), presidente do Sindicato Rural de Jaú, que liderou em sua região uma campanha pelo adiamento da liberação, considera absurda a postura de Ometto. “Como presidente da Unica, ele deveria trabalhar pelo bom andamento da safra, e não fazer declarações arrebatadas”, alfineta Auler. “Além disso”, complementa, “as usinas precisam da cana dos fornecedores para cumprir suas cotas”.

O descaso campeia

O diretor do Escritório de Defesa Agropecuária de Lins/SP, agrônomo Antônio Celso Alves Villela, está indigna-

do com a falta de uniformidade nas ações de erradicação do cancro cítrico no País. Em cada lugar, conforme o humor das autoridades, age-se de uma maneira. Depois de ter dado um fim à moléstia na sua região, ele afirma estar em constante preocupação com a possibilidade de uma reconaminação por *Xanthomonas axonopodes pv citri*, o agente causador. “Não adianta cuidar do seu jardim, se o morador do lado não faz o mesmo”, diz o agrônomo, explicando que as regiões vizinhas à Lins não conseguem se livrar da doença. Villela cita como exemplo de des-



caso uma cena com que se deparou em viagem ao estado do Paraná: havia um pé de limão-cravo contaminado bem na beira da estrada. “Pra mim, isto é inadmissível, uma afronta à minha inteligência”.



Marketing robotizado

Durante o Agrishow, os expositores se valeram do charme de belas moças para atrair a clientela. A Ultragaz, no entanto, foi mais longe e levou também um robô para a Estação Experimental Ney Bittencourt de Araújo, em Ribeirão Preto/SP. A “máquina” rodava o estande de ponta a ponta, explicando o novo conceito de sistema de secagem de grãos: o ultrasystem. Foi um show à parte, é verdade. Mas teve gente, é claro, que preferiria ter ouvido o mesmo “discurso” da boca da recepcionista.

De saques e invasões

Na esteira da euforia provocada pela Copa do Mundo e reeleição, cresce a tensão no campo: seca e saques no Nordeste e invasões de terra na região Sul. O clima pesado, é óbvio, atrai simpatias e antipatias. Depois do cardeal dom Paulo Evaristo Arns ter “justificado” a onda de saques como necessidade imperiosa de sobrevivência, veio a ameaça dos fazendeiros em “se armar”. Claro, na mídia urbana, proposta “antipática”. Mas o presidente do Superior Tribunal de Justiça, Antônio de Pádua Ribeiro, pensa diferente: “está expresso no Código Civil que todos podem defender a propriedade, usando suas próprias for-

ças, se isso for necessário”. A declaração do ministro foi feita após o seminário “A Influência da Legislação e das Políticas do Governo na Agropecuária”, promovido pelo Instituto Brasileiro do Direito Agrário, realizado durante a Expozebu, em Uberaba/MG. Analisando a contribuição da Justiça, Ribeiro anunciou a criação de 100 novas Varas de Execução em todo o País e criticou o Legislativo e o Executivo: “o primeiro por formular leis em profusão e o segundo por ser o maior gerador de litígios”. É verdade. Depois da “Constituição Cidadã”, de Ulysses Guimarães, ninguém consegue dormir direito neste País.

O MELHOR DO AGRISHOW 98



Texto: Gilberto Severo / Fotos: Julio Cesar de Matos

O fenômeno “El Niño” até tentou estragar a festa, mas o máximo que conseguiu foi apagar a poeira na Estação Experimental Ney Bittencourt de Araújo, em Ribeirão Preto/SP, sede do Agrishow 98. A maior feira de tecnologia agrícola do Brasil, realizada entre os dias 27 de abril e 2 de maio, não tomou conhecimento do mau tempo e faturou mais de US\$ 600 milhões, segundo informou a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), entidade promotora do evento. Apesar da chuva impedir que as demonstrações dinâmicas fossem efetuadas nos primeiros dois dias da mostra, os visitantes não se decepcionaram. Nos estandes, equipamentos de última geração dividiram espaço com os tradicionais produtos de cada empresa, reafirmando para o agricultor que o País está cada vez mais conectado com as recentes tecnologias disponíveis no mundo. E quem deixou para ir ao parque nos últimos três dias do Agrishow pôde acompanhar de perto a apresentação a campo das principais máquinas e implementos.

Com um volume de negócios 20% superior ao verificado em 1997, com certeza boa parte dos expositores pôde estourar champagne no final da feira. Até porque, nos últimos anos, o setor de automotrizas e implementos vem literalmente “correndo atrás da máquina”. Agora, que a retomada da produção parece irreversível, os organizadores do evento também já preparam modificações para as próximas edições do Agrishow. A mais importante, sem dúvidas, é a proposta de compra de uma área de cerca de 200 alqueires (480 hectares) na região de Ribeirão Preto. É que o parque, onde atualmente a mostra é realizada, não tem mais espaço para crescer. Como a Abimaq espera um público superior a 100 mil pessoas nas próximas edições, é necessário dotar o local de infra-estrutura capaz de suportar tamanho fluxo, segundo informou o presidente da entidade, Sérgio Magalhães.



62.500

**metros quadrados
foi a área destinada
aos estandes do
Agrishow 98. Esse
número é 40%
maior que no ano
passado.**

300

**expositores
apresentaram as
últimas novidades
em tecnologia no
Brasil. Em 97, foram
247 empresas
expositoras.**

27

**empresas estrangeiras
estiveram presentes na
feira, contra 7 no ano
passado. Destaque para a Espanha, com
16 representantes.**

4.000

refeições/hora era a capacidade de atendimento dos restaurantes e lanchonetes da feira. Com isso, intermináveis filas foram evitadas.

1.600

pessoas trabalharam na organização, administração e nas dinâmicas do Agrishow 98.

10.000

vagas para os visitantes garantiram maior conforto para quem utilizou o automóvel para chegar ao parque. Em 97, havia espaço para oito mil carros.

130

hectares foi o espaço destinado às dinâmicas em 98. A área representa um acréscimo de 30% sobre 97.

3.000

kilowatts de energia garantiram o abastecimento mesmo nos horários de maior pico. O consumo médio de energia no Agrishow correspondia ao de uma cidade de 10 mil habitantes.

1.300

tratores foram comercializados nos seis dias da feira. Isso deu uma média de 4,3 unidades vendidas a cada hora.

5

mil pessoas passaram pelos portões do parque nos seis dias da feira. Em 97, foram 68 mil.

670

demonstrações dinâmicas foram realizadas em três dias. No ano anterior, o total foi de 680, em quatro dias.

600

milhões de dólares foi o volume negociado nos estandes dos expositores. O montante é 20% superior à feira anterior.



PRESENCAS OFICIAIS

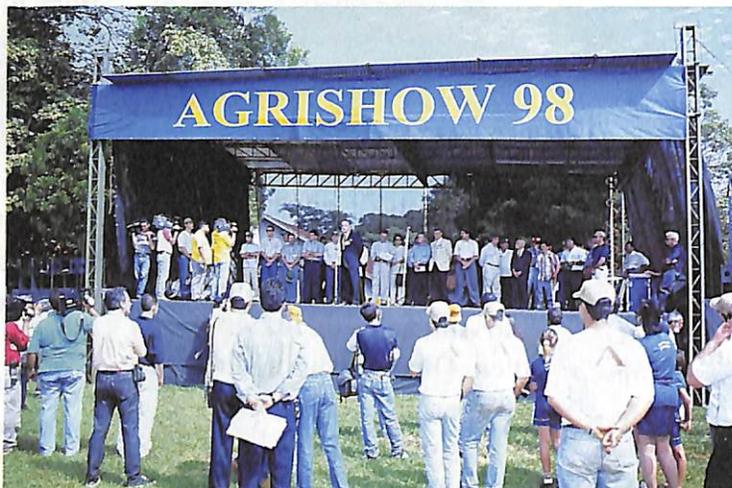


Ao contrário do ano passado, neste ano a presença de políticos na Estação Ney Bittencourt de Araújo durante os seis dias da feira foi discreta. A ausência mais sentida foi, sem dúvidas, a do presidente Fernando Henrique Cardoso. A morte do ministro Sérgio Motta e do deputado Luís Eduardo Magalhães bagunçou Brasília e impediu que o presidente se ausentasse da capital federal. O governador Mário Covas também não apareceu, o que causou estranheza entre os presentes na abertura, até porque 98 é o ano de (re)eleição.



Shunji Nishimura, da Jacto: homenagem especial do Agrishow pelo seu pioneirismo na fabricação de pulverizadores agrícolas e colhedoras de café no Brasil no ano que a empresa comemora 50 anos.

Solenidade de abertura do Agrishow 98: ausência dos figurões da política nacional e de São Paulo não tirou o brilho da festa.

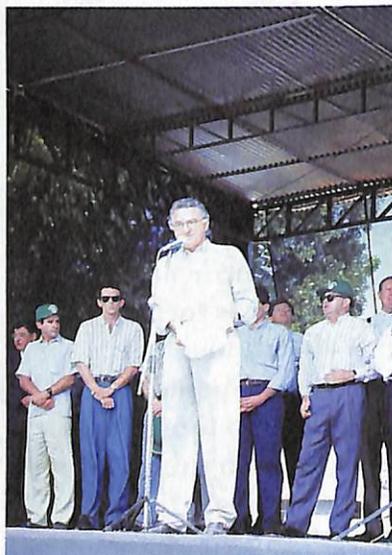


Odilão Baptista, diretor do Agrishow: um dos grandes responsáveis pelo sucesso do evento.



Luiz Hafers, presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB): "O Brasil não pode achar que uma safra de 80 milhões de toneladas de grãos é um avanço".

Luiz Roberto Jábali, prefeito de Ribeirão Preto: esforços para que a feira permaneça nos limites do município



João Carlos de Souza Meireles, secretário da Agricultura do Estado de São Paulo: representando o governador Mário Covas.



O ministro da Agricultura, Francisco Turra, visitou, comemorou o aumento da safra agrícola 97/98 e reafirmou seu compromisso com o avanço do agribusiness.



Sérgio Magalhães, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq): "o Agrishow está entre as quatro mais importantes mostras tecnológicas do planeta".



Naquela fazenda só se colhia confusão. Por falta de uma boa comunicação entre os empregados, as safras eram cada vez menores. Tudo mudou com a chegada de um moderno sistema de comunicação: rádios Motorola.



Com avançada tecnologia eles são resistentes e fáceis de operar: apertou, falou. Os rádios Motorola uniram os empregados, que passaram a se comunicar em particular ou em grupo. Os problemas, agora, são resolvidos com a rapidez com que se liga um trator.

VOCÊ CONHECE A PRODUTIVIDADE DE UMA FAZENDA PELA MANEIRA QUE OS EMPREGADOS RESOLVEM OS PROBLEMAS.

RADIOCOMUNICAÇÃO MOTOROLA. COMUNICAÇÃO TÃO INSTANTÂNEA QUANTO APERTAR UM BOTÃO.



Outra vantagem dos rádios Motorola é que eles não dão despesa adicional: a empresa compra, todo mundo fala o quanto precisar e não se paga nada no fim do mês.



A boa comunicação faz a fazenda crescer. E o lucro colhido também.



Na compra de rádios Motorola você concorre a viagens para a Copa do Mundo.

Rádios Motorola, 100% Motorola, só nos revendedores ligados a estes distribuidores autorizados.

RONTAN
0800 557088



Marketronics
0800 122844

AiB
Associação Brasileira de Indústrias de Aparelhos de Rádio
(011) 5061-3496

Ligue 0800-170072
E recebe gratuitamente uma avaliação de radiocomunicação para a sua empresa.



MOTOROLA
Radiocomunicação

COLHEITADEIRAS

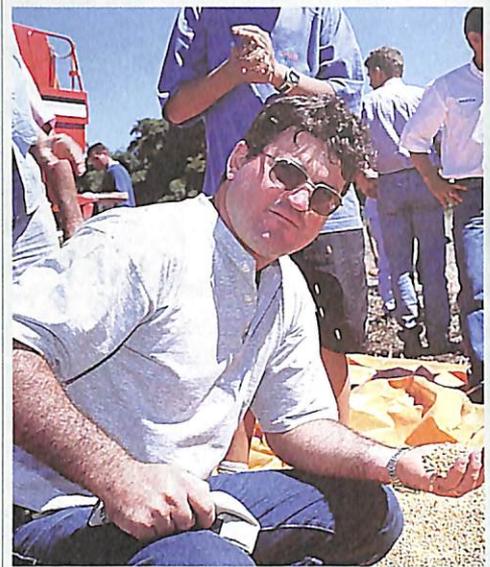


► O exclusivo sistema de trilha com cilindro de alta inércia é o grande diferencial da Massey Ferguson 6855, da AGCO. O equipamento proporciona uma trilha mais eficiente e homogênea, graças à

uniformidade da rotação. A máquina vem com motor Cummins turbo, de



210cv, seis saca-palhas e com tanque de armazenagem de até 5.000 litros.



Visitando pela primeira vez o Agrishow, o produtor Darci Antônio Brandalise, de Palotina/PR, não perdia nenhum lance nas demonstrações das colheitadeiras de grãos. Atento a cada detalhe, ele só lamentou que o espaço para as máquinas seja tão pequeno. Mesmo assim, Brandalise acredita que as dinâmicas dão uma boa noção para os visitantes. O agricultor ficou encantado com o nível tecnológico tanto das apresentações como nos estandes.

◄ A SLC-John Deere 1175 possui cinco saca-palhas, motor de 170cv e posi-torq no cilindro de trilha. Opera com plataforma de corte de 16 e 19 pés, rígida ou flexível. O modelo pode ser equipado com sistema automático de altura de corte (CAAC).



► Considerada uma das maiores automotrizes do mercado, a TC 59, da New Holland, vem dotada de motor de 220cv, plataforma de corte de 23 pés, com flutuação lateral, o que

garante um corte homogêneo mesmo em desníveis; seis saca-palhas e tanque graneleiro com capacidade para 7.000 litros.



▲ Fabricada pela montadora alemã CLAAS, a colheitadeira de grãos Mega 204 é equipada com motor de 200cv. A máquina vem com seis saca-palhas e sistema de trilha APS (Acelerador de Prévia Separação), que evita a sobrecarga sobre o cilindro, uniformizando o fluxo de material. A Valtra, fabricante dos produtos Valmet, é a representante da CLAAS no Brasil.



Equipada com motor de 230cv e plataforma de corte de 25 pés, a Gleaner R 52 é a mais recente novidade em colheitadeiras da AGCO. A R 52 vem com o conceito de trilha conhecido como natural flow, que respeita o fluxo natural do grão, evitando danos.



Quem foi ao Agrishow para ver a performance das colheitadeiras de café nas dinâmicas saiu decepcionado. As máquinas estavam expostas apenas no setor estático da feira, como o equipamento de Brastof (na foto, junto com o diretor-superintendente da empresa, Sidney A. Macedo). Os implementos da Jacto e da Latino Trade também só estiveram presentes nos estandes das empresas. Agora, resta ao produtor aguardar o próximo ano.



John Deere 9510: as áreas de separação e limpeza são dotadas de jato de ar por turbina de alta potência, garantindo maior eficiência ao processo. O motor é de 235cv. A plataforma de corte de 25 pés é ajustada por controle remoto da cabine de operação. Possui tanque graneleiro para 7.200 litros.



Com motor Cummins de 260cv, a colheitadeira de algodão Cotton Express 2555, da Case, é uma das maiores existentes no mercado. Possui cesto com capacidade de armazenar até 32,5m³ de algodão. O equipamento vem com transmissão hidrostática de três velocidades, rodado duplo e freio de estacionamento controlado eletronicamente.



Com motor turbinado de 270cv a TR 98, da New Holland, vem com sistema de separação com rotor duplo localizados na parte dianteira do sistema industrial. O equipamento reduz a quase zero o dano mecânico nos grãos, proporcionando maior eficiência no processo de colheita.

Uma coisa é certa: no Agrishow 99 os produtores poderão acompanhar as demonstrações das colheitadeiras de cana-de-açúcar. Neste ano, apenas a Colhimenta 2001, da Menta Mit (foto), participou das dinâmicas. A máquina é acoplável em trator 4X4 com potência acima de 120cv. A cana colhida crua é

cortada em toletes, ideal para usinas de açúcar e álcool. No ano que vem, é a vez das colheitadeiras de grande porte da Brastoft, Cameco, CLAAS e Santal irem a campo.



A Axial Flow 2388, da Case, demonstrou sua versatilidade nas dinâmicas no parque. Ela colhe feijão (foto), soja e milho. A máquina vem com o sistema axial de debulha, ideal para produtores de sementes; não possui saca-palhas e conta com tanque graneleiro com capacidade para 7.500 litros (95 sacas). A colheitadeira possui motor Cummins de 280cv.



A recolhadora de feijão Doble Master, da Colombo, colhe, bate e ensaca feijão e amendoim. O equipamento possui sistema de fluxo axial de baixo impacto e ainda vem com tanque graneleiro.



Colheitadeira de algodão John Deere 9970: motor de 250cv; pode ser equipada com quatro ou cinco linhas, com espaçamento de 30 a 40 polegadas; possui transmissão hidrostática de três velocidades; e sistema de lubrificação centralizado, com acionamento frontal.

O rolo copiador da recolhadora de feijão Rubi 2, da Penha, permite acompanhar as irregularidades do terreno, garantindo maior produtividade na colheita. O sistema de separação e limpeza, que joga a palha para baixo da máquina, evita o fluxo de poeira nos operadores.





PNEUS SEMPRE TERÃO SEU LUGAR NA FAZENDA



A forma do trem de rodagem
é o marca registrada da Caterpillar Inc.

É só uma questão de tempo para que tratores de esteiras sejam comumente vistos em fazendas de alta produção. Ousadia? Claro que é. Mas se você passasse seus dias medindo os benefícios do desempenho de esteiras de borracha em aplicações rurais, como nós fazemos, você entenderia melhor. É uma simples questão econômica. Claro que o fato da Caterpillar desenvolver e fabricar o melhor sistema de esteiras do mundo ajuda a obter os resultados alcançados. E, não se surpreenda caso você coloque seus pneus na ponta de uma corda e não na de um eixo.

BAHEMA
Fone: (071) 255-7589

LION
Fone: (011) 278-0211

MARCOSA
Fone: (085) 272-3300

PARANÁ EQUIPAMENTOS
Fone: (041) 270-2211

SOTREQ
Fone: (062) 204-2000

CATERPILLAR

www.CAT.com

TRATORES



▶ *Trator de esteiras Challenger 75C, da Catterpillar: vem com motor CAT de 325cv, de quatro tempos, turboalimentador e pós-arrefecido a ar. Possui servotransmissão de acionamento direto e sobretorque de 30%.*



Para o engenheiro Roberto Willi Schoppen, da Ina Rolamentos, de Sorocaba/SP, fornecedora de peças para a indústria automotiva, o maior diferencial das autopeças para os implementos agrícolas hoje é a durabilidade. Cada vez mais os fabricantes querem um determinado produto específico para cada fim.



◀ *O trator TM 140, com motor de 140cv, é o mais potente entre os modelos da nova série mundial da New Holland, a TM. A máquina está equipada com transmissão Shuttle Command com disco de embreagem simples e câmbio sincronizado com 16 marchas à frente e 16 à ré.*

▼ *O grande diferencial do Fendt Favorit 926, da AGCO, está no sistema de transmissão. Seu segredo está na distribuição de potência, que engloba processos hidráulicos e mecânicos numa unidade de transmissão infinitamente variável. O Favorit possui motor Man high de 260cv.*



▲ *Equipado com motor Cummins de 135cv, o MX 135, da Case, possui câmbio com 16 marcas à frente e 12 à ré; cabine totalmente climatizada; e painel digital computadorizado multifunção, onde o operador controla o índice de patinação, velocidade percorrida etc. O sistema hidráulico de levante é de 3.500kg.*





▲
O Massey Ferguson modelo 5275, versão 4X2, com motor Perkins de 75cv, faz parte da mais recente linha de tratores da AGCO, a 5000. A direção é hidrostática e o sistema de transmissão vem com 12 marchas à frente e quatro à ré.



▲
O trator Valtra Valmet 1780 vem equipado com motor MWM de 150cv, transmissão simples (monodisco seco) e acionamento mecânico. A caixa de câmbio é sincronizada com 12 marchas à frente e três à ré, com sistema de lubrificação sob pressão e arrefecimento a ar com radiador.



▲
Com motor de 140cv, seis cilindros e tração 4X4, o SLC-John Deere 7500 vem com faixa de potência constante que não diminui se a rotação do motor for menor. As camisas úmidas recambiáveis garantem alta eficiência e maior durabilidade. As máquinas são fabricadas dentro do conceito de construção modular.



▲
O Steiger 9350, articulado, da Case, engloba a linha de alta potência da empresa. O trator possui motor Cummins turbo Aftercooler, de 310cv; transmissão Power Shift com 12 marchas; e sistema hidráulico de centro fechado, com sistema de carga e compensação de pressão. O Steiger possui rodagem dupla.



▲
Importado da unidade canadense da New Holland, o trator modelo 8970 possui motor de 240cv, transmissão Power Shift com 18 marchas à frente e 18 à ré. A capacidade de levantamento é de 8870kg. A cabine é climatizada.

Com potência máxima de 141cv, o Valtra Valmet 1680S possui motor Valmet 620DS, seis cilindros e reserva de torque de 20%. A transmissão é monodisco seco, com revestimento ceramético, e acionamento mecânico. O 1680S vem com sistema de freio multidisco banhado a óleo, acionamento hidráulico independente para os freios de serviço.



Da série 600 - Hidrotronic, o trator Massey Ferguson 660 da AGCO, vem com motor Perkins turbinado de 150cv, transmissão sincronizada com 12 marchas à frente e cinco à ré, e direção hidrostática. O sistema de freio é hidráulico.



O Agrale 5070, de 70cv, (na foto com o gerente de vendas de tratores, Valter Loss) também passou longe das dinâmicas neste Agrishow. O trator, fabricado em parceria com a Zetor, da República Tcheca, possui capacidade de levante de até 2.600kg, acionamento hidráulico e direção hidrostática.

A Ursus também optou por apresentar sua linha de equipamentos apenas da parte estática da feira. Entre os modelos apresentados pelo gerente de assistência técnica da empresa, Flávio Lamb (foto), está o Ursus 5314. Com 75cv de potência, a máquina apresenta também transmissão mecânica, tração 4X4 e direção hidrostática.

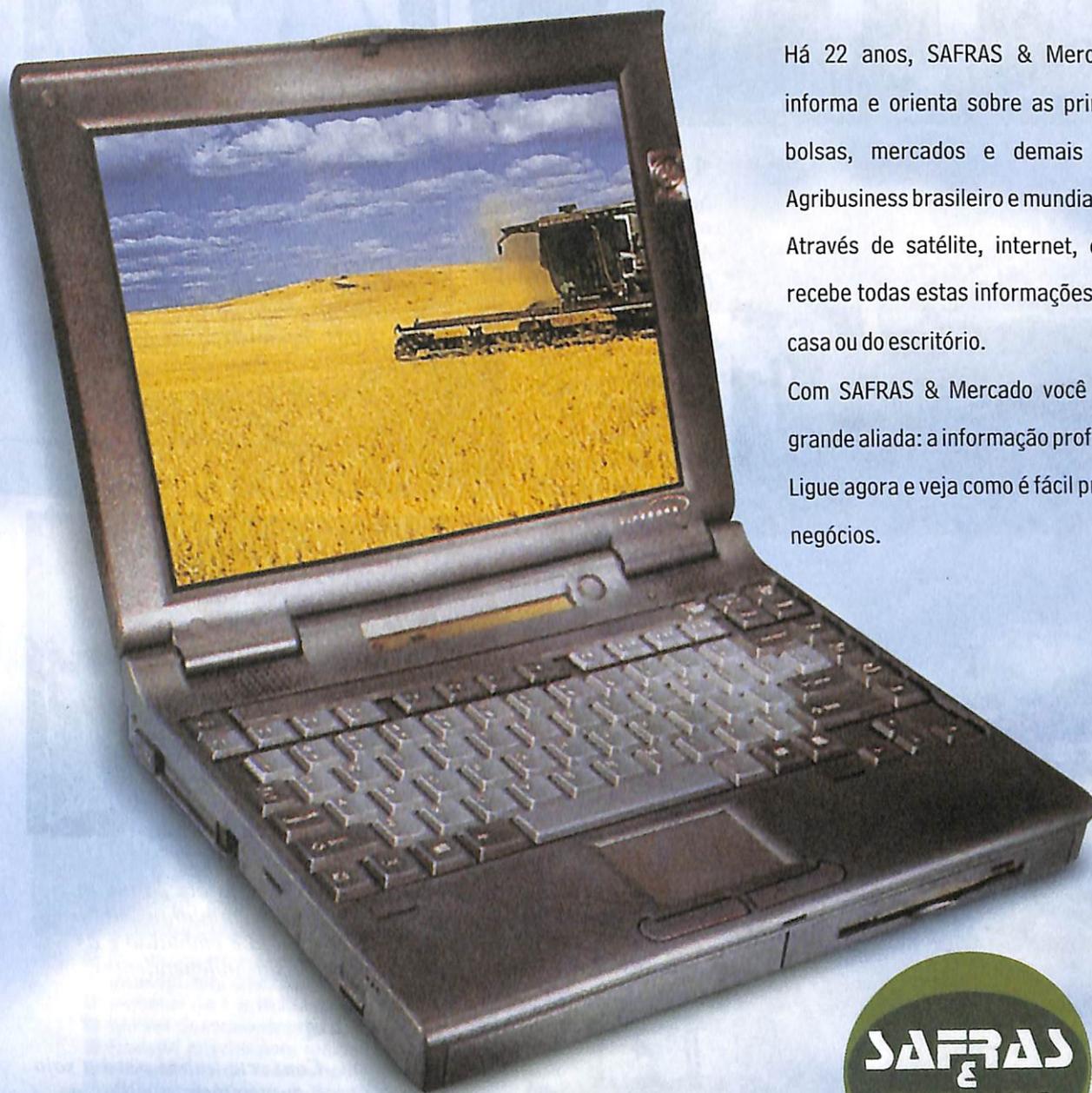


Apesar de ausente das dinâmicas, a Yanmar mostrou em seu estande a linha de tratores para fruticultura e grãos. Destaque para o Yanmar 1050D, na foto junto ao gerente comercial da empresa, Nelson Watanabe. Equipado com motor de 40cv, tração 4X4, o trator vem com direção hidrostática.



www.safras.com.br

O futuro de seus negócios pela Internet.



Há 22 anos, SAFRAS & Mercado analisa, prevê, informa e orienta sobre as principais commodities, bolsas, mercados e demais acontecimentos do Agribusiness brasileiro e mundial.

Através de satélite, internet, correio ou fax, você recebe todas estas informações sem precisar sair de casa ou do escritório.

Com SAFRAS & Mercado você vai ter sempre uma grande aliada: a informação profissional.

Ligue agora e veja como é fácil prever o futuro de seus negócios.



A Principal Fonte de Consultoria dos Profissionais do Agribusiness.

Porto Alegre: Fone: (051) 224.7039 / (051) 800.2272 (Discagem Gratuita)

Cuiabá: Fone: (065) 322.3788 / 322.4764

<http://www.safras.com.br> e-mail: safRAS@safras.com.br

Porto Alegre - Brasília - Curitiba - Cuiabá - São Paulo - Buenos Aires - Nova York

PLANTADEIRAS/ADUBADEIRAS EM PD



▶ A plantadeira-adubadeira Fankhauser 4010 máxima vem com quatro linhas e é especial para a cultura do milho. Possui linhas individuais reguláveis e rodado interno para melhor aproveitamento da área.



◀ Semeadeira direta articulada SDA 2, da Marchesan: projetada para plantio de trigo, arroz, soja, aveia e culturas semelhantes. Com 21 linhas, a máquina efetua a distribuição da semente por fluxo contínuo através de rotores canelados.



▲ Solomatic 4500, da Baldan: plantadeira de precisão com dosadores de sementes pneumáticos de tambor rotativo para todos os tipos de grãos, em linhas pantográficas desencontradas e independentes.



▲ A JM 2980 PD Millennium, da Jumil, planta até 18 linhas para soja e 10 de milho e algodão, tanto em plantio direto como convencional. O sistema de câmbio é embutido e as rodas controladoras de profundidade são independentes.



◀ Com sete linhas para a soja e quatro para o milho, a plantadeira Seed-Max 2207CR, da Max, vem ainda com depósito de adubo com capacidade de 570kg e conjunto disco de corte e sulcador desencontrados.



Produtores em ação nas dinâmicas de plantio: é hora de conferir o desempenho de cada máquina. A intenção é não perder nenhum lance das demonstrações e, a partir disso, fazer as devidas comparações.



▶ Semeadora hidráulica SHM 15/17, da Semeato: própria para plantio direto de culturas de inverno, verão e pastagem em pequenas fazendas. É equipada com facão de efeito guilhotina e discos duplos.



▲ A SA 7300, da Vence Tudo, é recomendada para plantio sobre a palha em pequenas propriedades. Requer pouca potência do trator e permite o cultivo em terrenos acidentados.



▲ Com 11 linhas para a soja e seis para o milho, a PAR 5000, da Semeato, realiza com precisão a semeadura direta, cultivo mínimo ou convencional de grãos graúdos. A máquina pode ser equipada com sulcador de guilhotina.



◀ A PST Activa, da Marchesan, vem com até 15 linhas de plantio de grãos graúdos nos sistemas PD e convencional. O sistema de distribuição de adubo é do tipo rosca sem-fim.

▶ A SLC-John Deere 911 Radial Meter proporciona a distribuição mecânica de apenas oito sementes de soja por metro. O número de linhas varia de nove a 16, dependendo do espaçamento e tamanho do chassi.



PLANTADEIRAS - ADUBADEIRAS

5010 máxima

- Plantio direto e convencional de precisão para soja, milho, girassol, algodão, sorgo e outros grãos graúdos.
- Modelos de 7 a 16 linhas com 45cm de espaçamento.
- Linhas desencontradas para facilitar o escoamento da palha.
- Rodado interno para máximo aproveitamento da área plantada.
- Marcadores de linhas (opcionais) de acionamento hidráulico.
- Monitor eletrônico de dosagem de sementes (opcional).



TUPARENDI/RS - Fone: (055) 543-1108 - CASCAVEL/PR - Fone: (045) 225-2717
LONDRINA/PR - Fone: (043) 325-4398

Procure o revendedor FANKHAUSER de sua região e solicite maiores informações



Plantadeira-Adubadeira modelo 5010 máxima 11 linhas

Desenvolvida para grãos finos, a plantadeira SPDF/A 3000, da Baldan, vem com 17 linhas e espaçamento de 18cm. O equipamento possui kits para plantio de grãos graúdos.



A JM 2040 TOP, da Jumil, pode trabalhar tanto em plantio direto como convencional em três linhas com tratores pequenos e médios. O sistema de distribuição de sementes utiliza discos duplos.



A SSM 23, lançada na feira pela Semeato, é uma máquina de uso múltiplo para diferentes culturas. Planta todo o tipo de grão e possui reservatório principal para adubos e sementes, facilitando, dessa forma, seu abastecimento.



Com capacidade para até 10 linhas de plantio, a plantadeira-adubadeira PDM 9810, da Metasa, semeia grãos graúdos tanto em PD como no plantio convencional. A distribuição do adubo é tipo rosca sem-fim.



A Fankhauser 1016, com sete linhas para a soja, possui dosador com discos horizontais e acompanha todas as ondulações do terreno graças ao sistema de braços pantográficos.

Semeadora de grande porte, a SM 9050, da Vence Tudo, é especial para o plantio na palha. Os discos de corte e sulcadores para fertilizantes possibilitam alta uniformidade no corte do material seco.



Assine

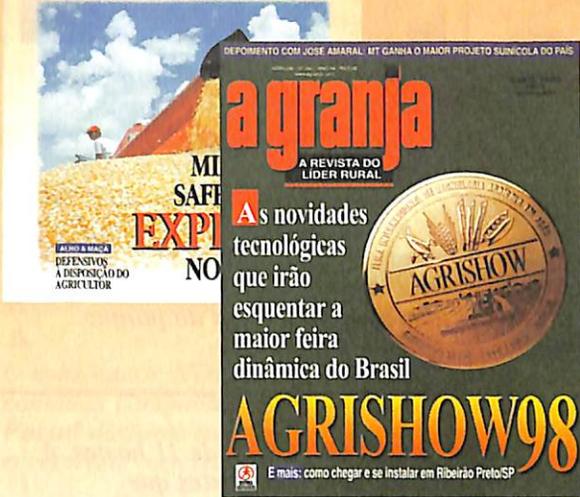
a granja

A REVISTA DO LÍDER RURAL

DEPOIMENTO JOSÉ TOLEDO DIZ QUE O PRODUTOR É VÍTIMA DE ECOTERRORISTAS

a granja
A REVISTA DO LÍDER RURAL

SETOR ARROZEIRO SE REORGANIZA
SHOW RURAL COOPAVEL: PUNTO DE ENCONTRO DA TECNOLOGIA



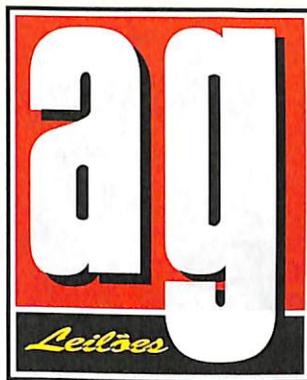
- ✓ A revista **A GRANJA** vem há mais de 50 anos informando o homem do campo com matérias e artigos escritos por quem mais entende do assunto. São matérias de todo o País e do exterior, com ênfase na agricultura e pecuária.
- ✓ Você precisa estar bem-informado sobre o que está acontecendo, novas técnicas, tecnologias de ponta, exemplos de pessoas/empresas bem-sucedidas no ramo.

e receba

- ✓ Tudo isso e muito mais você encontra nas páginas de **A GRANJA** mensalmente.

Grátis

- ✓ A mais completa revista sobre leilões e exposições de gado e cavalos. Cobertura das principais exposições, grandes campeões e seus criadores, leilões, os recordes, as médias, agenda de leilões e feiras. Enfim, tudo o que envolve o criador de elite.



+



- ✓ Assinando **A GRANJA**, você recebe todo o ano (em setembro) o anuário **A GRANJA DO ANO**, o mais importante da agropecuária brasileira, com endereços e produtos & serviços de todas as empresas relacionadas com o agribusines.



✓ **Assine já - Ligue (051) 233-1822**

PREPARO DE SOLO E PLANTIO CONVENCIONAL



▶ A grade aradora com controle remoto GAPCR 1632, da Santa Izabel, vem com espaçamento de discos de 340mm, permitindo maior penetração do equipamento ao solo e, conseqüentemente, a incorporação de material orgânico.



Mauro Jones Ruiz e Mauro Cesar Negrelli, produtores da cana-de-açúcar em Guapeaçu/SP: a dinâmica é a melhor alternativa para que o produtor veja na prática os equipamentos expostos na área estática e que na maioria das vezes não conseguiria ver em funcionamento fora do parque.



◀ O arado escarificador Baldan AETCR/D, de 11 hastes, é dotado de uma mola em cada uma das hastes que proporciona vibrações durante a operação. Isso faz com que a mesma retorne automaticamente na posição de trabalho após impactos contra obstáculos.



▲ O arado subsolador AST/MATIC com sete hastes, da Marchesan, rompe camadas compactadas de até 45cm de profundidade. É equipado com sistema de desarme automático das hastes.

▲ Combo 6800, da Case: equipamento de preparo mínimo de solo composto por uma grade tandem com 32 discos de 24 polegadas. Na parte posterior, um subsolador de sete hastes semi-parabólicas, com capacidade de trabalho de até 60cm de profundidade.



◀ Grade aradora intermediária com controle remoto SAC-40, da Civemasa, é ideal para nivelamento de solo na cultura da cana. É equipada com quatro cubos e rodas independentes.

Com largura de trabalho de 8,6m e profundidade de até 20cm, a grade aradora intermediária GCRTI de 62 discos, da Baldan, vem com sistema em tandem de preparo de solo, que permite o trabalho seqüencial sem a necessidade de fazer quadros.



O subsolador AST/MATIC 650, da Marchesan, rompe camadas compactadas de até 60cm de profundidade. Possui desarme automático das hastes e ponteiros reversíveis especiais.



Terraceador Baldan TACR, de 22 discos: construção ou reforma de terraços de base larga de até 90cm de altura e nove metros de largura. Os pistões hidráulicos de dupla ação auxiliam na inclinação do cabeçalho e acionamento das rodas.

Subsolador Stara RP 2800: renovador de pastagem, realiza numa única operação a subsolagem, adubação e sementeira a lanço sem inverter as camadas do solo.

Informatize, você também, a sua fazenda com sucesso.



Administração do rebanho e controle financeiro.



Controle operacional das atividades agrícolas e administração financeira.



Controle de máquinas da fazenda, gerenciamento da manutenção, consumo de peças e combustível.

BRINCOS COM CÓDIGO DE BARRAS



Automatiza seu rebanho controlando individualmente os animais de forma eficaz.

Cadastre-se em nossa home page www.agrisoft.com.br e CONCORRA A UM SOFTWARE AGRISOFT de sua escolha. O sorteio será realizado em 20/06/09 e o resultado será divulgado na própria home page.

Aproveite a **SUPER PROMOÇÃO AGRISOFT.**
Descontos Especiais para leitores da Revista Granja.
Consulte-nos pelos tels.:
(011) 5181-1571 e 5181-3340.
AGRISOFT

Com oito linhas e distribuidor horizontal de sementes de soja, a plantadeira de precisão PP Solo 4000 LC 10, da Baldan, é ideal para o plantio de grãos graúdos. Possui sistema de lubrificação centralizada e cubo dos discos com rolamentos duplos de lubrificação permanente.



Com 20 discos de 28 polegadas, a grade aradora GAPICR, da Piccin, vem com espaçamento de 29cm entre os discos e largura de trabalho de 2,61m. Requer trator de 138cv.



Starplan 3000, da Stara: possui navalha de corte de três metros de largura, possibilitando a construção ou desmanche de terraços, fechamento de barrocas e eliminação de ondulações no terreno.



A plantadeira Super Tatu modelo PST 2 efetua o plantio convencional com precisão das culturas de grãos graúdos. A distribuição do adubo é via sistema rosca sem-fim.



Plantadeira PHT, da Marchesan: plantio convencional de milho, soja, amendoim, sorgo, feijão etc. Tem rodeiros articulados, sistema de adubo com rosca sem-fim e controle de profundidade nas sementes

PULVERIZADORES



Alba Super Truck 2000: tanque de 2.000 litros; rodados truck (que garantem maior velocidade e estabilidade às barras); barras de 18m semi-hidráulicas e comando auto-regulador. O Alba é fabricado pela Montana.



▲ O Uniport 2000, da Jacto, tem capacidade de trabalho de até 150ha/dia. O equipamento vem com motor Perkins, tanque de 2.000 litros, barra de 21m e vazão de 120 litros/min.



▲ O pulverizador autopropelido Max-System, da Max, é uma fusão de trator e pulverizador. Isso permite menor contato do operador com o produto químico e, também, trabalho noturno.

▲ O sistema de barra ventilada, onde uma cortina de ar gerada pela turbina torna a pulverização mais precisa, é o diferencial do Falcon Vórtex, da Jacto. O tanque tem capacidade para 600 litros, com barra de 14m.

▶ Equipado com sistema de balizamento aéreo por GPS, que garante uma precisão submétrica, o ENB-202 Ipanemão, fabricado pela Embraer/Neiva, pode aplicar defensivos em até 150 litros/hora. O avião possui tanque com capacidade de 950 litros.





◀ *K.O. CROSS-S: possui tanque com capacidade de 2.000 litros e barra de 18m com levante hidráulico. A bomba tem capacidade de vazão de até 150 litros/min. O comando possui retorno individual para cada parte da barra.*



▲ *O superturbo 2000N, da FM Copling, é para fruticultura. O pulverizador possui sensores independentes, possibilitando, dessa forma, trabalhar de ambos os lados.*



▲ *Com motor Cummins turbinado de 200cv, seis cilindros e tração nas quatro rodas, o Rogator 854, da norte-americana AG-CHEM Equipment, tem barras de até 27m de largura e pode atingir velocidade de até 30km/h. A capacidade do tanque é de 3.000 litros.*

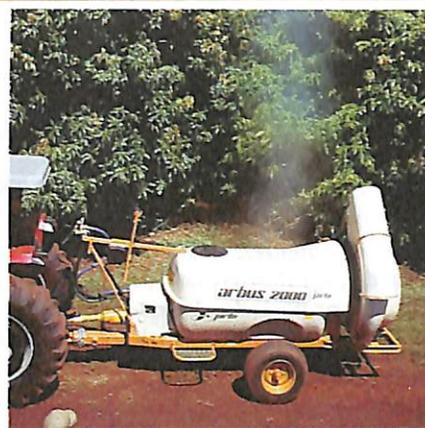


◀ *Ideal para café, o Suprema 2080, da Montana, tem capacidade de 1.500 litros, depósito de água limpa e turbina de 800 milímetros com embreagem centrífuga. A transmissão é por caixa de embreagem com duas velocidades.*

▲ *O controlador eletrônico de pulverização do Colúmbia Vórtex Eletronic, da Jacto, regula automaticamente a aplicação. O sistema fornece ainda informações sobre a área tratada, volume e tempo de trabalho.*



▲ Desenvolvido para cafezais de pequeno e médio portes, o K.O. 700-CA vem com tanque para 700 litros, turbina de 730mm, com 14 bicos dirigíveis fixos. A bomba tem vazão de 45 litros/min.



◀ O Arbus Export, da Jacto, tem capacidade de tratar pomares de até 7m de altura e vem com tanque de 2.000 litros. Os sensores localizam as plantas para que o produto seja aplicado somente onde haja necessidade.



◀ A turbina de 840mm do Omega Citrus, da Montana, produz 70.000m³ de ar por hora, com velocidade de 160km/h. A bomba atinge vazão de 160 litros/min e o tanque tem capacidade de 2.000 litros.



▲ Com tanque de 4.000 litros e bomba de vazão de 300 litros/min, o Arbus 4000, da Jacto, é um dos maiores pulverizadores do setor. Trata árvores frutíferas com até 9m de altura. Possui motor Perkins de 115cv, para mover seus dois ventiladores.

Sen Spray

Novo Lançamento



TECNOLOGIA MUNDIAL EM PULVERIZAÇÃO

- Controle total de pulverização por computador
- Tração Hidrostática 4x2 e 4x4
- Nova Barra de pulverização autonivelante
- Sistema de marcação por D.G.P.S. (Satélite)
- Sistema de proteção de vento (Deriva)

Sen Spray

Tecnologia em aplicações e agricultura de precisão

Rua Nemitala 99 - sala 04
Fones/Fax: (011) 7922-4009,
7922-4055, 7922-0431
CEP 06700-000 - COTIA - SP

ADUBAÇÃO E CORREÇÃO DE SOLO



▶ *Distribuidor de corretivos e sementes Nevoeiro, da JR: distribui os insumos através de esteiras individuais que lançam o produto ao solo por gravidade. As esteiras são tracionadas pelas rodas acionadas por controle remoto.*



▲ *Com seis adubadeiras e 12 discos duplos montados em armação de vigas tubulares, o adubador ACD, da Baldan, tem depósitos duplos anticorrosivos, com capacidade da carga de até 110 litros cada. O ACD pode ser usado tanto em sistema PD como convencional.*



▲ *Precis 1100, da Jumil: distribui sementes, corretivos e fertilizantes a laço, com capacidade de 1.100 litros. Possui ainda bitola regulável para todas as culturas, evitando, com isso, o pisoteio.*



▲ *Adubadeira pendular TS 1153, da Vicon: capacidade para 1.150 litros; peso vazio de apenas 170kg; e largura efetiva de trabalho de até 14m.*

◀ *O distribuidor de calcário da Ipacol pode executar quatro tarefas: opera com produtos secos e líquidos, esparrama calcário, transporte e descarrega grãos. A capacidade varia entre 1,5 e cinco toneladas.*



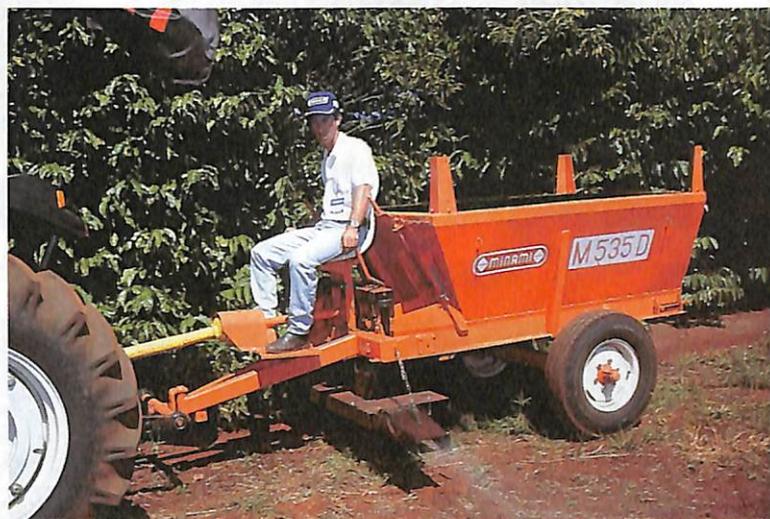
◀ O distribuidor de fertilizantes e corretivos Lancer 6500, da Jan, atinge faixas de aplicação de até 25m e pode ser usado em pomares, cafezais e lavouras de grãos.



▲ O distribuidor Tornado 1800, da Stara, distribui fertilizantes numa distância de até 20m; pode ser acionado por cabo à distância; e cobre até 15h/hora.



▲ O distribuidor de calcário e fertilizantes DCF 6000, da Baldan, tem rodado em tandem com rótula de articulação que diminui a compactação do solo; sistema de distribuição por corrente e caixa redutora, dispensando o uso de correias.



▲ Desenvolvida para operar em culturas perenes, como café e citros, a adubadeira M 535 D, da Minami, possui sistema de distribuição intermitente para plantas novas, onde a aplicação de insumos é feita de pé em pé.

▶ Terra Gator 8103, da AG-CHEM Equipment: motor John Deere turbinado de 300cv; desloca-se a uma velocidade de cinco a 32km/hora; compartimento de distribuição de fertilizantes com capacidade para oito toneladas.





◀
Super Tatu DCA2 5500, da Marchesan: distribui calcário seco ou úmido, adubo granulado ou em pó, esterco orgânico, gesso ou sementes. As esteiras são com travessas em aço inox, e os discos distribuidores possuem palhetas reguláveis.



◀
Com capacidade de carga de até 2,5m³, a carreta distribuidora de calcário Master 5500, da Piccin, requer trator com potência de 75cv, vem com transmissão lateral e vazão regulável de 50 a 1.500kg/hectare.

▲
Precis 2400, da Kuhn: distribui sementes/corretivos e fertilizantes num raio de 36m; depósito para 2.900 litros, nas versões de arrasto ou hidráulico. No Brasil, a representante da Kuhn é a Jumil.



Cultivador químico Busa-Redboll: opera nas culturas de cana-de-açúcar, algodão, milho e soja; utiliza dois tanques distintos com capacidade de 600 litros cada, com opções de duas, quatro ou seis linhas.



▲
Tornado 3000, da Stara: distribuidor de adubos e fertilizantes com disco duplo, palhetas em aço inox, e tanque com capacidade de até três toneladas de corretivos granulados.

HORTIFRÚTIS



Carreta Bean, da Fido: desenvolvida especialmente para a colheita de laranja, o veículo é autocarregável, capacidade de transporte de 216 caixas de 26kg, elevador de esteira por corrente ou lona e tempo de descarga de no máximo 10 minutos.



A pá-carregadeira modelo uniloader 90XT, da Case, está equipada com motor de 85cv e dotada de comandos por joysticks.

MOTOSSERRAS



Quem visitou os estandes da Andreas Stihl e da Eletrolux pôde ver de perto os últimos lançamentos de motosserras, roçadeiras e lavadoras de pressão. Na Stihl, por exemplo, os instrutores deram um verdadeiro show com a motosserra, prendendo a atenção de quem passava pelo estande. Das mãos habilidosas dos técnicos saíram os mais variados desenhos e esculturas feitos na madeira. Além de sua ampla linha de produtos, a Stihl apresentou na feira a roçadeira FS 85, especialmente desenvolvida para jardinagem, aumentando para nove o número de modelos disponíveis no mercado brasileiro.



Pneumática a vácuo, com rolo compactador, a JM 2400 Natura, da Jumil, é ideal para a horticultura.

Planta em linhas simples de 20cm e linhas duplas para cenoura e cebola.



Para o transporte de verduras, frutas, cereais etc, o Box-Train, da Guarany, pode ser utilizado em qualquer tipo de terreno. Os reboques são construídos para transportar caixas de madeiras ou de plásticos.

IRRIGAÇÃO



▶ A barra móvel de irrigação Piovana, da Prayon, funciona sob baixa pressão em culturas como feijão e soja.



◀ O Powerroll Wade Rain é um sistema de irrigação rolante para ser utilizado em culturas de até 1,20m de altura, em terrenos com declividade de 30%. Possui tubos de alumínio com até 12m de comprimento.



▶ Francisco Vichinheski, diretor da Cataventos Kenia: ênfase para o cavalo mecânico, dispositivo que aumenta a potência de vazão d'água a cada bombeada.



▶ Rainstar TX 90, da Bauer: sistema com carretel enrolador, com barra de spray. A turbina axial proporciona a perda mínima de pressão.

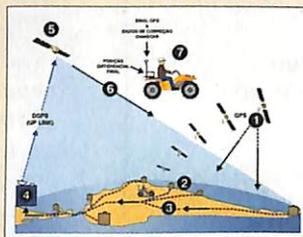


▶ Carlos Reiz, da Valmont: nosso pivot central é um dos maiores sistemas de irrigação disponíveis no mercado.

AGRICULTURA DE PRECISÃO



- RECEPTORES E SINAL D.G.P.S.
- MONITORES DE PRODUÇÃO (COLHEITA)
- MARCAÇÃO DE PULVERIZAÇÃO VIA D.G.P.S.
- EQUIPAMENTOS DE TECNOLOGIA DE VAZÃO VARIÁVEL



Tecnologia em aplicações e agricultura de precisão

Rua Nemitala 99 - sala 04
Fones/Fax: (011) 7922-4009,
7922-4055, 7922-0431
CEP 06700-000 - COTIA - SP

Pulverizador Autopropelido.

PAP-2018

- * Implemento que vem complementar a tecnologia do plantio direto.
- * Único implemento no mercado, com características diferenciadas, onde se salienta a montagem padrão.

LAVRALE

Rua Oberdan Cavinatto, 290 - Fone/Fax: (054) 229.2211
95.055-450 - Caxias do Sul - RS. E-mail: lavrale@nutecnet.com.br



FENAÇÃO



Ceifadeira Case 8312: o corte da cultura é feito por oito discos com duas facas cada. O material é condicionado por dois rolos de borracha de 2,79m de largura.



▲ Segadeira condicionadora New Holland 1412: vem com sistema modular de barra de corte. Os rotores, com duas facas, são acionados por módulos independentes, e o condicionamento do material é feito por dois rolos com martelo.



▲ A condicionadora Kuhn FC 202 tem dois metros de largura de trabalho e cinco discos de corte. A representante da empresa no Brasil é a Jumil.



▲ Acionada por trator de 35cv, a segadeira CM 164, da Nogueira, é equipada com sistema de proteção contra impactos, embreagem e capa protetora flexível. Opera em até dois hectares/hora.



◀ O ancinho enleirador Semeato ES 280A revolve o material cortado, evitando que o mesmo tenha contato com o solo, e mantém nas leiras toda a palha que porventura se encontre dispersa.

▲
Ancinho múltiplo Metasa AEM 3000: espalha e enleira a palha simultaneamente. É dotado de duas rodas ao centro de cada rotor e acompanha as irregularidades do terreno.



▲
O ancinho Haybob 300, da Nogueira, possui sistema de aletas flutuantes que revolvem completamente o feno. A mudança das posições enleirar/espalhar é feita em poucos minutos.



▲
Ancinho rotativo CR 320, da JF: trabalha com largura de até 3,20m, podendo espalhar duas leiras ao mesmo tempo. Uma pequena alavanca muda a posição de enleirar para espalhar.

▶
A enfardadeira circular de câmara fixa Agroform produz fardos cilíndricos de 1,2m de diâmetro por 1,2m de largura. Opera com qualquer tipo de capim, produzindo até 30 fardos/hora.



▲
Ancinho combinado GRS 25N, da Kuhn: possui sistema pivotante nas rodas, que acompanham as irregularidades do terreno; caixas de transmissão blindadas. A largura de trabalho é de 3,5m.





▶ O sistema dosador da prensa enfardadeira PEM 3040, da Metasa, é dotado de amortecedores de impacto e vibrações. Produz fardos tipo pacote, com comprimento 30cm a 1,20m.

◀ Enfardadeira de rolo Case 8420: possui câmara de compactação do tipo variável. Suas cinco correias produzem fardos com miolo firme. O diâmetro dos rolos varia entre 76 e 137cm, e o peso atinge 250kg.



▲ Enfardadeira de rolo 5810, da Mainero (Jumil): produz fardos compactos, variando entre 250 e 350kg, e sistema de pressão variável. A produtividade chega a 20 unidades/hora.



▲ A enfardadeira de fardos quadrados New Idea 4570, da AGCO, produz até 300 fardos de 35kg/hora. Possui plataforma de recolhimento central de dois metros de largura.

▶ Totalmente automática, a plastificadora Silo Pack, da Agroform, embala e veda rolos pré-secados. O capim pode ser enfardado com teor de umidade de até 60%. A máquina empacota 30 fardos/hora.





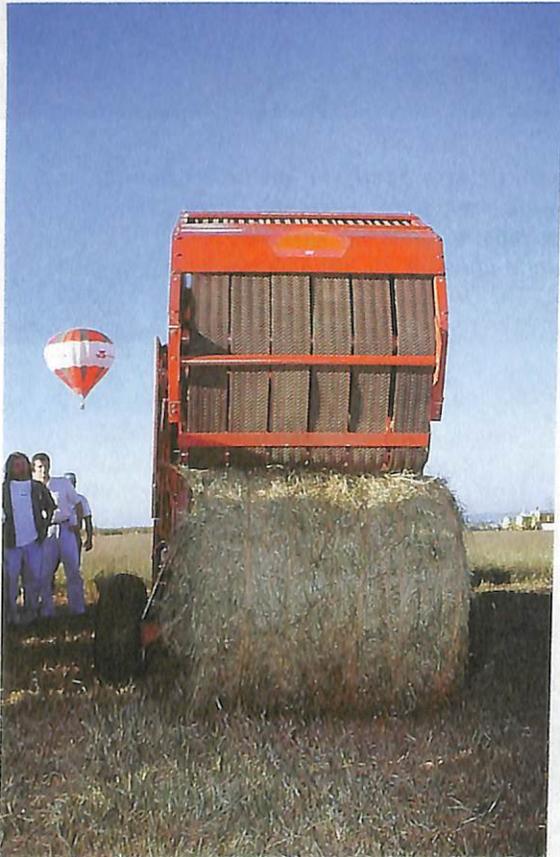
▶ Triturador de fardos de feno New Idea BP 25, da AGCO: processa e distribui feno diretamente no cocho de alimentação dos animais. Vem com caçamba autocarregável.



▶ A enfardadeira de alta pressão AP-41N, da Nogueira, é acionada por trator de 35cv; equipada com triplo sistema de proteção contra sobrecargas; e produz até 350 fardos retangulares/hora.



▲ Rotoenfardadeira New Holland 654: com câmara variável, produz fardos redondos de até 1,80m de diâmetro e 800kg. Quando a unidade atinge o tamanho e o peso ideais, o operador é avisado por um dispositivo sonoro.



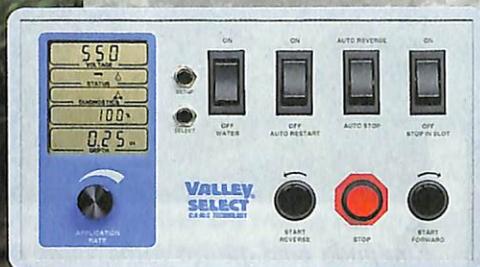
◀ O sistema de compactação da enfardadeira New Idea 540, da AGCO, permite apertar o fardo de dentro para fora. Assim, é possível guardar o feno em local descoberto.

▲ Enfardadeira ROL 600, da Semeato: projetada para pequenas propriedades, a máquina produz fardos cilíndricos de 20 a 25kg e requer trator com potência de 15cv. Opera também em terrenos acidentados.

***Economize sua água
e energia com o
Valley 8000, o melhor
em tecnologia de
controle e distribuição
de água***



- Agora a qualidade Americana em equipamentos produzidos no Brasil.
- Valley 5.000.000 hectares irrigados em mais de 90 países...os sistemas Pivot Central, Rebocável, Linear e Linear Universal de maior eficiência do mundo.



- Aspersores e Sprays de última geração com modelos que proporcionam uma excelente distribuição de água.
- O único fabricante mundial a oferecer painel modular 3 em 1.
- Com a tecnologia C:A:M:S "Base Station", você pode programar e controlar seus Pivots à distância.
- Mais de 32 Revendedores autorizados, treinados e equipados para melhor atendê-lo.

**VALMONT IRRIGATION
QUALITY SYSTEM
ISO 9001 REGISTERED**

Valmont Ind. e Com. Ltda • Av. Francisco Podboy, 1600
Distrito Industrial I • Uberaba – MG • Cep 38056-640
Tel.: 55 34 313 9210 • Fax.: 55 34 313 9270
<http://www.valmont.com>
E-mail: valmont.vendas@ldc.com.br

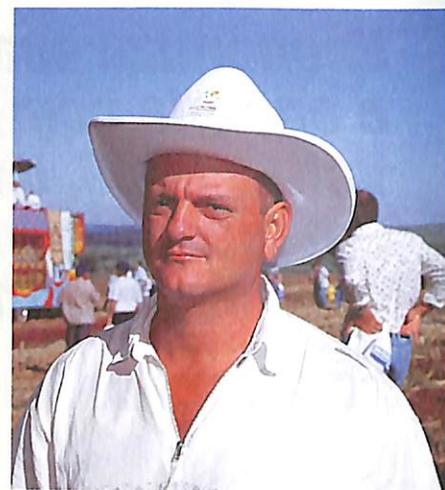


A marca de maior confiança em irrigação™

SILAGEM



▶ Vagão forrageiro VF 10000, da Penha: trabalha com descarga automática, movimentando a carga para frente e para trás. A forragem pode ser descarregada nos comedouros ou pela parte traseira do vagão, através da tampa basculante.



A qualidade de corte e picagem da forrageira independe da potência e do tamanho do equipamento. É necessário, antes de tudo, máquinas bem reguladas e adaptadas ao terreno. Quem avisa é o produtor Ademir Garcia da Silveira, de Quirinópolis/GO.

◀ Importada da Alemanha pela Interplan, a automotriz Maral 125 vem com plataforma kemper C 3000 para quatro linhas. Equipada com motor de 230cv, a máquina consegue uma produção média de 1,5ha/hora.



▶ A carreta forrageira Reboke 8000, da Stara, pode ser acoplada em qualquer tipo de conjunto e opera com trator de potência mínima de 50cv. Tem capacidade de carga de 8,1m³.



▶ Equipada com quatro rolos, duas facas circulares, quatro facas bimetálicas com afiador acionado pela bateria do trator, a forrageira CPF 2000, da Pinheiro, garante qualidade de corte do produto picado.



▲ JF 90Z10, da JF: possibilita 12 tamanhos de corte de qualquer tipo de forrageira; possui facas em forma de Z com aço tungstenado que garante maior durabilidade de corte e menos afiação.



▲ A Colhimenta Robust, da Menta Mit, colhe milho, sorgo, cana-de-açúcar, napier e camerum. Está equipada com rotor em aço de alta resistência, todo montado com parafusos em aço 10.9.



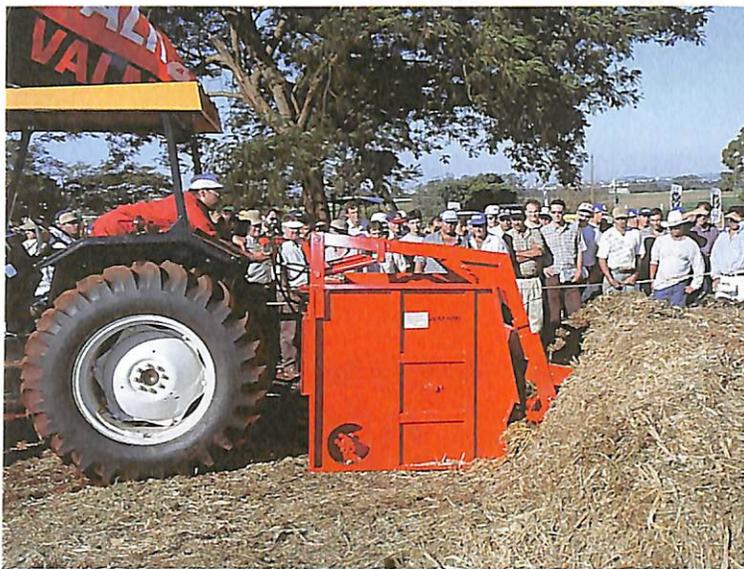
▲ Projetada especialmente para colher cana, a Colhimenta 2000, da Menta Mit, tem capacidade de produção de 40t/hora. A máquina colhe ainda milho e sorgo.



▲ Colhedora de forragem Master 50, da Penha: acoplável em tratores com potência mínima de 50cv, a máquina colhe até 20t/hora; possui dois discos com facas em aço que cortam a planta a garantem e alimentação contínua.



▶ A colhedora de forragens FN-25V, da Nogueira, está equipada com roda de apoio de descarga, afiador e oferece até oito opções de cortes precisos e uniformes.



▶ O vagão forrageiro VFN 8000, da Nogueira, possui esteiras independentes para descarga tanto pela traseira como pela lateral no silo ou diretamente no cocho. Tem capacidade de carga de até 8m³.

◀ Totalmente hidráulica, a desensiladora alimentadora Agroform mistura farelos e sais minerais com a silagem. As operações são feitas em 10 minutos e pode alimentar até 500 cabeças de gado.



▲ Com capacidade para até quatro toneladas de material, o vagão forrageiro VP-6, da Pinheiro, vem com placa protetora da rosca sem-fim e reversão da descarga lateral para a traseira mesmo em movimento.



▶ Misturadora-alimentadora Totalmix, da casale: repica e mistura feno, silagem e sais minerais. Tem ainda vagão que distribui o alimento diretamente no cocho.



▲ Pecos 9004, da Nogueira: tem opções de corte entre cinco e 14mm. Possui dispositivo de acionamento da bica de descarga, roda de apoio, afiador e pino de segurança. Produz até 20t/hora de forragem.



Novidades também não faltaram entre as empresas dos três setores que estiveram presentes na feira. Em alguns estandes, os produtores puderam ver in loco o desempenho dos últimos lançamentos, principalmente em sementes



◀ *Fertiza: a empresa paulista trouxe para os visitantes da feira a linha de fertilizantes Força Total. Para os diretores Angelo Primo Scartozzoni (à esquerda) e J. Fernando Sampaio, trata-se de uma formulação dirigida, que leva em conta as necessidades de cada talhão.*

▶ *Nos plots da AgrEvo, a novidade foi a variedade de soja suprema, resistente ao acamamento e ao cancro-da-haste, que chega ao mercado na safra 1998/99. Na foto (da esquerda para a direita): Claudemir Soler, colaborador da Agrevo no Paraná; José Nunes da Silva, gerente de mercado da AgrEvo e Luiz Antônio Silva, representante comercial da empresa em São Paulo.*



▲ *Dentre as novidades apresentadas pela Grazmec, o destaque ficou com o aplicador de formicida granulado. A empresa fabrica também equipamentos para tratamento de sementes. Na foto (da esquerda para a direita): Nelson Azambuja, diretor da Rigran; Walter Kauffmann Neto, diretor da Kauffmann; e Antonio Alberi de Mattos, diretor da Grazmec.*



▲ *Para o gerente de mercado da DuPont, Marcelo Peres, o herbicida pós-emergente Classic é a mais nova arma da empresa no combate de ervas daninhas do cerrado brasileiro.*

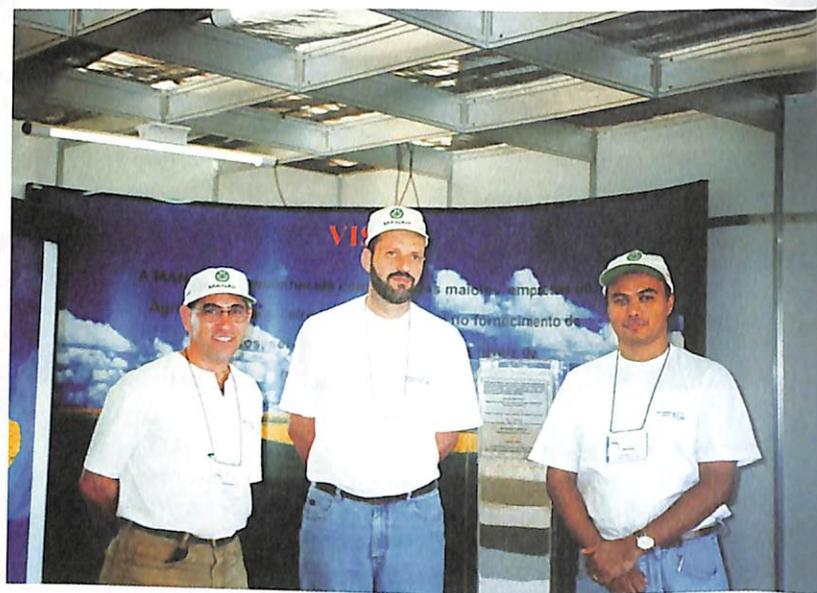
▶ Estande da Landrin: isca formicida para o extermínio de formigas cortadeiras em pastagens, lavouras e matas nativas, conforme explicou Wolmeres S. de Souza, diretor de pós-venda da empresa.



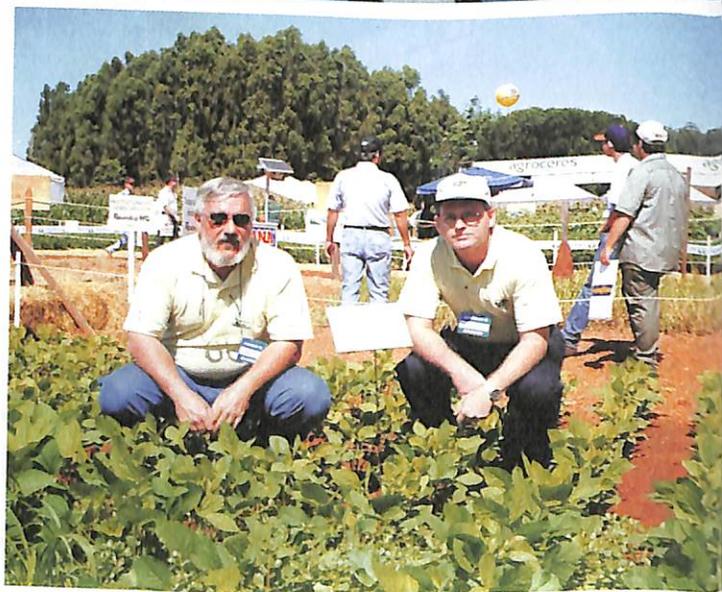
▼ Dentre os estandes de adubos e corretivos, o da Manah foi um dos mais visitados. Acesso do produtor às informações de fertilidade e agricultura de precisão. Na foto, Hernani Vasconcelos (primeiro à esquerda). Na seqüência: Flávio Danilo Haas, da divisão da Manah de Rio Grande/RS, e Michel Henrique Santos, assessor agrônomo da companhia.

Serrana

▲ Estréia marcante: a Serrana, uma das líderes no segmento de fertilizantes e matérias-primas fosfatadas, trouxe a Ribeirão Preto produtos & idéias de ponta. Destaques: palestras sobre adubação, nutrição animal e agricultura de precisão; e portfólio de produtos incluindo as marcas Turbo, Fertiap e Foscálcio, único para nutrição animal com ISO 9002.



▲ Sorgo AG 2005 E, da Agrocères: híbrido simples de duplo propósito, tolerante às principais doenças do colmo, folhas e panículas, segundo o agrônomo Rubens Picoli Mothe Jr.



▲ Quem foi ao Agrishow pode ver de perto a soja Roundup Ready e o milho transgênico no estande da Monsanto. Da esquerda para a direita, o pesquisador Marcio Scaléa e o especialista em biotecnologia da empresa, Goran Kuhar Jezovsek.



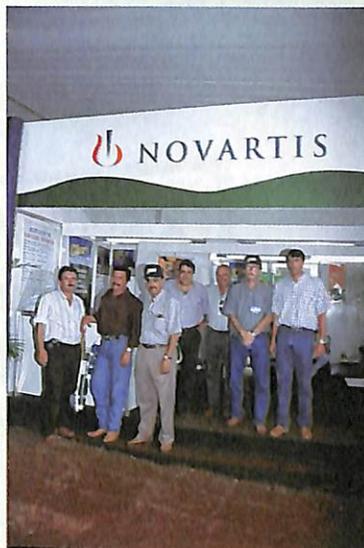
Francisco José Mitidieri, gerente de produto da Zeneca, e o híbrido 8486: milho simples, precoce e tolerante à antrocnose foliar, ferrugem polissora, helmintosporiose, entre outras.

Pavilhão da Andef foi palco da maioria das palestras



Além de aglutinar num só local as principais empresas de defensivos do Brasil, o pavilhão da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) ofereceu inúmeras palestras para os visitantes do Agrishow 98. Entre palestrantes e ouvintes, passaram pelo auditório da entidade importantes pesquisadores, empresários e especialistas em mercado de produtos agrícolas.

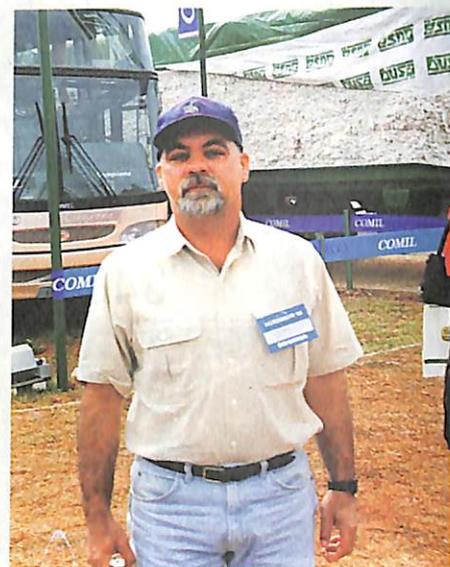
Quem visitou o local ou participou das explanações dos especialistas, aprovou a idéia da Andef e espera que no próximo ano a associação repita a estratégia montada neste ano. Ao que tudo indica, a entidade terá que duplicar o espaço no evento de 99. Além dos fabricantes de defensivos, algumas empresas de máquinas e implementos também utilizaram seus estandes para realizarem explanações de seus produtos. Um dos assuntos mais discutidos foi a agricultura de precisão.



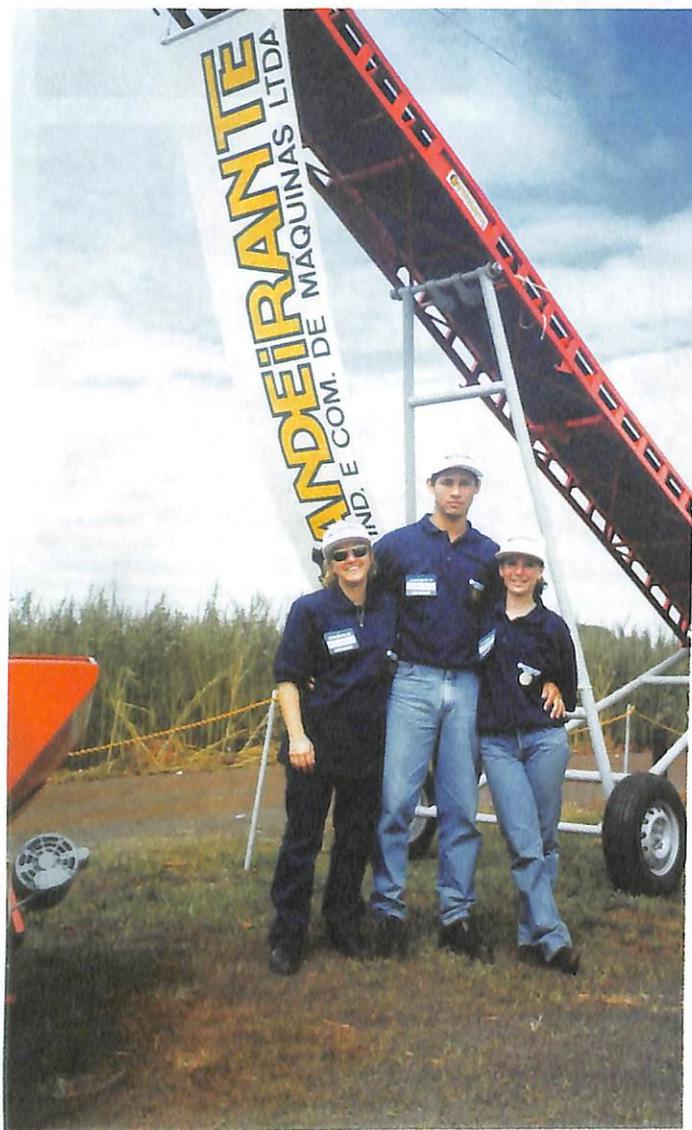
SILOS E ARMAZENAGEM



▲ Controle de qualidade da massa de grãos Dryco, da Dryeration: o gerenciador promove a secagem dos grãos com ar natural, condicionados ao clima local, segundo informa o diretor de marketing da empresa, Arthur Reinke.



Kléber P. Lanças, professor da Unesp, de Botucatu: em termos de tecnologia, o Agrishow 98 não perde para nenhuma feira do gênero em qualquer parte do mundo. É bom saber que nossos produtores estão cada vez mais familiarizados com os últimos lançamentos.



▲ Sonia Formigheri Loss (primeira à esquerda), diretora da Bandeirante: ênfase ao equipamento para tratar sementes. Ao fundo, esteira para sacaria.

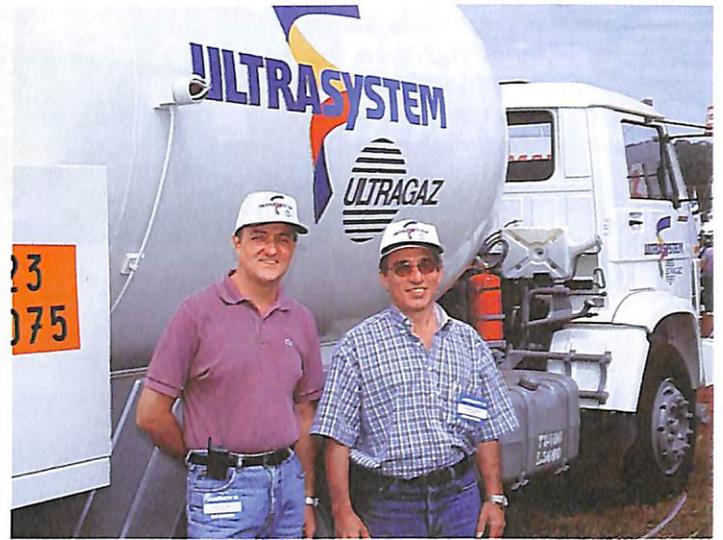


▲ Para o diretor comercial da Kepler Weber, Duílio de La Corte, nos últimos cinco anos a empresa vem implantando uma linha de produtos que privilegiam a automação e controle da poluição. A empresa está lançando a correia transportadora fechada.



▲ Através da parceria com a GSI, dos Estados Unidos, a Tecno Moageira pretende trazer para o Brasil a tecnologia em sistemas de armazenagem americana, conforme o coordenador de vendas da empresa Edmundo Neves (primeiro à esquerda). Na seqüência: Dave Wernsing, da GSI; Lorise Ribeiro, da Tecno Moageira; James Mckay, da GSI; e Eroides Ponciano, da Tecno Moageira.

Com o sistema Ultrasystem de secagem de grãos via GLP, a Ultragaz pretende estabelecer uma nova mentalidade no mercado brasileiro, que ainda utiliza a madeira como combustível, segundo informaram Pedro Mazeiro, diretor de comunicação, e Reinaldo Kacham, gerente de mercado da empresa.



◀ Adir Luiz Bottega, da Metal Saur, e a plataforma hidráulica de descarga de granéis P 400. Foi projetada para operações fixas ou móveis, nas versões manual ou por controle remoto.



▲ Paulo Roberto Mota, gerente comercial da Comil: o captador de impurezas para secadores da empresa retém partículas oriundas do processo de secagem que são jogadas pelo fluxo de ar do secador.

TRANSPORTES



▲ Líder do mercado nacional de carrocerias e reboques, a Randon levou ao Agrishow uma variada linha de equipamentos para o transporte. Destaque para os produtos destinados ao setor canavieiro.



▲ Estande da GMC na feira: caminhões de todas as faixas de potências e uma variada linha de picapes.



▲ No estande da Land Rover, todos queriam conhecer o Defender 4x4, produzido com carroceria de alumínio e chassi reforçado; freio a disco nas quatro rodas; e suspensão de longo curso.



▲ Erni Carlos Koppe Jr., diretor da Waltersheid do Brasil, e Andreas Lohmüller, da matriz alemã: tecnologia em engate do três pontos do trator.



▲ Sistema de engate retrátil de três estágios da PPL: permite a aproximação do caminhão ao reboque com o acionamento da válvula da cabine, segundo o diretor da empresa, Paulo Ricardo.



▲ Pra quem não quer botar os pés no chão a Líder Taxi Aéreo apresentou quatro modelos que aviões de pequeno porte. No detalhe, o Baron 58, bimotor com capacidade para cinco passageiros.



▲ Ortovel, concessionária Ford e representante da montadora no evento: o astro foi o caminhão 2630, especial para o transporte de cana.

▲ Linha de caminhões pesados da Volkswagen: opções para todas as necessidades, na cidade ou no campo.



Sobre os 65 anos do
Jornal do Comércio,
daria para escrever
um livro, mas a
gente preferiu
escrever um jornal.

Fundado por J. C. Jares • 1933

Jornal do Comércio

Porto Alegre, 10 de dezembro de 1997. Quarta-feira - Nº 142 - Ano 65. Venda avulsas R\$ 1,00.

MUDANÇA NOS IMPOSTOS

País discute a tributação

Os secretários de Fazenda começam hoje a discutir no Rio a pro-

posta de reforma tributária. Pedro Paulo, secretário de Fazenda do RJ,

destaca que o nível de discussão é o mais alto em 10 anos.

Ele afirma que o objetivo da reunião é iniciar a discussão sobre a possibilidade de aprovar a mudança em 1998. Os pontos principais são a criação de um imposto sobre valor agregado (IVA) e a simplificação dos impostos sobre produtos.

Um dos pontos mais importantes é a criação de um imposto sobre serviços (IS), substituindo os atuais impostos sobre serviços (ISS) e o imposto sobre circulação de mercadorias (ICMS).

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

A mudança é considerada essencial para a modernização da estrutura tributária brasileira e para a atração de investimentos estrangeiros.

Os municípios também estão sendo pressionados a aceitar a mudança, pois a nova tributação promete trazer recursos para as prefeituras.

Governo vai
privatizar
CRT em junho

Página 7

Condições são precárias
Médica luta
no HPS para
trabalhar

Página 20

O Jornal do Comércio está completando 65 anos. E isso é uma boa prova de que a gente entende de negócios. Foi preciso muito trabalho e a cooperação de muitas pessoas para que chegássemos ao que somos hoje. Um jornal especializado e, ao mesmo tempo, acessível para utilização, que trata de empreendimentos, resultados e traz todas as informações necessárias para isso: desde leis até índices e notícias sobre o mercado. E, como as empresas fortes não têm medo de mudança, o JC também mudou nesses anos para acompanhar e ser sempre interessante para o ritmo de vida dos seus leitores. Por isso mesmo, foi considerado, através de recentes pesquisas, um jornal útil e não somente informativo. Ou você acha que é por acaso que os empresários bem-sucedidos lêem seu jornal antes de ir para o trabalho? Jornal do Comércio. O jornal de quem decide.



Qual a melhor cobertura para PD?

Algenor da Silva Gomes / Adão Duarte Dias
Francisco de Jesus Vernetti Junior
Luís Diego Nieto Silveira
Embrapa Clima Temperado/Pelotas/RS

O cultivo do arroz irrigado, no sistema plantio direto, ocupa no Rio Grande do Sul uma área em torno de 240 mil hectares. Além de minimizar o problema do arroz daninho, a adoção desse sistema vem proporcionando aos orizicultores gaúchos, entre outras vantagens, uma redução do custo de produção, a semeadura em época mais adequada e melhor integração lavoura/pecuária. Embora o azevém seja atualmente a forrageira utilizada com um desempenho razoável em termos de duplo propósito (pastejo e formação de cobertura morta do solo), os orizicultores estão à procura de alternativas mais favoráveis que proporcionem, ao mesmo tempo, melhor desempenho do arroz irrigado e da pecuária de corte.



— Tabela 1 —
**RENDIMENTOS DE GRÃOS (kg/ha) E DE ENGENHO
(% DE GRÃOS INTEIROS) DO CULTIVAR DE ARROZ EMBRAPA 7-TAIM**

Tratamentos	Rend. de grãos (kg/ha)			Média	Rend. de engenho (%)			Média
	94/95	95/96	96/97		94/95	95/96	96/97	
T1	6155	6183	5771	6036a	53	63	61	59a
T2	6342	6040	5682	6021ab	53	62	60	58a
T3	6076	3916	6041	5344bc	55	62	62	60a
T4	6280	4910	5754	5648abc	57	63	64	61a
T5	5825	5170	5954	5650abc	55	62	64	60a
T6	6912	3473	5482	5306c	59	63	60	61a
T7	6299	4950	6085	5778abc	58	63	60	60a
T8	6877	5247	5806	5977ab	58	63	62	61a
T9	6198	5506	6423	6042a	55	61	64	60a
T10	6012	5319	5768	5700abc	57	62	67	62a
T11	6730	5892	6162	6261a	56	64	63	61a
T12	6382	5763	5361	5835abc	57	62	60	60a
Média	6341A	5206C	5835B		56B	62A	62A	

*Médias seguidas da mesma letra, minúscula na coluna ou maiúscula na linha, não diferem entre si pelo teste de Duncan, ao nível de 5% de probabilidade

Em função do exposto, o presente trabalho foi conduzido objetivando avaliar o comportamento do arroz irrigado, no sistema plantio direto, e de forrageiras de inverno, cultivadas em solos de várzea, com o fim de duplo propósito (pastejo e formação de cobertura morta).

Para a consecução dos objetivos, foi conduzido, na área física do Centro de Pesquisa Agropecuária de Clima Temperado, unidade da Embrapa sediada em Pelotas/RS, sobre um planossolo, nas safras 94/95, 95/96 e 96/97, um experimento de campo, delineado em blocos ao acaso, com quatro repetições. Os tratamentos avaliados corresponderam a: T1 - sistema convencional (SC); T2 - cultivo mínimo (CM); T3 - plantio direto do arroz (PD)/aveia-preta; T4 - PD/tremoço-azul; T5 - PD/aveia-preta; T6 - PD/trigo; T7 - PD/trevo-vesiculoso; T8 - PD/trevo-branco; T9 - PD/ervilhaca; T10 - PD/avevém + ervilhaca; T11 - PD/cornichão; e T12 - PD/nabo forrageiro.

As coberturas vegetais foram dessecadas com glifosate (4,0 litros/ha do produto comercial). No SC (testemunha), foram efetuados trabalhos de aração, gradagem e aplainamento. O cultivar de ar-

roz utilizado foi o embrapa 7 - taim, na densidade de 170kg/ha. Os parâmetros avaliados no presente trabalho foram: rendimentos de grãos de arroz e de engenho e de matéria seca (MS) da parte aérea das forrageiras.

Os resultados de rendimento de grãos e de engenho encontram-se na Tabela 1. A partir da análise conjunta, observa-se que a produtividade de grãos, obtida no sistema de PD, foi semelhante ou, em alguns casos, superior em valores absolutos às alcançadas no SC (T1) e CM (T2). Mereceu destaque o PD realizado sobre as coberturas mortas formadas por resíduos de cornichão (T11), ervilhaca (T9) e trevo-branco (T8). De outra forma, constata-se que o menor rendimento de grãos ocorreu quando o arroz foi cultivado sobre resíduo de trigo (T6), o qual se mostra diferenciado, em termos estatísticos, apenas dos tratamentos T1, T2, T8, T9 e T11. Observa-se, ainda, que a produtividade de grãos apresentou variações significativas em função do efeito ano. Quanto ao rendimento de engenho (% de grãos inteiros), considerando os três anos de condução do experimento (Tabela 1), constata-se que não houve diferenças significativas em função de sistemas de cultivo e de tipos de cobertura

vegetal do solo. Por outro lado, quando se comparam as médias em função do ano agrícola, observa-se que o menor rendimento de engenho ocorreu na safra 94/95, o qual foi estatisticamente inferior aos demais.

As forrageiras de inverno, utilizadas para formação de cobertura vegetal do solo, foram avaliadas também quanto à produtividade de matéria seca (MS) da parte aérea, a qual foi determinada no florescimento (Tabela 2). A aveia-preta, juntamente com o azevém, a consorciação azevém + ervilhaca e o trigo destacaram-se quanto à produtividade de MS. Entre as demais espécies, destacou-se o nabo forrageiro, seguido do cornichão e da ervilhaca. Faz-se oportuno salientar que, nas duas primeiras safras, as forrageiras foram implantadas em solo prepa-

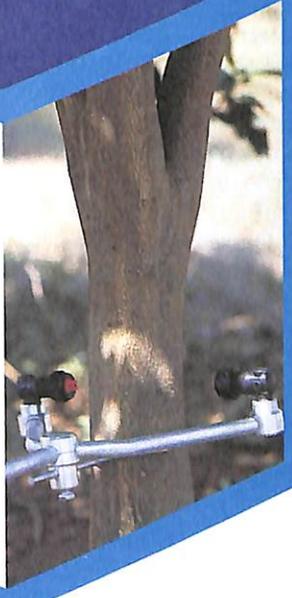
rado convencionalmente, enquanto que na safra 96/97, foram semeadas sobre a resteva de arroz, correspondente ao cultivo do ano anterior, com preparo reduzido do solo (uma passagem de grade destravada). Tal procedimento deve ter concorrido para as baixas produtividades, proporcionadas, especialmente, pelas gramíneas, naquela safra. 

— Tabela 2 —
PRODUTIVIDADE DE DIFERENTES ESPÉCIES DE FORRAGEIRAS DE INVERNO

Forrageiras	Matéria seca (t/ha)			Média
	94/95	95/96	96/97	
Azevém	5,1	5,8	2,2	4,4
Tremoço-azul	1,6	0,5	1,6	1,2
Aveia-preta	5,7	6,4	2	4,7
Trigo	-	5,8	1,1	3,4
Trevo-vesiculoso	1,8	0,5	0,7	1,3
Trevo-branco	1	0,3	2,4	1,2
Ervilhaca	1,1	0,6	3	1,6
Azevém + ervilhaca	-	6,6	1,8	4,2
Cornichão	1,1	2,4	1,7	1,7
Nabo forrageiro	4,1	2,9	1,2	2,7



Inseticida Sistêmico para controle das cigarrinhas transmissoras do CVC da Citricultura



Winner 
PROTEÇÃO SISTÊMICA VIA TRONCO

Novo conceito na citricultura

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um engenheiro agrônomo.** Venda sob receituário agrônomo.



Bayer 

Na era do superprecoce

Emerson Urizzi Cervi

Técnica que possibilita o abate de bois com 16 arrobas de peso vivo aos 12 meses de vida e a um custo médio por arroba de R\$ 15,00, garantindo uma margem de quase 30% de rendimento na atividade. Isso é o superprecoce. Depois de cerca de uma década de pesquisas, experimentos e validações a campo, a técnica de produção de novilhos superprecoces começa a se difundir na pecuária brasileira. Em 1995, pesquisadores da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em parceria com três propriedades rurais (de Minas Gerais, São Paulo e do Paraná), experimentaram a tecnologia a campo e os resultados foram positivos. Os principais objetivos dos pesquisadores: reduzir o tempo para abate dos animais de engorda e tempo de parição das matrizes, com consequente aumento da taxa de desfrute do rebanho. Para os pecuaristas que começam a utilizar a nova técnica, os rendimentos financeiros são o principal atrativo.

Atualmente, em média, os animais para a produção de carne da pecuária brasileira são abatidos com quatro anos de vida. Há excesso de gordura depositada nas carcaças, a carne perde qualidade e fica sem um padrão definido. A primeira parição das matrizes também acontece, normalmente, próximo dos quatro anos. A taxa de desfrute do rebanho nacional gira em torno de 16%.

Com a utilização da nova tecnologia de produção, os machos passam a ser abatidos entre 12 e 13 meses de vida e suas carcaças apresentam uma camada de gordura ideal. As novilhas são cobertas aos 13 ou 14 meses, com 300 quilos de peso vivo. A primeira parição se dá entre 23 e 24 meses. Com isso, a taxa de desfrute do rebanho sobe para pelo menos 36%, além do ganho na padronização da carne, que passa a ter maior qualidade.

Uma das fazendas que participou desde o início do programa do novilho superprecoce, em parceria com a Unesp, foi a Empreendimentos Agropecuários Cambiju Ltda, que fica em Ponta Grossa/PR. Nela, foi dada ênfase à produção de car-

ne de alta qualidade, o que determinou a escolha das raças para participar do programa. Todas as matrizes F1 são meio-sangue simental/zebu e recebem sêmen de touros hereford, charolês, aberdeen-angus, red angus e limousin. O gerente geral da Fazenda Cambiju, Ricardo Oliveira, que acompanhou a pesquisa, garante a viabilidade da técnica para todas as regiões do País e em qualquer propriedade que já possua alguma tecnologia de produção de carne. "Não muda nada na propriedade, são necessárias apenas algumas adaptações no que já existe", garante. Durante o projeto, foram confinados cerca de 300 animais, e a única benfeitoria construída foi um cocho coberto para alimentação dos bezerros, tipo *creep feeding*. O cocho é rústico e pode ser feito com restos de madeira da própria propriedade.

Para Ricardo Oliveira, a grande vantagem do superprecoce é que ele termina com a fase da recria antes da terminação, uma das mais caras no processo de produção de carne. "Isso compensa os gastos que se tem com alimentação extra dos bezerros e dos animais confinados, além de dispensar a obrigação do cultivo de pastagens de inverno, principalmente nas regiões mais frias." Outra vantagem é a de que o boi não fica doente, porque ele é engordado rápido na fase mais sadia de sua vida, portanto, não há gastos com medicamentos.

O sistema de produção do superprecoce começa na escolha das raças zebuínas e taurinas que serão cruzadas. Os animais provenientes de cruzamentos *three-cross* demonstram melhores ganhos de peso em confinamento. Os bezerros ficam ao pé da vaca até os oito meses de vida. Nesse período, eles recebem um complemento diário de ração pelo



Fotos: Divulgação

sistema *creep feeding*, que consiste na construção de cochos onde só os bezerros conseguem entrar. O peso ao desmame deve estar entre 200 e 240 quilos vivos. Depois disso, os machos meio-sangue, machos e fêmeas *three-cross* vão para o confinamento, onde permanecem até alcançar entre 15 e 16 arrobas. As fêmeas meio-sangue seguem para um período de recria intensiva, garantindo que aos 13 meses de vida estejam com 300 quilos de peso e possam ser inseminadas. Depois da primeira cria, estas matrizes são abatidas.

Etapas — O cruzamento industrial entre raças é o primeiro passo para a produção do superprecoce. Com ele, são aproveitados os efeitos positivos da heterose. As matrizes meio-sangue de raças zebuínas e taurinas são as mais indicadas para a complementaridade das qualidades raciais, como a rusticidade dos zebuínos, a precocidade e habilidade materna das taurinas.

A terminação de bovinos com 12 meses de vida tem como ponto de partida a exploração do potencial máximo de crescimento dos animais, que vai do nascimento à puberdade. Quando chegam à idade adulta, eles passam a acumular gradativamente mais gordura do que carne. Também é importante que sejam privilegiadas raças de porte pequeno, que crescem mais rápido e consomem menos alimento. A maioria das propriedades que já produzem o superprecoce utiliza a raça

simental como integrante dos cruzamentos para as matrizes. Isso porque ela é uma das que mais produz leite e apresenta maior habilidade materna.

Antes do desmame, os bezerros recebem uma suplementação alimentar em cocho tipo creep feeding. Por este sistema os cochos são cercados por dois fios de arame alto. Assim, só os bezerros conseguem passar por baixo da cerca e ter acesso à ração, que deve ser composta de 75% de milho moído e 25% de concentrado nutrumin. O cocho precisa de espaço suficiente para que todos os bezerros possam consumir a suplementação ao mesmo tempo. Em média, eles comem 750 gramas de concentrado ao dia, que deve ser dividido em duas vezes. A desmama ocorre aos oito meses, quando os machos estão com 240 quilos de peso e as fêmeas, 200 quilos, em média.

As vantagens da utilização do *creep feeding* são: possibilita o desmame de bezerros mais pesados; elimina a etapa da recria, gerando um aumento na lotação de matrizes; e melhora a fertilidade das vacas, que passam a ser menos exigidas pelos bezerros devido à suplementação alimentar.

Matrizes — Depois da desmama, as fêmeas meio-sangue não vão para a engorda. Elas seguem para a recria, pois se transformarão em matrizes F1, que vão produzir bezerros *three-cross*. A recria destas novilhas pode ser no sistema de semiconfinamento ou com o uso de pastagens de inverno. O importante é que elas ganhem 550 gramas de peso vivo ao dia, já que este período dura, em média, 180 dias. Para conseguir este desempenho, as novilhas devem receber pelo menos 6kg de matéria seca diariamente,

com 590 gramas de proteína bruta e 3.900 gramas de nutrientes digestíveis totais. Com isso, elas chegam aos 13 meses pesando 300 quilos vivos e já podendo ser inseminadas. Elas vão parir entre o vigésimo-terceiro e o vigésimo-quarto mês de vida.

Confinamento — Os machos meio-sangue, as fêmeas e os machos *three-cross* seguem para o confinamento após o desmame, onde serão terminados. Os machos saem para o abate com 16 arrobas, em média, e as fêmeas com 15 arrobas. Na Fazenda Cambiju, os machos *three-cross* entram em confinamento com 270 quilos de peso vivo, enquanto as fêmeas apresentam 230 quilos. Os machos meio-sangue começam a engorda com 240 quilos. Estas diferenças são importantes para determinar o tempo de confinamento. Entre animais *three-cross*, os machos levam 130 dias para a terminação com 460 quilos, enquanto as fêmeas necessitam de 160 dias para alcançar 430 quilos vivos. O ganho de peso diário no confinamento fica próximo a 1,40 quilo/dia, com um consumo de 7 quilos de matéria seca ao dia. Isso dá uma conversão alimentar de pouco mais de 5:1. Os animais *three-cross* são reconhecidamente mais eficientes para o confinamento que os meio-sangue.

Durante a engorda, é preciso fornecer mais concentrado do que volumoso, para que todo potencial de crescimento seja aproveitado. O volumoso deve atender apenas as necessidades fisiológicas. Os pesquisadores in-

dicam a utilização de silagem de grãos úmidos de milho como fonte alimentar energética.

Ponto de abate — A forma de definição do ponto de abate, indicado pelos pesquisadores, é outra inovação do superprecoce. Ela é feita por ultrassonografia. Através dos exames, feitos entre a segunda e terceira costelas dos animais, é possível analisar com precisão três fatores que definem o melhor momento para o abate: olho-de-lombo, a camada de gordura e a marmorização da carne. Esta é a maneira mais precisa de definir a hora certa de abater bovinos confinados.

O ideal é concluir o processo de engorda no ponto de inflexão da curva de crescimento, quando eles estão deixando a puberdade e passam a acumular mais gordura do que carne na carcaça.

Nos superprecoces criados na Fazenda Cambiju, o rendimento de carcaça médio foi de 57% para os machos e 54% para as fêmeas. O rendimento de traseiro ficou acima de 50% para ambos os sexos e a camada mínima de gordura foi de 3mm. Por se tratar de animais jovens, o couro não tem injúrias e fica com padrão para exportação, o que é muito difícil se conseguir na pecuária brasileira quando o abate é feito acima dos 40 meses de vida. 



Retorno financeiro garantido

Nas pesquisas a campo sobre produção do superprecoce, os técnicos fizeram um detalhado acompanhamento dos custos, comprovando que a margem de rentabilidade pode chegar a até US\$ 10,00 por arroba de carne produzida. Os primeiros custos levantados foram os de alimentação e manutenção dos bezerros. No creep feeding, com ração à base de 75% de milho moído e 25% de concentrado nutrumin, o custo do quilo do suplemento fica em US\$ 0,19. Como o consumo médio por cabeça é de 750 gramas ao dia e os bezerros passam cerca de 200 dias recebendo a suplementação, o total gasto com ração é de US\$ 28,2

por cabeça. Deve-se somar a eles os custos de manutenção, que incluem mão-de-obra e insumos como vermífugos e outros para as matrizes, que totalizam US\$ 81,89 por animal. O custo final do nascimento até o desmame fica em US\$ 109,91.

No confinamento, a dieta básica é formada por 25% de volumosos e 75% de concentrado. O custo diário da alimentação por cabeça é de US\$ 0,81. Os demais gastos como mão-de-obra, equipamentos, depreciação de instalações e outros ficam em US\$ 0,97 ao dia. Com isso, ao final do confinamento os machos terão custado US\$ 126,10 e as fêmeas US\$ 139,20. Somando estes gastos com os dos

bezerros, chega-se a um valor total de US\$ 236,01 para machos e US\$ 249,11 para as fêmeas *three-cross*.

Como os machos foram abatidos com 16,3 arrobas, em média, e as fêmeas com 15,2 arrobas, o custo da arroba foi de US\$ 14,46 e US\$ 16,39 respectivamente. Considerando o preço histórico de mercado, o produtor alcança uma margem de rentabilidade próxima a US\$ 8,00 por arroba, ou de até R\$ 120,00 por cabeça. Os resultados obtidos com o superprecoce na Fazenda Cambiju e nas demais propriedades, como se percebe, demonstram alta viabilidade técnica e financeira do projeto.

CENOURA & MAMÃO

Um balaio de parasitas

Texto: Gilberto Severo
Pesquisa: Priscila Castro

Ricas em vitamina A, as culturas do mamão (*Carica papaya*) e da cenoura (*Daucus carota L.*) vêm apresentando uma performance satisfatória no mercado nacional nos últimos anos. A área plantada de mamão já ultrapassa 40 mil hectares, fazendo o Brasil aparecer no mapa dos exportadores da fruta. Apesar disso, o País ainda sofre algumas restrições dos importadores, na maioria das vezes ligadas ao aspecto sanitário e, também, ao deficiente marketing dos fruticultores. A cenoura, por sua vez, aos poucos foi migrando do Sul/Sudeste para áreas de clima mais quente do cerrado, graças ao desenvolvimento de cultivares resistentes ao calor e tolerantes às principais doenças de folhagem. Atualmente, a hortaliça é cultivada em 16 mil hectares.

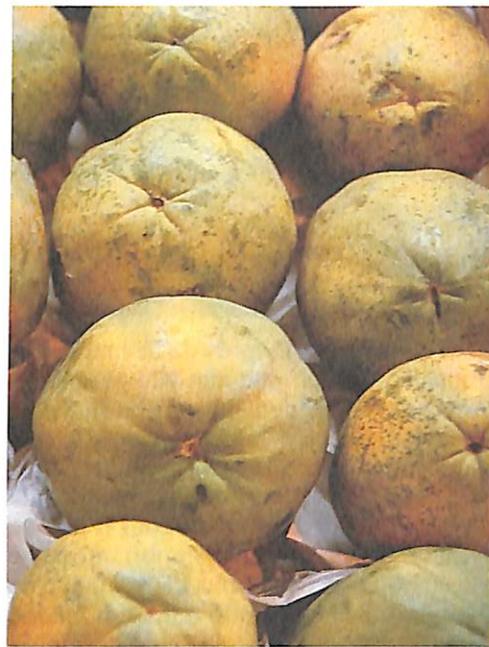
Fruta típica para consumo in natura, o mamão tem a lucratividade totalmente ligada ao alto desempenho da lavoura, até porque a industrialização é limitada e não agrega valor ao produto. Como as margens de lucro são muito reduzidas, os fruticultores necessitam de um grande volume de produção entre junho e agosto, meses que apresentam preços mais elevados. A melhora no desempenho das plantações no Brasil deve-se, sobretudo, a profissionalização do segmento e aos investimentos em irrigação e tratamento de solo em boa parte das lavouras.

Além da tecnificação e de contar com um clima quente, o desafio das propriedades é com o controle de pragas e doenças do mamoeiro. Destaque para o ácaro-branco, transmitido pelo *Polyphagotarsonemus latus*. Juntamente com o ácaro-rajado (*Tetranychus urticae*), a doença tem sido o terror dos pomares das regiões Sudeste e Nordeste.

Dentre as enfermidades provocadas por fungos, as mais comuns são a antracnose, a mela, o oídio, a podridão-mole e



Fotos: A Granja



a varíola. Outra praga altamente limitante de produtividade é a incidência da mosca-das-frutas (*Anastrepha fraterculus*).

Manejo correto — A cenoura é uma hortícola que consegue conviver com plantas daninhas sem sofrer danos até a terceira semana após a emergência dos canteiros. Após esse período é que o controle do mato precisa ser intensificado. O tratamento pode ser feito através dos métodos mecânicos e manuais (desbaste); culturais (aração e gradagem); e com o uso de herbicidas.

Este último deve ser feito de acordo com as particularidades da invasora e as características de cada produto. Quanto às pragas que atacam a horta, destaca-se para a lagarta-rosca

(*Agrotis spp.*), a vaquinha (*Diabrotica speciosa*), a lagarta-militar (*Spodoptera frugiperda*) e os pulgões (*Dysaphis spp.*).

Dentre as doenças causadas por fungos, as mais comuns são a queima-das-folhas, a mancha-de-alternária e a cercosporiose. Destaque também para os nematóides *Meloidogyne incognita* e *Meloidogyne javanica*, que causam a deformação das raízes. Neste caso, a rotação de culturas é imprescindível.

Quanto à utilização de produtos químicos na lavoura, é necessário que o produtor tenha em mãos o receituário fornecido por um engenheiro agrônomo e manuseie os defensivos de acordo com a especificação presente no rótulo de cada recipiente. 

CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA

- | | |
|-----|----------------------|
| I | Extremamente tóxicos |
| II | Altamente tóxicos |
| III | Medianamente tóxicos |
| IV | Pouco tóxicos |

CENOURA				
HERBICIDAS				
AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Afalon SC	Linuron	III	Anileira, beldroega, carrapicho-de-carneiro, carrapicho-rasteiro, caruru-comum, caruru-de-espinho, caruru-de-folha-larga, falsa-dormideira, gorga-spergula, grama-seda, guanxuma, macela, mal-me-quer, mentrasto, mentruz, picão-branco, picão-preto, poaia-branca, rubim, serralha, serralha-lisa, trapoeraba, vara-de-rojão	2,2 a 4,4 l/ha
Podium	Fenoxaprop-p-ethyl	III	Capim-marmelada ou papuã, capim-colchão ou milhã, capim-pé-de-galinha	0,75 l/ha
BASF				
Basamid	Dazomet	III	Capim-carrapicho, marmelada, papuã, milhã, colchão, pé-de-galinha, beldroega, caruru, falsa-serralha, guanxuma, gorga, nabiça, picão-branco, picão-preto, roseta, tiriricão, trapoeraba	50g/m ²
Defensa				
Premerlin 600 CE	Trifluralina	II	Beldroega, capim-arroz, capim-braquiária, capim-carrapicho, capim-amoroso, capim-colchão, milhã, capim-colônia, capim-marmelada, papuã, capim-oferecido, capim-custódio, capim-pé-de-galinha, caruru, gorga, silene, sorgo-de-alepo, capim-massambará-de-sementes	3,0 a 4,0 l/ha
Fersol				
Linurex Agricur 500 PM	Linuron	III	Caruru, quenopódio, beldroega, nabo, azevém, capim-colchão, capim-arroz, canoão, guanxuma	Solo arenoso: 1,2 a 2,0kg/ha Solo areno-argiloso: 2,5 a 3,0kg/ha Solo argiloso: 3,0 a 3,5kg/ha
Nortox				
Trifluralina Nortox	Trifluralina	II	Beldroega, capim-arroz, milhã, capim-carrapicho, capim-mimoso, capim-marmelada, capim-pé-de-galinha, capim-cevadinha, capim-massambará, capim-oferecido, capim-rabo-de-gato, capim-de-topete, caruru, erva-de-bicho, erva-de-queimada, erva-de-santa-maria, grama-azul-anual, painço, alfinete-da-terra, poaia, salsola, sorgo, urtiga	Solo arenoso: 1,2 l/ha Solo areno-argiloso: 1,8 l/ha Solo argiloso: 2,4 l/ha
Novartis				
Gesagard 800 Ciba-Geigy	Prometrine	III	Monocotiledóneas: capim-colchão, capim-marmelada, capim-pé-de-galinha Dicotiledóneas: beldroega, carrapicho-de-carneiro, caruru-comum, caruru-de-folha-larga, guanxuma, picão-branco, picão-preto, serralha	Solo leve: 1,2kg/ha Solo médio-pesado: 1,5 a 2,0kg/ha

Zeneca				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Ervas daninhas controladas	Dosagem
Fusilade 125	Fluazifop-p-butil	II	Aveia, capim-marmelada, capim-braquiária, capim-carrapicho, timbete, grama-seda, roughing, capim-colchão, capim-arroz, angolinha, capim-pé-de-galinha, capim-oferecido, capim-avião, trigo, milho, arroz-vermelho, arroz-preto, capim-massambará	1,0 a 1,5 l/ha 0,75 a 2,0 l/ha 1,5 a 2,0 l/ha 0,75 a 2,0 l/ha 1,5 a 2,0 l/ha
INSETICIDAS/ACARICIDAS				
Iharabras				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Sumithion 500 CE	Fenitrothion	II	Pulgão-da-cenoura	150ml/100 l de água
Sipcam				
Tiomet 400 CE	Dimetoato	I	Vaquinha	120ml/100 l de água
FUNGICIDAS				
AgrEvo				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Sportak 450 CE	Procloraz	I	Mancha-das-folhas	150ml/100 l de água
Brestanid SC	Fentin hidróxido	I	Cercosporiose, queima-de-alternária	50ml/100 l de água
Brestan PM	Fentin acetato	II	Queima-das-folhas, mancha-das-folhas	0,56 a 0,70kg/ha
Agripec				
Agrinose	Oxicloreto de cobre	IV	Mancha-de-alternária, mancha-de-cercospora, podridão-mole	350g/100 l de água
BASF				
Basamid	Dazomet	III	Mela/damping-off	50g/m ²
Bayer				
Folicur 200 CE	Tebuconazole	III	Mancha-de-alternária	1 l/ha
Du Pont				
Manzate 800	Mancozeb	III	Mancha-das-folhas	200g/100 l de água
Fersol				
Cobre Fersol	Cobre	IV	Mancha-de-alternária	250g/100 l de água
Giulini				
Funguran 350 PM	Oxicloreto de cobre	IV	Queima-das-folhas	250g/100 l de água
Garant	Hidróxido de cobre	IV	Queima-das-folhas	250g/100 l de água
Hokko				
Dacostar 500	Clorotalonil	I	Mancha-das-folhas, queima-das-folhas	400ml/100 l de água
Dacostar 750	Clorotalonil	II	Mancha-das-folhas, queima-das-folhas	200g/100 l de água
Hokko Cupra 500	Oxicloreto de cobre	IV	Mancha-das-folhas	250g/100 l de água
Hokko Kasumin	Kasugamicin	III	Podridão-mole	100ml/100 l de água
Hokko Suzu	Fentin acetate	II	Queima-das-folhas	80g/100 l de água
Sialex 500	Procimidone	II	Queima-das-folhas	100 a 150g/100 l de água

Iharabras				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Sumilex 500 PM	Procimidone	II	Queima-das-folhas	100 a 150g/100 l de água
Daconil 500 SDS	Clorotalonil	I	Queima-das-folhas	300ml/100 l de água
Dacobre PM	Clorotalonil + Oxicloreto de cobre	II	Mancha-de-alternária	200g/100 l de água
Daconil BR	Clorotalonil	II	Mancha-das-folhas, queima-das-folhas	200g/100 l de água
Novartis				
Mertin 400	Trifenil hidróxido de estanho	I	Queima-das-folhas	Em caráter preventivo: 30ml/100 l de água No aparecimento da doença: 50ml/100 l de água
Score	Difenoconazole	I	Queima-das-folhas	0,60 l/ha
Rhodia				
Rovral SC	Iprodione	IV	Queima-das-folhas	150ml/100 l de água Calda 1.000 litros
Rohm and Haas				
Dithane PM	Mancozeb	III	Cercosporiose, mancha-das-folhas, mancha-de-alternária	200g/100 l de água
Persist SC	Mancozeb	III	Cercosporiose, mancha-de-alternária	360ml/100 l de água
Sipcam				
Cuprozeb	Mancozeb + Oxicloreto de cobre	III	Cercosporiose, mancha-de-alternária, mancha-das-folhas	200g/100 l de água
Frumizeb	Mancozeb	III	Cercosporiose, mancha-de-alternária	200g/100 l de água
Isatalonil	Clorotalonil	II	Cercosporiose, mancha-de-alternária	200g/100 l de água
Isatalonil 500 SC	Clorotalonil	I	Mancha-das-folhas	300ml/100 l de água
Zeneca				
Vanox 750 PM	Clorotalonil	I	Mancha ou crestamento-de-alternária, mancha-de-cercospora	200g/100 l de água
Vanox 500 SC	Clorotalonil	II	Mancha ou crestamento-de-alternária, mancha-de-cercospora	400ml/100 l de água
Bravonil 500 SDS	Clorotalonil	I	Mancha ou crestamento-de-alternária, mancha-de-cercospora	400ml/100 l de água
Bravonil 750 PM	Clorotalonil	II	Mancha ou crestamento-de-alternária	200ml/100 l de água
Daconil 500	Clorotalonil	I	Mancha ou crestamento-de-alternária	300ml/100 l de água
NEMATICIDAS				
BASF				
Marca comercial	Ingred. ativo	Classe tox.	Nematóides controlados	Dosagem
Basamid	Dazomet	III	Meloidogyne hapla, exigua, javanica, incognita Pratylenchus coffeae, brachyurus	50g/m ²

Fersol				
Marca comercial	Ingred. ativo	Classe tox.	Nematóides controlados	Dosagem
Ralzer 50 GR	Carbofuran	I	Meloidogyne javanica	80kg/ha
FMC				
Furadan 50 G	Carbofuran	I	Meloidogyne javanica	80kg/ha no plantio
Hokko				
Diafuran 50	Carbofuran	I	Meloidogyne javanica	80kg/ha
MAMÃO				
INSETICIDAS/ACARICIDAS				
BASF				
Marca com.	Ingred. ativo	Classe tox.	Pragas/ ácaros controlados	Dosagem
Kumulus	Enxofre	IV	Ácaro-branco	400g/100 l de água
ML				
Sulfure 750	Enxofre	IV	Ácaro-branco	200ml/100 l de água
Novartis				
Thiovit Sandoz	Enxofre	IV	Ácaro-branco	200g/100 l de água
Samaritá				
Nutrixofre	Enxofre	IV	Ácaro-branco, ácaro-vermelho, ácaro-da-porteira	500ml/100 l de água
FUNGICIDAS				
Agripec				
Marca comercial	Ingred. ativo	Classe tox.	Doenças controladas	Dosagem
Agrinose	Oxicloreto de cobre	IV	Variola, antracnose	350g/100 l de água
BASF				
Cobox	Cobre	IV	Antracnose, variola	200g/100 l de água
Kumulus	Enxofre	IV	Oídio	400g/100 l de água
Hokko				
Hokko Cupra 500	Oxicloreto de cobre	IV	Variola, antracnose	250g/100 l de água
Novartis				
Cobre Sandoz BR	Óxido cuproso	IV	Antracnose, variola	240g/100 l de água
Copridol PM	Hidróxido de cobre	IV	Antracnose, variola	280g/100 l de água
Reconil	Oxicloreto de cobre	IV	Antracnose, sarna ou variola	400g/100 l de água
Recop	Oxicloreto de cobre	IV	Antracnose, variola	200g/100 l de água
Samaritá				
Nutrixofre 800	Enxofre	IV	Oídio	500ml/100 l de água
Sipcam				
Cuprozeb	Mancozeb + Oxicloreto de cobre	III	Antracnose, variola	200g/100 l de água
Frumizeb	Mancozeb	III	Antracnose, variola	200g/100 l de água



Em julho: todos os defensivos agrícolas utilizados nos cultivos de **morango** & pimentão. Aguarde



O valor da terra

Diamantino Silva Filho
Advogado

Residem no Brasil, lado a lado, alguns dados e algumas das estatísticas mais esquisitas do planeta. Por exemplo: o País tem o quinto maior território e, provavelmente, a maior massa de desempregados do mundo. Mas é também um dos maiores importadores de produtos agrícolas, encabeçando a lista dos compradores de trigo (cinco milhões de toneladas, em grãos, no ano passado).

Esse paradoxo impõe a lógica aparente da reforma agrária como solução para o encolhimento da produção rural brasileira e para a perversa distribuição das riquezas entre seus habitantes. Em busca dessa saída, o Governo Federal vem assentando o maior número de famílias já registrado na História. Se essa equação é perfeita, examinamos os números.

Desde o início do atual governo, contabilizam-se mais de 800.000 desempregados no campo. Pelas projeções, outros 100 mil trabalhadores rurais deverão perder o emprego até o fim da colheita da próxima safra, segundo informações da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Estudo da Universidade de São Paulo (USP) estima em 30% a perda de renda

agrícola nesse período.

Mesmo que se admita que entre o plantio de uma idéia e seu florescimento há que se aguardar algum tempo, não é recomendável ignorar o terreno em que se está trabalhando.

Examine-se, então, alguns dados objetivos. Tabulados os 170 projetos fundiários em cujo sucesso mais apostou, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) vem de constatar, com tristeza, que menos de 30% estão em andamento. Ou seja, a grande maioria desconectou-se de suas finalidades, e seus lotes estão se fundindo, novamente, em grandes propriedades.

Tente-se esquivar do passionalismo que envolve o tema. Examine-se a legislação que determina terem as desapropriações um fim próprio. Se essa finalidade não é cumprida, impõe-se o direito à retrocessão. Ou seja, o proprietário anterior pode exigir de volta a terra que lhe foi tomada.

Antes de 1988, um hectare de terra em Ribeirão Preto/SP custava R\$ 5 mil ou mais. Hoje, mal se aproxima dos R\$ 2 mil. A explicação é simples: a terra deixou de ser um bem de raiz para ser um núcleo de

produção. Ou seja, o valor é atribuído de acordo com a sua produção.

Não há o que lamentar. O critério vigente é correto.

Examine-se, contudo, a quanto pode chegar o valor de um terreno desapropriado, quando se falta com o devido respeito à lei, à lógica e ao proprietário. Até 1997, o que se fazia era depositar um valor ínfimo. A partir daí, o Supremo Tribunal Federal (STF) baixou uma súmula para o pagamento de juros de 12% sobre o valor não-pago desde a imissão. É o que se chama de juro "compensatório", que deve ser acrescido de 6% referentes à mora, como manda o Código Civil.

Ou seja, se a terra foi desapropriada em 1971, esse percentual cumulativo deve ser multiplicado pelos 26 anos para serem pagos hoje. O valor de uma desapropriação hipotética de 12.500 hectares com mata e todas as benfeitorias — na região mais cara do Brasil (Paraná e Ribeirão Preto) — sem correção monetária, sem compensatório nem mora, seria de R\$ 12,5 milhões. Com a correção, compensatórios compostos e moratórios, o valor devido desta mesma propriedade encontrado pelo contador do tributo é de R\$ 421 milhões.

O Incra já admite ser devedor do índice de 42,24%, referentes à correção dos cruzados bloqueados. Ou seja, dos R\$ 12,5 milhões originais já se chegou em R\$ 274 milhões.

De modo geral, a grande maioria das desapropriações não-pagas tem mais de 10 anos — e cerca de dois terços do valor são custos financeiros.

Como se nota, continua em vigência o ditado: quem paga mal, paga duas vezes. Lamentavelmente, pagamos todos. ☹

AZUL, A NOVA COR DA ECONOMIA.

Hi-Light garante que a área foi pulverizada somente uma vez, evitando perda de tempo e desperdício de produtos. Hi-Light também é inofensivo a plantas e animais.



Aplicação fácil e prática.

HI-LIGHT, CORANTE INDICADOR DE PULVERIZAÇÃO.

Ligue e faça o seu pedido: (051) 341-3225



Um produto RIGRAN.

MAX-SYSTEM PULVERIZADOR AUTOPROPELIDO

- Kits de montagem para transformação trator e pulverizador em sistema de pulverização Autopropelida.
- Maior segurança, visibilidade e conforto para o operador, proporcionados pela cabine climatizada e a colocação das barras na frente.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES CONSULTE-NOS



30 ANOS AO LADO DO AGRICULTOR



Telefax: (054) 330-2300
Carazinho - RS

Agriculture Sale Agent

Ag-Chem Equipment Co. Inc., a progressive, growth oriented manufacturer of heavy, off road Fertilizer and Agro-Chemical application equipment, is expanding the International Marketing Department in response to increased world-wide demand for our products and services.

We have immediate openings for Sales Agents serving Brazil. Applicants must be fluent in Portuguese and English.

The Position also requires a Bachelor's Degree and or experience in sales and marketing, agriculture or ag-equipment experience; computer expertise; and 60-70% travel.

Ag-Chem offers a competitive compensation package. Please send resume, and cover letter in English to.

AG-Chem Equipment Co. Inc.
3702 Sky Harbor Drive,
Coeur D'Alene ID 83814 - USA
Fax-USA: 001-208-765-1167
E-mail: LLARSON@agchem.com
<http://www.agchem.com>

SEMENTES

Está chegando a hora do trigo

Norton Victor Sampaio / Promosem/URCamp / Bagé/RS

Com a chegada do período da implantação das lavouras de trigo no sul do Brasil, repetem-se, neste outono, as já rotineiras seqüências de incertezas quanto ao plantio. As questões do crédito suficiente e oportuno, as projeções de custos de produção e perspectivas de preços no mercado comprador serão, sem dúvida, os principais balizadores na definição do tamanho das lavouras e da intensidade de tecnologia a ser utilizada.

Independentemente destas questões, a única certeza é aquela que remete o setor produtivo ao caminho da busca de maior produtividade nas áreas cultivadas. Esta é a fórmula que permite o ajuste positivo no saldo final entre custos de produção e lucratividade. Nesta hora, o único parâmetro intocável é a qualidade dos insumos e serviços a serem utilizados, notadamente as sementes. Este ano, a coisa não está lá muito favorável. Em mais uma das intermináveis estrepulias do "El Niño", o período de colheita das sementes foi excessivamente chuvoso, fazendo com que grande parte dos lotes disponíveis para o plantio possua padrões de germinação e sanidade preocupantes. Com a venda de sementes realizada para o estado do Paraná, possuímos um estoque próprio suficiente para aproximadamente 250.000 a 300.000 hectares, e as previsões de implantação de lavouras ainda não são perfeitamente conhecidas.

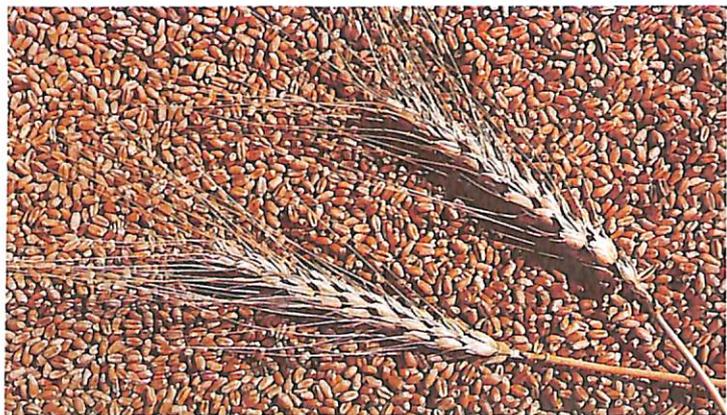
De qualquer forma, a semente deve ser da melhor qualidade possível, obedecendo padrões mínimos estabelecidos pela pesquisa e normatizados pela Comissão

Estadual de Sementes e Mudanças do Rio Grande do Sul (CESM-RS). Como a grande maioria dos tricultores utiliza sementes fiscalizadas, é importante exigir, no ato da compra, o Atestado de Garantia de Qualidade de Sementes. Este é assinado pelo agrônomo responsável por sua produção, após receber fiscalização pela Secretaria da Agricultura e emissão do Boletim de Análise do lote por um Laboratório de Análise de Sementes credenciado pelo Ministério da Agricultura.

Segundo as normas da CESM-RS para sementes fiscalizadas, valem os padrões mínimos de 80% de germinação e 98% de pureza, sendo permitida a presença máxima (em uma amostra de 100 gramas) de três sementes de aveia, duas de outras espécies cultivadas e ZERO de espécies silvestres. Em relação às sementes consideradas nocivas, nenhuma é tolerada para o trigo, devendo ser descartado o lote que possuir ao menos uma delas em uma amostra de 500g. Ainda para garantir a representatividade e confiabilidade da amostra enviada ao laboratório, o peso máximo do lote não deve ultrapassar os 20.000kg (400 sacos de 50kg), e é preciso atentar para o fato de que o teste de germinação possui validade de seis meses. Outro aspecto é o relativo à sa-

nidade. As Recomendações da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo alertam que estas sementes são bastante susceptíveis à infecção por fungos patogênicos, como a ponta-preta, causada por *Bipolaris sorokiniana*, e o micélio-rosado, causado por *Fusarium*, bem como o *Ustilago tritici* e *Septoria nodorum*, responsáveis por podridões de raízes ou enfermidades da parte aérea. No caso da detecção deste agentes, o tratamento das sementes com fungicidas adequados torna-se indispensável, sob pena de comprometer a eficácia dos investimentos realizados em todos os outros fatores de produção.

A qualidade da semente é a única garantia de uma implantação rápida, uniforme e vigorosa de plantas na lavoura. E o uso de materiais fiscalizados, de origem idônea e com padrões de produção acompanhados tecnicamente, é o caminho mais econômico e racional para se obter produtividade e lucratividade.



A Graujá

Folicur®

É eficiente, preventivo, curativo, sistêmico e muito econômico



Bayer 
Proteção das Plantas

DEFESA VEGETAL



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DEFESA VEGETAL

JUNHO DE 1998

VIII ENFIT

VIII ENCONTRO NACIONAL
DE FITOSSANITARISTAS
17.º CONGRESSO BRASILEIRO
DE ENTOMOLOGIA
9 A 14 DE AGOSTO DE 1998
HOTEL GLÓRIA
RIO DE JANEIRO

ENFIT E CBE traçam diretrizes fitossanitárias

Entre os dias 9 e 14 de agosto próximo, estarão reunidos no Rio de Janeiro os maiores especialistas da atualidade em problemas fitossanitários, participando de dois eventos fundamentais para o desenvolvimento da defesa vegetal em nosso País: o VIII ENFIT — Encontro Nacional de Fitossanitaristas — e o 17º CBE — Congresso Brasileiro de Entomologia.

“O VIII ENFIT e o 17º CBE, a realizar-se no Hotel Glória, objetivam estabelecer diretrizes para a defesa sanitária vegetal no Brasil, intensificando e aprofundando a troca de informações técnicas”, define o presidente da Comissão Organizadora, engenheiro agrônomo Maçao Tadano.

A conferência de abertura, no salão nobre, espelha o quanto os dois eventos foram talhados de forma a colocar os fitossanitaristas e entomologistas brasileiros a par do que vem acontecendo, em âmbito global, em defesa vegetal. Para tanto, foi convidado o doutor Marcos Kogan, engenheiro agrônomo brasileiro, formado pela UFRJ e atualmente trabalhando na Universidade de Oregon, nos Estados Unidos, que discorrerá sobre os “Avanços em Manejo Integrado de Pragas — Uma Realidade Mundial”.

A programação, a partir daí, será atualizada e abrangente, abordando temas como o comércio internacional e as implicações na área da fitossanidade, programa nacional de controle de resíduos químicos em vegetais e seus produtos, análise de riscos, avanços tecnológicos em produtos fitossanitários, perspectivas da indústria para o terceiro milênio, informatização do trânsito internacional de vegetais, Agrofit 98 e outros assuntos imprescindíveis.

ZENECA RECEBE
PRÊMIO MÉRITO
FITOSSANITÁRIO

págs. 2 e 3

GCPF/LACPA:
REUNIÃO NO
RIO

pág. 2

ABNT ESTUDA
SOLUÇÕES PARA
EMBALAGENS
VAZIAS

pág. 3

PAVILHÃO
FITOSSANITÁRIO
NO AGRISHOW

pág. 4

Mérito fitossanitário vence



Cristiano Walter Simon: "Que este prêmio seja um passo inicial de um grande programa de educação e treinamento conduzido pelos nossos companheiros"



Os premiados, na pose clássica



Antônio Marques de Souza Neto, o Brasinha, 1º colocado: "Devo ressaltar e agradecer, neste momento, o trabalho de parceria da equipe da ZENECA, que foi fundamental para que eu alcançasse o primeiro lugar, assim como o apoio da empresa"

Em solenidade realizada em Curitiba, PR, com a presença do corpo técnico da ANDEF, foi entregue o primeiro "Prêmio ANDEF de Mérito Fitossanitário", ficando o primeiro lugar com o engenheiro agrônomo Antônio Marques de Souza Neto, o Brasinha, da ZENECA, o segundo lugar para Ademir Pereira da Silva, da DOW AGROSCIENCES, e o terceiro lugar para João Henrique Caligaris de Moraes, da AGREVO, este último representado na festa pelo colega Josué Neto.

Realizada durante o "VICurso para Formação de Multiplicadores da Indústria de Produtos Fitossanitários", a premiação foi saudada pelo Presidente Executivo da ANDEF, Cristiano Walter Simon, como a possibilidade de se dar "o passo inicial de um grande programa de educação e treinamento conduzido pelos nossos companheiros".

Roney Volpi, do SENAR/PR, lembrando o primeiro curso de aplicador costal dado pelo SENAR, em parceria com a ANDEF, "como um passo pioneiro que permitiu reduzir os índices de intoxicação", considerou a iniciativa do Prêmio Mérito Fitossanitário como "uma amostra do cuidado que a indústria dispensa aos seus produtos, um indício da consciência que a indústria possui do seu papel junto ao homem do campo".

Helmut Seltzer, da agência alemã GTZ, participante do grupo que julgou o Prêmio, salientou: "Gostaria de

GUIA DE HERBICIDAS

No decorrer das atividades do VIII ENFIT, estará sendo oficialmente lançada a mais nova edição do "Guia de Herbicidas", obra realizada por Benedito Noedi Rodrigues e Fernando Souza de Almeida (in memoriam), uma das obras indispensáveis àqueles que precisam conhecer a fundo esta classe de produtos, que hoje representa mais de 50% das aplicações de fitossanitários na agricultura brasileira.

"O Guia é uma fonte de conhecimentos específicos, para os que se envolvem com as recomendações ou uso e conhecem a necessidade da análise individual dos problemas com as plantas daninhas, em cada área ou propriedade", comenta o engenheiro agrô-

nomo Dionísio Gazziero.

Importante: o "Guia de Herbicidas" estará à venda a preço promocional para os participantes do ENFIT e CBE: R\$ 25,00.

GCPF/LACPA FIZERAM REUNIÃO ANUAL NO RIO

A GCPF (Global Crop Protection Federation) e LACPA (Latin American Crop Protection Association), entidades que reúnem, em caráter mundial, a representatividade das associações nacionais de defesa vegetal, realizaram no Rio de Janeiro a sua grande reunião anual, entre 31 de maio e 6 de junho.

"Neste evento, em que a ANDEF foi a

anfitriã, discutimos, entre outros assuntos, o alinhamento em âmbito global para os programas básicos que as associações vêm desenvolvendo nos campos da harmonização dos processos de segurança e registro, dos projetos de uso correto e seguro, de destinação final de embalagens vazias de defensivos agrícolas, seja pela reciclagem ou co-processamento em fornos de cimento, bem como a efetivação dos programas de Manejo Integrado e a solução para os estoques de produtos obsoletos acumulados no campo", explica Cristiano Walter Simon, presidente executivo da ANDEF.

Funcionário premia produtores

parabenizar a ANDEF e as empresas a ela associadas, pois foi gratificante integrar a Comissão Julgadora e sentir o trabalho que vem sendo feito para levar os conceitos de uma agricultura mais sadia ao homem do campo. Os trabalhos premiados refletem os esforços para reverter situações adversas e aprimorar as ações, sendo um dos muitos exemplos que temos no sentido de melhorar o uso de defensivos agrícolas no campo. Portanto, a ocasião é de otimismo, pois sabemos ser indiscutíveis os benefícios da química para a agricultura”.

Para o Diretor da ZENECA, Peter Ahlgrimm, a noite foi especial, “uma vez que a premiação serviu como um reconhecimento ao trabalho que a empresa vem efetuando há muito tempo, no plano do treinamento do homem do campo”.

O grande vencedor da noite, o Brasinha da ZENECA, finalizou em meio aos abraços e congratulações: “Acho importante estar aqui presente e recebendo o Prêmio, pelo qual a ANDEF merece os parabéns pelo incentivo a todos nós que atuamos no campo. Sou funcionário da ZENECA há 11 anos e, desde que entrei, fui incentivado a atuar nessa linha de conscientização do agricultor sobre o uso correto dos defensivos agrícolas. Agora, com o Prêmio, eu diria estar colhendo um fruto maduro do trabalho em equipe que realizamos. Muito obrigado a todos”.

A solenidade de entrega do Prêmio foi prestigiada pela diretoria da ANDEF e convidados (esq. para a dir.): Luiz Iha, representando o Presidente da AGREVO; Cristiano Simon, ANDEF; Peter Ahlgrimm, ZENECA; Helmut Seltzer, GTZ; Marçal Zuppi, ANDEF; Jean-Pierre Longueteau, BAYER; Cesar Lamonega, UNIROVAL; e Bradley Mangeot, ROHM AND HAAS



Um auditório lotado, no momento da premiação



Peter Ahlgrimm, Diretor da ZENECA: “O Prêmio é especial, para nós, porque traduz uma espécie de reconhecimento pelo trabalho que a ZENECA vem efetuando há muito tempo, levando treinamento ao homem do campo. Nosso agradecimento aqueles que fizeram a escolha ANDEF pela iniciativa”



POSSE NO SINDAG

O Sindicato Nacional de Defensivos Agrícolas — SINDAG — empossou a nova diretoria em maio, depois de uma eleição que contou com uma chapa montada a partir do consenso entre as empresas do setor. Na presidência da entidade está o engenheiro agrônomo Amaury Sartori, da NOVARTIS. Formado pela ESALQ de Piracicaba, em 1966, Sartori sempre militou na área, acumulando larga experiência internacional em cargos diretivos, algo que será fundamental para imprimir em sua gestão, novos rumos ao SINDAG, em prol do desenvolvimento do setor.

ABNT INSTALA C.E. DE EMBALAGENS

Com a participação da ANDEF, representada pelo engenheiro agrônomo Luis Felipe Fontes, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) instalou em maio a Comissão de Estudo (CE) de nº 23:001.08.002, com o objetivo de estabelecer procedimentos para a destinação final de embalagens vazias de defensivos agrícolas, iniciando os estudos para resolver o problema das embalagens rígidas triplíce lavadas. Posteriormente, será a vez das embalagens flexíveis.

ANDEF E HOLDERCIM ESTUDAM INCINERAÇÃO

Em reunião realizada dia 3 de abril, representantes da ANDEF, de empresas associadas e da Holdercim, empresa associada à Ciminas, iniciaram os trabalhos para analisar a possibilidade de incineração de embalagens vazias de defensivos agrícolas em fornos de cimento. Participaram do encontro, pela ANDEF, o Presidente Executivo, Cristiano Walter Simon, e o Diretor de Projetos Ambientais, Carlos Albert. Pelas associadas, esteve presente o Coordenador de Higiene Ocupacional da ZENECA, Olympio Jardim Júnior, enquanto Francisco A. Souza, Especialista em Combustíveis e Resíduos, e Piero Abbondi, Gerente Geral de Logística, representaram a Holdercim.

Pavilhão: presença marcante no AGRISHOW



No interior do Pavilhão Fitossanitário, um espaço perfeito para uma descontraída troca de idéias



O Pavilhão Fitossanitário, considerado um marco dentro do AGRISHOW



Palestras no auditório do Pavilhão Fitossanitário: a chance de aprofundar conhecimentos sobre defesa vegetal no Brasil



O ministro da Agricultura, Francisco Turra, na abertura do AGRISHOW

Localizado no espaço de concentração de empresas de insumos em geral para a agricultura, entidades de pesquisa e desenvolvimento, como IAC e EMBRAPA, e próximo à área de demonstrações dinâmicas, o Pavilhão Fitossanitário da ANDEF, no AGRISHOW 98, foi classificado por visitantes como uma das mais originais e importantes idéias já introduzidas no evento com o objetivo de disseminar a troca de idéias e a difusão de tecnologia sobre a defesa vegetal.

“Como referencial do setor, que precisa estar presente neste importante evento, creio que foi bastante válida a instalação do Pavilhão Fitossanitário no AGRISHOW”, comentou Sérgio Paiva, da ZENECA, responsável pela realização de palestra sobre a evolução dos fungicidas. Ele apenas fez uma sugestão para a próxima edição do Pavilhão, como aprimoramento da idéia: “A sala de conferência precisa ser mais reservada, mais fechada e escura, de modo que os palestrantes consigam um melhor resultado nas suas apresentações”.

Para o engenheiro agrônomo e pós-graduando em Engenharia de Segurança, César Macedo, “o que marcou muito no Pavilhão foi a centralização num espaço especial das mais avançadas novidades em defesa vegetal, seja no campo dos produtos, nos itens de segurança ou nos programas que vêm sendo desenvolvidos pela ANDEF”.

Estes aspectos ressaltados por César ficaram patentes na extensa e variada programação de palestras realizadas no Auditório do Pavilhão, onde foram apresentadas novas tecnologias de controle, equipamentos de proteção individual, abordados temas como clorose variegada dos citros, patologia de sementes, segurança e saúde do trabalhador rural, destino final de embalagens, biotecnologia e outros.

“Pela primeira vez na história do AGRISHOW, a ANDEF buscou, juntamente com empresas associadas, plantar uma semente e observar o crescimento da planta. Como sempre acontece na agricultura, somente o tempo vai dizer se colheremos bons frutos, mas, no que depender das nossas ações, creio que a árvore já fincou raízes”, comenta Marçal Zuppi, assessor técnico da ANDEF.

Expediente

DEFESA VEGETAL é uma publicação da ANDEF - Associação Nacional de Defesa Vegetal. End.: Rua Capitão Antônio Rosa, 376 - 13º andar - Fone (011) 881-5033 - Fax (011) 853-2637 - Jornalista Responsável: Roberto Barreto, MTB 11.361

Plantio Direto

NEWS

Aproveitando as áreas marginais

Os produtores rurais brasileiros utilizaram, na última safra de verão, pouco mais de 10% da área agricultável de todo o País. Foram cultivados 60 milhões de hectares de um total de 550 milhões que potencialmente poderiam produzir alimentos. Vários fatores levam a este baixo índice de aproveitamento do espaço físico: falta de uma política governamental, aspectos conjunturais de mercado e tecnologias de produção.

Só nos três estados dos Sul, por exemplo, existem alguns milhões de hectares dos chamados campos nativos. Terrenos com baixa fertilidade, normalmente rasos e com topografia irregular, o que impede seu cultivo pelas técnicas convencionais de exploração agrícola. Na região dos Campos Gerais do Paraná, são 267.415 hectares de campos nativos. A grande maioria sem receber nenhum investimento técnico e servindo apenas para a criação extensiva de gado de corte, o que não tem pago nem mesmo os custos mínimos de produção. Mas a tecnologia do plantio direto na palha, que preserva as características físicas do solo, pode mudar este quadro. Ela tem transformado algumas áreas marginais das propriedades em glebas tão produtivas quanto as cultivadas

Os campos nativos são, originariamente, pouco férteis, rasos, acidentados e inviáveis para exploração agrícola pelas técnicas convencionais

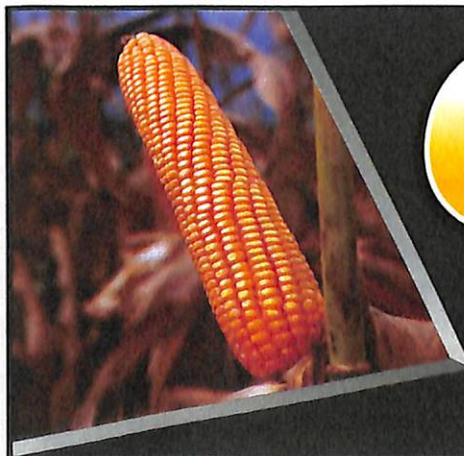
Texto e fotos: Emerson Urizzi Cervi

tradicionalmente. Agricultores adeptos do plantio direto há alguns anos estão fazendo a dessecação das gramíneas dos campos nativos, que terminam servindo de cobertura morta, para depois plantar a cultura de inverno ou verão sem nenhum preparo do solo.

Para avaliar cientificamente seus efeitos e fazer indicações sobre a melhor maneira de introduzir o plantio direto em campos nativos, desde 1995 a fazenda-escola Capão da Onça, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no

Paraná, vem estudando o aproveitamento de áreas marginais para cultivo de lavouras anuais. O administrador da fazenda e um dos responsáveis pelo projeto, engenheiro agrônomo Wilson Story Venâncio, está satisfeito com os resultados. "Apesar de trabalharmos em áreas rasas, com afloramento de rochas arenosas e em declive acentuado estamos conseguindo os mesmo níveis de produtividade que as médias da região em soja e outras espécies cultivadas no inverno ou verão", explica. Wilson Venâncio fez mestrado em Proteção de Plantas e nos próximos quatro anos irá trabalhar em sua tese de doutorado também nesta área. Ele pretende avaliar as reações da soja quando cultivada em campo nativo pelo plantio direto. A tese de doutorado será defendida na Universidade Estadual Paulista (Unesp), e o orientador de Wilson é o professor-doutor Nilton Luiz de Souza. Com isso, o agrônomo estará difundindo a nova tecnologia para outras regiões do País.

Entre as espécies de verão cultivadas em campo nativo da fazenda-escola pelo plantio direto, a soja tem obtido a produtividade média de 2,5 mil quilos por hectare. A aveia chega a 12.000kg de matéria verde por hectare. Outras culturas tam-



C-909

Soluções[®]
Tecnológicas

**O SUPER-PRECOCE
PARA RECORDES DE
PRODUTIVIDADE
COM QUALIDADE
DE GRÃOS**



bém conseguem bons desempenhos. Tudo isso em solos arenosos, com topografia irregular e declive próximo a 30%, perfil de solo médio de 5cm com afloramento de rochas em alguns pontos e sem estar com suas características químicas totalmente corrigidas. Os discos de corte das plantadeiras, acostumados com a palhada, têm que cortar rochas de vez em quando. “Hoje, o produtor precisa aproveitar da melhor forma possível e com tecnologia adequada todas as áreas que possui, caso contrário não encontrará a sustentabilidade financeira, agrônômica e ecológica para a sua atividade a médio prazo”, garante o engenheiro agrônomo.

O aproveitamento de áreas marginais na fazenda da UEPG começou em 12 hectares. Hoje, ela já se encontra em 16 hectares e não tem mais condições de expansão, porque os campos nativos que sobram são banhados, o que impede a entrada de máquinas para seu cultivo.

SISTEMA

Depois do exemplo de Manoel Henrique Pereira, pioneiro em plantio direto em campo nativo, a fazenda-escola firmou um convênio com a Fundação ABC, de Castro/PR, e com a Monsanto para desenvolver pesquisas nesta área.

A análise de pH apontou uma alta acidez do solo, indicando a necessidade de aplicação de oito toneladas de calcário por hectare. Mas “nunca se deve colocar mais do que duas toneladas de calcário superficial por hectare”, explica o agrônomo. Esta foi a quantidade aplicada no primeiro ano e nos seguintes até que as necessidades do solo fossem supridas gradualmente. “Costumo dizer que no plantio direto é feita a correção homeopática das necessidades químicas do solo”, completa Wilson Venâncio. A aplicação superficial de calcário aconteceu 45 dias antes do plantio.



Campo nativo no Paraná: desafio para o agricultor de PD

No primeiro ano, os 12 hectares de campo nativo foram divididos ao meio. Em seis hectares, houve a dessecação no período de inverno para a semeadura da aveia. Como não se sabia qual a quantidade de herbicida a aplicar e em que doses ele faria efeito naquelas ervas, foram realizados experimentos. A conclusão a que Wilson Venâncio chegou depois destes três anos é que a melhor forma de dessecar um campo nativo é dividindo-a em duas etapas. Na primeira, 35 dias antes do plantio, dessecam-se as ervas arbustivas, mais altas. Estas servem de proteção natural das gramíneas rasteiras, impedindo que o produto químico aja sobre todas elas. Quando a aveia é plantada, a máquina expõe as ervas daninhas de porte baixo e, nesse momento, deve-se fazer a segunda dessecação. Depois disso, o manejo da aveia se-

gue todas as recomendações feitas para o cultivo em áreas normais de plantio direto.

Com a dessecação daquele campo nativo, formou-se uma camada média de 30 toneladas/hectare de matéria seca. A aveia produziu, em média, oito toneladas de massa verde por hectare no primeiro ano. Sob esta massa foi plantada a soja.

Nos outros seis hectares, não houve cultivo de aveia no inverno, e a soja ficou sob a palhada do campo nativo, que nesta segunda área apresentou entre 12 e 18 toneladas por hectare de massa seca, acima dos níveis normais de produção de massa verde das gramíneas anuais de inverno. O engenheiro agrônomo conta que eles tentaram fazer o plantio da soja no sentido transversal ao declive, para que as linhas da lavoura servissem como microcurvas de nível, mas não foi possível. A topografia

TM 95.
TESTADO
E APROVADO
NOS MAIS
FÉRTEIS
CAMPOS
DE PROVAS.

O Pirelli para tratores e colheitadeiras foi feito para aproveitar o máximo de sua potência. O desenho da banda de rodagem deste pneu garante maior capacidade de tração e autolimpeza, com o mínimo de compactação do solo. Resultado: maior produtividade e total eficiência para suas máquinas. TM 95. Em matéria de pneus, nunca se viu uma safra como esta na agricultura.



POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

acidentada impediu a operação, e o plantio teve que ser feito no sentido morro abaixo. De acordo com Wilson Venâncio, "outro ponto positivo é que não houve erosão, apesar das fortes chuvas, o que comprova que o princípio de não mexer na estrutura física do solo, mesmo de campos nativos, está correto". A produtividade média de soja nestas áreas tem sido de 2,5 mil quilos por hectare.

Como o milho é uma cultura mais exigente em termos de fertilidade de solo que a soja, a recomendação é que ele entre em área de campo nativo apenas a partir do quinto ano. Mesmo assim, com variedades rústicas, o que torna-se um problema, porque elas são menos produtivas e podem ser inviáveis economicamente para o agricultor. Existem outras alternativas, como arroz de sequeiro e o feijão.

ROTAÇÃO NO INVERNO

Como a soja tem sido a principal la-



Venâncio, da UEPG: sem mexer no solo

voura de verão nos primeiros anos de exploração dos campos nativos, está sendo feita a rotação de coberturas de inverno para evitar os riscos da sucessão de culturas. São oito espécies de forragens, plantadas em faixas de 12 metros de largura e com quatro repetições. A cada ano, é feita a troca de espécies cultivadas em cada faixa. Com isso, os técnicos podem avaliar a quantidade de massa produzida, efeitos alelopáticos na lavoura principal e incidência de pragas. As espécies utilizadas são aveia, centeio, trigo, triticale, ervilhaca, nabo-forrageiro, cevada e avevém. Depois de três anos de utilização deste sistema, poderão ser coletados dados seguros sobre a melhor indicação para rotação de coberturas em campos nativos da região. A produção de trigo nestas áreas tem ficado acima de 2,5 mil quilos de grãos por hectare, o que é aceitável, pois as variedades utilizadas até agora são as intermediárias.

"Como rotação de verão, o arroz é boa opção para estas áreas, porque ele produz em baixas fertilidades, e o feijão não é mais aquela cultura de subsistência, dando boas respostas em solos fracos", afirma o engenheiro agrônomo.

PRÓXIMA SAFRA

Para a safra de verão 1998/99, as áreas de campos nativos da fazenda-escola vão receber soja, feijão e milho plantados em faixas. Isso para atestar os tipos de rotações mais apropriadas e a viabilidade econômica delas. A partir do quinto ano de cultivo, os campos nativos devem apresentar uma produção equivalente a outras áreas agrícolas manejadas pelo sistema de plantio direto.

A integração entre agricultura e pecuária com o cultivo de campos nativos é outra opção para o produtor incrementar a receita da sua propriedade. No caso da fazenda-escola, a integração se dá através da produção de silagens com a matéria

verde das coberturas de inverno. Mas também pode ser pelo pastoreio direto na área. Antes, eram necessários quatro silos de milho para fornecer alimento aos animais confinados durante todo o ano na propriedade. Agora, está havendo uma diversificação com um silo de milho, um de girasol, um de avevém e um de aveia, para aproveitar a massa das coberturas anuais de inverno. "Assim, eu consigo fornecer alimento o ano todo para os animais confinados, sem concentrar o trabalho de equipamentos apenas na época da ensilagem do milho". Além disso, a alimentação dos animais fica diversificada. Como se vê, as potencialidades do plantio direto em campos nativos são grandes.

Uma indicação que o engenheiro agrônomo faz para o produtor que pretende iniciar a exploração de áreas marginais com o plantio direto é dispor de equipamentos adaptados. Ter máquinas e implementos apropriados é fundamental para o sucesso da atividade, porque a topografia destas áreas não é regularizada no início da exploração. Ao longo dos anos, com os sucessivos cultivos, os acidentes topográficos vão sendo reduzidos gradativamente. "O acesso a máquinas e tecnologias apropriadas para o trabalho, até a uniformização do terreno, é muito importante", conclui o engenheiro agrônomo.

A fazenda da Universidade Estadual de Ponta Grossa possui 312 hectares. Deste total, 200 hectares são destinados a grandes culturas anuais, seis hectares para horticultura, seis para fruticultura, 10 para silvicultura e o restante é pastagem para pecuária leiteira e de corte e ovinocultura, além das áreas de preservação ambiental. Apesar de fazer parte de uma universidade pública, a fazenda-escola é auto-sustentável e não recebe nenhum subsídio do governo estadual. Ela também possui o único curso regular do Paraná para formação de inseminadores artificiais em bovinos. 

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



Com
Roundup WG
Granulado
tem pastagem o ano todo.



0800 15 6242
Manejo Atendimento ao Cliente

MONSANTO
Alimento • Saúde • Esperança™



BOI GORDO



Exportações registram bons resultados

O pecuarista brasileiro está comemorando a retomada das vendas ao exterior, que são as melhores dos últimos quatro anos. As exportações de carne bovina registraram o seu melhor resultado, desde 1994, neste primeiro trimestre de 1998. Em março, foram exportadas 30,7 mil toneladas em equivalente carcaça, contra 23,85 mil toneladas no mesmo período de 1997, ou seja, um crescimento da ordem de 28,7%. Desde as 46 mil toneladas negociadas em março de 1994, o Brasil não havia conseguido um resultado tão expressivo nas vendas externas.

Esta recuperação se deve basicamente à melhoria das vendas de carne in natura, principalmente para a Europa. Isto é reflexo da crise de qualidade na carne européia, devido à doença da "vacca louca" e também dos altos preços da carne argentina, onde a pecuária também encontra-se em um sério período cíclico de baixa produção. Foram exportadas 21,8 mil toneladas no primeiro trimestre, contra 13,8 mil no mesmo período de 1997, com crescimento de 58%.

Já a carne industrializada registrou melhoria no mês de março, com 21,87 mil toneladas contra 18,44 mil do mesmo período do ano passado. No trimestre, o resultado também é de recuperação em relação a 1997, tendo exportado

57,5 mil tons contra 55,01 mil toneladas do ano passado. Este resultado deve-se à crise asiática do final de 1997, a qual afetou os embarques de carne bovina para alguns países estratégicos em janeiro.

Neste ano, o Brasil exportou 18,31 mil toneladas de carne industrializada em janeiro, 17,34 mil toneladas em fevereiro e 21,87 mil toneladas em março. Em janeiro, foram vendidas 6,02 mil toneladas de carne in natura. Em fevereiro, as vendas totalizaram sete mil toneladas e subiram para 8,84 mil toneladas em março.

Só nos primeiros três meses do ano, o país já arrecadou US\$ 2,486 milhões com as exportações de carne bovina. A receita em 97, em período equivalente, era de US\$ 2,586 milhões. Em 96, a arrecadação foi ainda melhor, totalizando US\$ 2,785 milhões.

Final de safra pressiona mercado

As características do mercado de boi gordo, em maio, absorveram alguns princípios das relações históricas de preços. Tendo em vista a dificuldade de obtenção de boi gordo para abate, ao longo de toda a safra, a expectativa era de um mês de maio sem forte pressão de venda. Porém, o que se nota é o início de uma pressão de venda decorrente do período final de safra, onde o clima começa a ser um fator baixista no curto prazo, podendo se tornar uma forte alavanca para os preços no início da entressafra. De forma geral, a queda dos preços é limitada, mas já vem ocorrendo.

Para a entressafra, começam as especulações sobre o potencial de preços para o boi, diante das atuais condições de demanda e do volume de gado a ser confinado neste ano.

Por enquanto, as sinalizações para a entressafra indicam um potencial de preços da ordem de R\$ 30,00 por arroba base São Paulo. Mas, certamente, muitos fatores ainda devem influenciar o mercado, como o clima deste inverno e a questão demanda interna.

O mercado de boi gordo entrou o mês de maio trazendo um sentimento de baixa. Este quadro é natural neste mês: pressão de venda do período de safra.

O clima deixa de ser favorável, a queda de temperatura afeta diretamente o nível de peso do gado já pronto para abate e é hora do pecuarista repor o rebanho e renovar o plantel, em muitos casos com boi magro para o confinamento. Desta forma, o ritmo de negócios tem uma melhora natural, devido ao melhor interesse de venda do pecuarista. Como este é um ano cíclico, onde há uma forte redução das ofertas de bezerros, este quadro de baixa é menos intenso que em anos de safra normal, mas existe.

As vendas de boi têm sido represadas pelos pecuaristas ao longo de toda esta safra 98. Primeiramente, em função da própria falta de alternativas para aplicação da receita como as aplicações financeiras, as boas condições das pastagens, a dificuldade de obter uma boa relação de troca com o bezerro e a pouca alternativa de investimento no próprio setor.

Neste quadro, os preços sustentaram a faixa dos R\$ 27,00 em média, atingindo seu pico em abril quando o mercado paulista chegou a negociar o boi a até R\$ 28,00 por arroba. Isto foi possível diante de uma situação de comercialização bem mais cadenciada nestes tempos de inflação baixa e, efetivamente, da reduzida opção de reposição do rebanho. Agora, o gado está com peso razoável, o inverno se aproxima, as pastagens começam a perder a capacidade de nutrição e os custos podem passar a crescer caso uma suplementação alimentar tenha que ser ministrada para manter o peso do gado.

Neste ponto, é que notamos uma maior pressão de venda. Na primeira semana de maio, o mercado assumiu algumas características tradicionais da comercialização. A chegada do clima mais frio

EXPORTAÇÕES DE CARNE BOVINA - BRASIL - 1997/98 (em mil toneladas)

Meses	Industrializada		In natura		Total		US\$/t	
	1997	1998	1997	1998	1997	1998	1997	1998
Janeiro	22,21	18,31	4,11	6,02	26,32	24,33	2.536	2.370
Fevereiro	14,36	17,34	4,29	7,00	18,66	24,34	2.547	2.548
Março	18,44	21,87	5,41	8,84	23,85	30,70	2.675	2.539
Total (jan/mar)	55,01	57,51	13,81	21,86	68,83	79,37	2.586	2.486

Nota: em equivalente carcaça

e as condições citadas acima levaram o pecuarista a decidir pela venda.

Contudo, como estamos em um ano cíclico, a oferta tem sido mais localizada inibindo uma baixa de forma generalizada e mais agressiva. No início do mês de maio, foi detectado um forte crescimento das ofertas em Goiás, Minas Gerais, algumas localidades do Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, além do Rio Grande do Sul que já sofre com as quedas de temperatura. Este maior interesse de venda decorre naturalmente do final de safra, onde o risco de levar este gado adiante com a entrada do inverno é maior e talvez com pouca compensação no nível de preços.

Contudo, São Paulo, Paraná e sul do Mato Grosso do Sul se mantiveram com ofertas equilibradas, sem abundância, revelando o quadro efetivo de safra pequena nestas regiões.

Cenário indica confinamento arriscado

Nas vésperas da entressafra, o criador de gado brasileiro começa a avaliar a viabilidade, ou não, de optar pelo confinamento. O quadro para o confinamento de boi no período da entressafra 1998, demonstra certo risco para o pecuarista. O primeiro ponto a ser avaliado é a atual dificuldade de obtenção de boi magro no mercado e os preços altos praticados. Um boi magro, hoje, não é encontrado em São Paulo por menos de R\$ 320/330,00 por cabeça, ou US\$ 280,00. No Centro-Oeste, este pre-

ço fica em R\$ 270/280,00 por cabeça.

Nestas condições, resultados de pesquisa apontam para uma concentração nas fazendas, que têm uma programação para o confinamento, oriunda de vários anos. Ou seja, uma escala de ampliação que continuará sendo preservada no decorrer deste ano. Além disso, algumas fazendas novas devem entrar na modalidade de confinamento, mas outras devem simplesmente não confinar, devido à indisponibilidade de boi magro e pelo risco elevado dos custos neste ano.

Desta forma, este primeiro levantamento apontou para um volume de gado confinado 1,6% acima do registrado no ano passado. Serão 1,33 milhão de cabeças confinadas neste ano, contra 1,31 milhão do ano passado. Este volume poderá ser levemente maior, caso os preços do boi se mantenham razoáveis e ocorra uma maior folga nos preços do boi magro. Mas, mesmo para àqueles que devem confinar neste ano, bancando a compra do boi magro no mercado e não por produção própria, o risco dos custos é elevado. Um confinamento ou semi-confinamento, iniciado em maio teria custos finais em setembro/outubro, da ordem de US\$ 23,50 a R\$ 24,00 em média por arroba, ou superior a R\$ 28,00, a arroba base São Paulo. Considerando-se os preços altos do primeiro semestre, a possibilidade de preços em pelo

menos R\$ 28,00 na entressafra parece viável. Este ano, os custos do milho mostram-se bem mais elevados, bem como o da cana-de-açúcar, dois insumos fundamentais na engorda do confinado.

Mas, de forma a reduzir os riscos, o pecuarista tem condições de garantir um preço final razoável para o seu boi confinado. O contrato de setembro na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) indica, hoje, níveis de US\$ 24,87 à vista, patamar que já supera ou, na pior das hipóteses, empata com os custos do confinado. Sair vendido no contrato de setembro, hoje, seria uma boa opção de comercialização para o boi confinado, pois estaria trabalhando com um custo em reais da ordem de R\$ 28,50, em média, contra um preço trabalhado em R\$ 30,45 a prazo para um câmbio projetado de R\$ 1,20. Sem esta operação casada na BM&F, o pecuarista acabará mantendo apenas o risco do confinamento, com o mercado físico podendo ou não atingir os níveis desejados em setembro.

ESTIMATIVA DE CONFINAMENTO - ENTRESSAFRA 98 (em cabeças)

Estados	1996	1997	1998
São Paulo	432.000	425.000	405.000
Mato Grosso do Sul	230.000	245.000	250.000
Goiás	374.000	380.000	400.000
Minas Gerais	132.000	130.000	140.000
Paraná	44.000	47.000	50.000
Mato Grosso	27.000	28.000	29.000
Outros	68.000	60.000	62.000
BRASIL	1.297.000	1.315.000	1.336.000

RANCHO CENTAURUS



Venda permanente de machos e fêmeas MARCHIGIANA P.O. - Fone/fax: 051 233 1822



Preços não favorecem triticultor

A comercialização difícil, arrastada, com preços desfavoráveis ao triticultor, se reflete diretamente no fraco estímulo ao plantio do trigo no País. O ritmo da semeadura mostra um quadro delicado em relação à produção nacional, já que há uma redução muito significativa na área plantada.

Os produtores vêm enfrentando todas as dificuldades para vender o produto, com competição direta do produto facilmente importado, e sem uma política que traga de volta o interesse pela cultura de trigo. O governo manteve as regras de 97 para esta safra de inverno, o que exaltou este sentimento desestimulante aos triticultores.

A área total plantada deve cair em até 17% em relação a 97, alcançando 1,241 milhão de hectares. A produção, no entanto, pode ser apenas levemente inferior a do ano passado, já que a safra de 97 foi muito prejudicada pelo excesso de chuvas. Com isso, a produção pode chegar a 2,271 milhões de toneladas, com recuo de apenas 4% em relação a 97.

Mesmo com o plantio em andamento no Rio Grande do Sul, a situação ainda é um pouco indefinida. O estado é o segundo maior produtor nacional, e o que tem a maior redução de área prevista, de

29%. A difícil comercialização, ao longo de 97/98, e os problemas climáticos enfrentados pelos produtores de trigo no Rio Grande do Sul são as barreiras para que o cultivo com o produto cresça no estado.

Entretanto, os produtores gaúchos deixam a decisão de qual a área a ser plantada com o trigo para o momento exato do plantio. Por isso, esta redução pode vir a ser menor do que a esperada, principalmente porque, como o RS tem dificuldade de ter uma grande safrinha de milho, por causa do clima adverso, o trigo "reina" como uma das poucas alternativas de inverno.

A área plantada certamente será reduzida também no Rio Grande do Sul. A questão é em quanto ela será diminuída. Se a queda na área plantada com o trigo no RS for menor do que a esperada, isso pode ter um efeito a nível nacional, amenizando o quadro de redução na área brasileira de trigo. O que, no entanto, é fato bastante difícil que efetivamente ocorra, tamanho o desestímulo que se observa entre os triticultores do País.



Oferta apertada mantém preços sustentados

A indisponibilidade de feijão mantém o mercado interno aquecido. A queda na produção de feijão segunda safra tem exercido forte pressão sobre

os preços do cereal. Em São Paulo, o feijão carioca de melhor qualidade fechou no início do mês de maio cotado a R\$ 100/105,00, diante da escassez de oferta, numa variação de 47,88% se comparado à igual período do mês anterior, quando a saca era negociada a R\$ 71,00 de máxima.

O déficit na oferta, proveniente do clima desfavorável em grande parte das regiões produtoras, foi comandado pelas regiões Norte e Nordeste, ambas com perda de produção de 11% e 69,8%, respectivamente. Somente o estado de Pernambuco perdeu 98% da safra, enquanto a Bahia amargou perda de 50%. A produção baiana caiu de 212 mil toneladas em 96/97 para 106 mil toneladas.

O clima desfavorável deste ano deixou prejuízos também na região Sul, com a produção de feijão de Santa Catarina amargando uma queda de 22,7%, segundo as estimativas da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Nesse estado, a produtividade média do feijão recuou de 680 quilos por hectares, do ano anterior, para 615 quilos (-6,8%), diante da forte incidência de chuva e da elevada umidade no período de desenvolvimento da cultura.

Como consequência, a saca de 60kg do feijão carioca que no início do mês de abril era cotada a R\$ 45,00 de máxima em Santa Catarina, fechou igual período de maio a R\$ 69,25 (preço recebido pelo produtor).

A alta nos preços do feijão carioca repercutiu também no feijão preto. No início de maio, a saca de 60kg do cereal era negociada a R\$ 95,00 no atacado paulista, contra R\$ 70/75,00 de igual período do mês anterior.

A redução na oferta generalizada de feijão preocupa o governo, que admite dispor de baixos estoques para atender o mercado e programas de âmbito social como o Programa de Distribuição de Alimentos (Prodea). Estimativas do presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Eugênio Stefanelo, indicam que no início de maio os estoques de feijão totalizavam 47 mil toneladas, volume insuficiente para garantir o consumo mensal nacional do produto, estimado em 262.500 toneladas. O próprio presidente da Conab reconhece que o Brasil tem estoque estratégico de grãos — feijão, arroz e milho — suficiente para o abastecimento de 30 a 45 dias no mercado.



SUÍNOS



Estímulo para as exportações

O reconhecimento dos estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, como áreas livres de aftosa, por parte da Organização Internacional de Epizootias (OIE), trará grande estímulo à exportação da carne suína brasileira, que ainda continua enfrentando problemas na Europa.

Outro mercado promissor para o Brasil é o Japão, maior comprador de mundial de carne suína. Além da conquista de um mercado potencial, as exportações para o Japão podem trazer outros benefícios para a suinocultura nacional, uma vez que exigirá investimentos na estrutura interna de produção, como desenvolvimento de cortes e criação de animais com carcaça menor, para atender características próprias daquele mercado.

Um segundo fator que deve impulsionar as exportações brasileiras é o fechamento, previsto para maio, do primeiro contrato de exportação de carne suína com a Rússia. Segundo maior mercado mundial de suíno, a Rússia tem reduzido sua produção interna e aumentado consideravelmente suas importações.

O primeiro trimestre de 98 encerrou com um crescimento de 31,2% nas exportações de carne suína no comparativo com igual período de 97. Apesar da situação de incerteza sobre os países asiáticos, as exportações para Hong Kong apresentaram crescimento de 52% no período, o que de-

monstra a qualidade e a competitividade do suíno brasileiro no mercado internacional. No que diz respeito à Argentina, que importou 7.029 toneladas de carne suína no primeiro trimestre de 98, ante 4.449 toneladas de igual período do ano passado, as facilidades comerciais entre os países do Mercosul e a proximidade territorial influenciaram de forma decisiva este incremento.

A preocupação com as exportações fica por conta da concentração na Argentina (39,81%) e Hong Kong (49,1%). Na hipótese de ambos mercados virem a enfrentar dificuldades financeiras, as vendas estarão tecnicamente limitadas.

MILHO



Junho é o mês da safrinha

O mercado de milho está na fase decisiva para a definição de tendências para o segundo semestre deste ano em termos de preços e comercialização. O primeiro semestre vai se encerrando, e foi marcado por condições muito boas para a venda do milho no mercado. Os preços mantiveram-se sempre superiores à média histórica para o período.

Os produtores que aproveitaram o período onde as atenções

estiveram centradas na comercialização da soja para vender também o milho, numa situação de preços relativamente altos, certamente optou por uma estratégia bem interessante, e que pode garantir uma boa remuneração com o produto no ano. Neste primeiro semestre, o mercado foi sempre marcado por uma oferta apertada garantindo sustentação às cotações.

O mês de junho marca a definição do tamanho da safrinha, que em toda a história enfrentou problemas com o clima. Tudo passa a estar voltado para o clima para esta segunda safra de milho, que vai determinar a oferta que estará disponível no mercado interno. Algum problema maior para safrinha, como uma quebra, pode trazer um quadro altista para a comercialização, também, no segundo semestre.

A tendência mais clara para o mês é de um mercado mais tranqüilo, com maior estabilidade. Com o ritmo de comercialização da soja, já devendo enfraquecer um pouco mais, as atenções voltam-se para o milho. Há tendência de fretes rodoviários com preços menores, facilitando o escoamento da safra. Condições que trazem o equilíbrio de preços entre a oferta menor desta safra de verão, com a maior pressão de venda no mercado.

ESTIMATIVA PARA A SAFRA 97/98 — BRASIL —

Estados	Área (ha)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
	97/98	97/98	97/98
PR	1.433.000	5.373.750	3.750
RS	1.380.000	4.071.000	2.950
SC	1.020.000	3.162.000	3.100
SP	765.000	2.845.000	3.720
MS	182.000	748.020	4.110
GO/DF	595.000	2.635.850	4.110
MT	163.000	652.000	4.000
MG	1.475.000	4.498.750	3.050
ES	955.000	228.000	2.400
RJ	20.000	41.200	2.000

AGROSHOP

O catálogo de compras do homem do campo

Equipamentos para cerca elétrica, tatuadeiras, seringas, mochadores, livros, softwares rurais, vídeos e muito mais.

SOLICITE JÁ SEU AGROSHOP INTEIRAMENTE GRÁTIS

LIGUE 051 233 1822

ARROZ



Quebra de safra mantém mercado aquecido

O mercado de arroz seguiu extremamente aquecido durante todo o mês de maio. Os preços subiram quase que diariamente no mercado do casca, em meio à oferta reduzida. A quebra na safra gaúcha de arroz, com o excesso de chuvas principalmente na Fronteira-Oeste e Depressão Central do estado, os estoques baixíssimos do governo e a forte demanda proporcionaram o ritmo altista do mercado em maio.

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, a safra foi reduzida de uma estimativa inicial de mais de 4,2 milhões de toneladas para cerca de 3,7 milhões de toneladas. As enchentes no plantio e na colheita, nas principais regiões produtoras gaúchas, prejudicaram muito a produtividade das lavouras de arroz. Além disso, a produção do sequeiro no Nordeste também sofreu uma grande quebra com a seca na região. Estas reduções nas áreas produtoras levaram a safra brasileira a cair, de uma produção projetada em até 10 milhões de toneladas, para menos de 8,8 milhões de toneladas.

Essa quebra complica o quadro de oferta e demanda de arroz no Brasil, que já era preocupante, tendo em vista os estoques governamentais baixos, que hoje somam cerca de 600 mil toneladas, suficientes para não mais de 20 dias de consumo. A dificuldade para o abastecimento interno é bastante séria, com as importações poden-

do ultrapassar 2,8 milhões de toneladas na temporada, que é um nível recorde no mercado brasileiro de arroz, só comparável a 1986, durante o Plano Cruzado, quando as compras externas chegaram a 2,1 milhões de toneladas.

Dentro deste contexto, ainda existe uma questão que torna mais problemática as importações. Não foi só o Centro-Sul brasileiro que teve problemas com o excesso de chuvas causado pelo fenômeno El Niño. A Argentina e Uruguai também tiveram problemas com as precipitações excessivas, com perdas muito significativas em suas safras. O que reduziu o potencial de exportação destes países para o Brasil a pouco mais de 900 mil toneladas.

Sem poder buscar o produto que supra as necessidades de abastecimento interno dos países do Mercosul, os compradores brasileiros terão buscar o arroz de terceiros países. Os exportadores visados passam a ser os países asiáticos e os Estados Unidos, com negócios com arroz norte-americano já estando inclusive reservados, envolvendo entre 50 a 75 mil toneladas de arroz base casca.

Para o governo, resta a árdua tarefa de garantir o abastecimento interno sem desestimular a cadeia produtiva do arroz. A redução na alíquota de importação de terceiros países, que não os do Mercosul, surge como forma de facilitar a aquisição do arroz no mercado internacional, já que a diminuição das taxas pode viabilizar a compra do arroz norte-americano e asiático. Situação que, por enquanto, não tira o ritmo altista do mercado.

ALGODÃO



Mercado atento à produção do Mato Grosso

Concluída a colheita no Paraná e em São Paulo, o mercado interno de algodão passa a concentrar atenções para as regiões Nordeste e Centro-Oeste, em fase inicial de colheita. Ao contrário do que ocorreu no Sul, o Mato Grosso tem clima benéfico e não apresenta problemas com relação a pragas, o que determina um algodão de boa qualidade. Na maior parte

das regiões produtoras do estado, o algodão se desenvolve com boas características de fibra e tonalidade, sustentando uma expectativa de um bom volume de produção.

Com a escassez de algodão de boa qualidade — tipo 6 — no Brasil e na Argentina, o algodão colhido no Mato Grosso, que não chega a suprir a demanda local, passou a ser mais procurado, desencadeando um processo de especulação de preços. Até o início do mês de maio, quando ainda era baixo o volume produzido, os preços se encontravam pouco acima do preço mínimo, levados pelo leilão de PEP realizado pelo governo. Mantida a grande procura, a tendência é de reação de preços no Mato Grosso, com os produtores que têm capacidade de estocagem podendo segurar o produto na tentativa de aproveitar os bons preços.

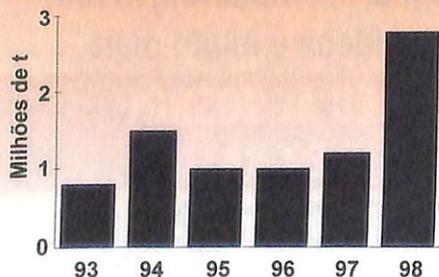
Corretores e algodoceiras já admitem a possibilidade dos preços alcançarem níveis próximos aos do ano passado, quando o algodão em pluma foi comercializado US\$ 24,00/arroba no estado, 10% acima dos preços praticados hoje, de US\$ 21,80.

Já o estado de Goiás apresenta problemas com doenças fúngicas, como a lagarta do cartucho e o pulgão, o que deverá provocar sensíveis quedas na produção e na qualidade do algodão. Com isso, a procura pelo produto encontra-se abaixo das expectativas, o mesmo acontecendo com os preços.

No Nordeste, onde a colheita também começou no início de maio, a situação não é diferente do Sul. A falta de chuva reduziu a área plantada da Bahia de 100 mil hectares do ano passado para 20 mil hectares neste ano, enquanto o patamar de R\$ 6,30/arroba praticado em regiões importantes como Guanambi, principal produtora do estado, é considerado desanimador pelo produtor local.

No mercado internacional, a queda na produção e nos estoques mundiais de algodão funcionam como forte indicador de alta de preços. O mercado, no entanto, observa uma redução nas importações mundiais e no consumo interno dos Estados Unidos, o que pode levar os preços a manterem estabilidade no curto prazo. O desenvolvimento da safra americana e mesmo a manutenção da política chinesa de diminuição dos estoques podem indicar nova direção para o mercado, uma vez que os dois países, juntos, possuem cerca de 43% da produção mundial de algodão e 30% das exportações.

ARROZ BASE CASCA IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS



SOJA



Comercialização mais lenta este ano

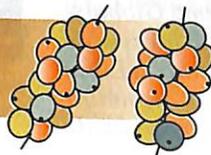
Onovo levantamento para a comercialização da nova safra brasileira de soja apontou uma melhora no ritmo dos negócios, como era de se esperar, já que o relatório foi elaborado em pleno pico de colheita. Mesmo assim, a evolução permaneceu bem inferior a ano passado e mesmo no comparativo com a média normal. A maior preocupação era de que a pressão de venda fosse muito forte nesse momento e derrubasse o mercado para patamares muito abaixo da média. Aparentemente essa pressão ocorreu de maneira suave no mês de abril.

Serviu para levar as cotações para os menores valores do ano, mas mantendo sempre uma situação ao redor das médias históricas. Na ótica dos produtores, a adoção de uma postura defensiva nas vendas vem se mostrando correta e eficiente, já que os negócios estão se concentrando justamente nos momentos de pico da Bolsa de Chicago. Já na ótica dos compradores, a situação é distinta entre exportadores e indústrias: no primeiro caso, com um mercado menos comprador, a opção é trazer o ritmo lento das exportações para as compras internas; para as indústrias, os preços excepcionais do óleo de soja vêm garantindo, finalmente, um início de temporada com margem de esmagamento positiva.

Levantamento realizado no início do mês de maio indicou uma estimativa de

48% da nova safra de soja do Brasil já comprometida pelos produtores. Considerando a atual previsão de safra em 30.376 mil toneladas, teríamos um volume já negociado pelos produtores de 14.510 mil toneladas. Neste caso, essa estimativa corresponde às diversas modalidades de negociação, inclusive todos os tipos de negócios antecipados, como pré-fixação e adiantamento. Apesar do fluxo de vendas ter melhorado, essas vendas estiveram mais ligadas aos compromissos financeiros que começaram a vencer, do que propriamente a uma disposição de venda por parte dos produtores. E isso é facilmente percebido pelas comparações observadas no quadro de evolução da comercialização, onde temos um percentual comercializado ainda muito abaixo dos 65% de igual período do ano anterior e mesmo contra os 57% da média de cinco anos. Inclusive, o diferencial em relação à média aumentou de 6% no relatório do final de março para os atuais 9%.

CAFÉ



Entrada da safra brasileira domina atenções

Omercado mundial de café volta todas as suas atenções para a entrada da safra brasileira. Como acontece todos os anos, a produção brasileira de café, a maior do mundo, é decisiva para a definição de tendências de comercialização e preços em todo o mundo.

Mas desta vez, a expectativa é ainda maior. Os cafezais brasileiros deverão, ao longo da temporada 98/99, produzir a maior safra do País nos últimos 15 anos. As expectativas mais otimistas giram em torno de 38 milhões de sacas de 60 quilos. As mais pessimistas — justamente as oficiais — projetam uma produção pouco superior a 31 milhões de sacas.

Aliás, a primeira estimativa oficial de safra em vários anos, divulgada no início de 98 pelo Ministério da Indústria e Comércio, foi motivo de muita discussão. Os países consumidores não desconsideraram a produção, enquanto os setores nacionais ligados à produção defenderam com “unhas e dentes” os números.

Mas nas principais bolsas de futuros do mundo — Londres e Nova York —, o sentimento que predomina é de que a safra brasileira supere 35 milhões de sacas. É em função desta certeza que as cotações teimam em permanecer pressionadas.

A mudança deste cenário só ocorrerá se alguma geada atingir as regiões produtoras brasileiras, reduzindo consistentemente a expectativa de produção do País. Mas há quem defenda que mesmo com a boa safra brasileira, a situação do mercado internacional continuará apertada.

Final de contas, o fenômeno El Niño fez estragos consideráveis em importantes países produtores. A Colômbia, segundo maior produtor, a totalidade dos países da América Central, África e Ásia está ainda contando os prejuízos provocados por excesso de chuvas e estiagens persistentes.

Mas, por enquanto, o peso da boa safra brasileira está tendo efeitos significativos sobre o comportamento do mercado. Até mesmo o mercado físico permanece estagnado, aguardando produto de boa qualidade da safra nova.

Fonte: Safras & Mercado

<http://www.agranja.com>

o endereço rural na internet



HOME	HISTÓRICO	A GRANJA DO ANO	ASSINATURA	AGROSHOP
agranja A REVISTA DO LÍDER RURAL		HOME PAGE		
ESTE MÊS	EDIÇÕES ANTERIORES	AG LEILÕES	AGRO SEÇÕES	?

Porto Alegre/RS - Fone: (051) 233 1822 - mail@agranja.com
São Paulo/SP - Fone: (011) 220 0488 - granjasp@mandic.com.br



Divulgação/Serrana

Mais um certificado para a Serrana

A Serrana, uma das líderes no mercado brasileiro de fertilizantes e nutrição animal, acaba de conquistar o certificado ISO 9002 para a industrialização destes produtos em sua fábrica no Rio Grande/RS. Segundo Mário Barbosa (na foto), presidente da Serrana, "a conquista deste certificado é uma importante etapa no aprimoramento contínuo da qualidade em Rio Grande, que colaborará para que a fábrica atinja sua meta de comercializar parte de sua produção entre os países do Mercosul ainda em 1998". A fábrica, que ganhou o primeiro certificado ISO 9002, em 1993, conquistou certificado em apenas um ano de implantação do sistema da qualidade, após a adaptação às exigências da ISO, que envolvem a criação de normas e procedimentos e realização de treinamento específico de padronização das atividades.

Globalstar

O Brasil está entre os 100 países que formaram joint venture para operar o Sistema Globalstar. Trata-se de um projeto mundial de telecomunicações digital via satélite que, a partir de 1999, irá oferecer serviços de telefonia móvel, transmissão de dados, paging e fac-símile. O projeto operará com 56 satélites de baixa órbita (LEO), que deverão cobrir 98% da população mundial. Tendo seu ponto forte na telefonia celular, o projeto está avaliado em US\$ 2,5 bilhões, em nível mundial, além dos US\$ 180 milhões previstos para a etapa brasileira. Viabilizado a partir da formação de alianças com empresas locais de cada país, o Sistema Globalstar chega ao Brasil através de uma associação entre a Loral SpaceCom (dona da maior participação acionária da Globalstar no mundo), a DASA Daimler-Benz Aerospace e a Brasilstar, de propriedade do empresário José Antônio do Nascimento Brito, controlador da Globalstar no País. A estimativa é que, da capacidade total de oito milhões de linhas oferecidas pelo sistema em todo o mundo, 500 mil serão disponibilizadas para o Brasil.

Prêmio mais do que merecido

O ex-chefe da Seção de Virologia do Instituto Agrônomo de Campinas/SP (IAC), pesquisador aposentado Álvaro Santos Costa, acaba de receber a maior honraria do mundo científico: a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico. O pesquisador foi indicado por sua vasta contribuição ao estudo de virologia de plantas, cujos trabalhos se tornaram referência internacional sobre o assunto.

Dinamilho, agora, é Mycogen

A Mycogen — empresa de biotecnologia da Dow Chemical e uma das maiores na área de sementes dos Estados Unidos — assumiu recentemente o controle da Dinamilho, companhia de desenvolvimento e comercialização de sementes híbridas de milho, que pertencia à Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia/SP (Carol). A opção da Mycogen pela Dinamilho — segundo José Eduardo Senise, diretor-

financeiro e de fusões da Dow para a América Latina — se deu em função da alta qualidade do milho produzido pela companhia paulista, que detém cerca de 12,5% do mercado de sementes híbridas de alta tecnologia. As vendas da Dinamilho somaram, no ano passado, cerca de US\$ 12 milhões. Antes, a Mycogen havia adquirido o controle da Morgan, na Argentina, que produz sementes de girassol, milho e sorgo.

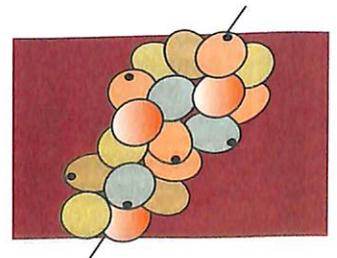


The Royal Show terá 6.000 animais

C onhecida como a principal exposição agrícola do mundo, The Royal Show acontece dos dias 6 a 9 de julho, no National Agriculture Center, em Warwickshire, na Inglaterra. O evento apresenta o que há de melhor na agropecuária do Reino Unido. Além dos mais de 6.000 animais expostos, entre as várias espécies, serão demonstrados os últimos avanços em termos de cultivo agrícola. Os principais focos são: os organismos vivos modificados geneticamente e as variedades produtoras de proteínas. Ao lado dos estandes de máquinas, estarão produtores de artesanato e entidades de competições equestres, uma tradição inglesa. Interessados podem obter maiores informações através do e-mail: joannas@rase.org.uk

Café lavado rumo à Bolsa de Tóquio

A Associação Brasileira dos Exportadores de Café (Abecafé), depois de pedir a inclusão do café lavado brasileiro na Bolsa de Nova York, está trabalhando para que este tipo de produto também seja comercializado na Bolsa de Grãos de Tóquio. Segundo o presidente da Abecafé, Jorge Esteve Jorge, as negociações estão adiantadas, e a operação deverá começar no segundo semestre. O argumento da Abecafé é de que o Brasil produz mais de um milhão de sacas/ano, volume que justifica sua inclusão nos pregões. Isso representa, segundo Jorge Esteve, 5% da produção total do Brasil. A estimativa da entidade para o ano/safra 98/99 é de 1,2 milhão de sacas de café lavado.





Rogério Fernandes

Novo dirigente na Emater

A Emater — responsável pelo serviço oficial de assistência técnica e extensão rural no Rio Grande do Sul — tem novo presidente. É Almeri Reginatto (na foto), que substitui a Caio Tibério Ramos, que se tornou secretário da Agricultura. O exten-

sionista é formado pela Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, de Pelotas/RS, e foi prefeito de Viadutos entre 89 e 92. Entre os diversos programas apoiados pela Emater estão o Pró-Rural 2000, Pronaf, Pró-Luz II e Programa de Profissionalização de Agricultores. Ao todo, a empresa atende 260 mil agricultores, espalhados por 422 municípios.

Gerdau dobra vendas de aço

O bom desempenho das indústrias de máquinas agrícolas vem sendo acompanhado pelo incremento das vendas de aço Gerdau para o setor. De 1995 até o final de 1997, as entregas quase dobraram. Somente no ano passado, quando a produção nacional de implementos agrícolas aumentou cerca de



37%, os negócios da Gerdau expandiram-se em 48%, explica o diretor da Gerdau Aço para Indústria (GI), Joaquim Bauer. Neste ano, a situação deve se manter, pois, conforme projeções da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Afavea), o segmento deve crescer 20% em relação ao ano passado. A GI é a divisão da empresa, diretamente envolvida com o fornecimento de produtos para os fabricantes de máquinas e implementos agrícolas. Segundo Bauer, o setor consome cerca de 10% das vendas totais da GI, em especial cantoneiras e barras chatas, redondas e trefiladas, além de perfis em "U" e barras quadradas



ENTRE os dias 16 e 20 de junho, acontece o 6º Encontro Nacional de Plantio Direto na Palha (ENPDP), em Brasília/DF. Trata-se de um evento concorrido e com oportunidades para desenvolver trabalhos técnicos e comerciais. O tema deste ano é: "qualidade ambiental e prosperidade na agricultura". Maiores informações pelo fone (061) 272-3191.

NO DIA 25 de junho, o Ministério da Agricultura, através da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), realiza um seminário internacional sobre irradiação alimentar no Brasil. O evento será ministrado pelo médico veterinário Luiz Carlos de Oliveira, chefe da Divisão de Operações Industriais da SDA. Outros detalhes pelo fone (061) 218-2203 ou 218-2204.

DOIS seminários sobre produtos transgênicos, ou seja, produtos feitos de uma planta com genes de outros seres vivos, serão realizados em duas cidades distintas. O primeiro acontece em Florianópolis/SC, nos dias 25 e 26 junho; o outro em Brasília, nos dias 21 e 22 de julho. O evento é promovido pela Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação, Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Assembleia Legislativa (SC) e outras entidades estaduais. Outras informações pelos fones (048) 221-2873 e (071) 349-19999.

RSOLITTO Eventos — empresa que promove cursos para pecuaristas, veterinários e técnicos do setor — realiza, nos dias 1º e 2 de agosto, o IV Curso de Pecuária Extensiva de Bovinos de Corte. O evento tem o apoio da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ). Mais detalhes pela home page <http://www.rsolittoeventos.com.br>, ou pelo fone/fax (011) 3106-2092.

Pingue-pongue

Quem esteve visitando o Brasil, foi o vice-presidente mundial de marketing e vendas da AGCO, detentora, entre outras, das marcas Massey Ferguson, New Idea e Fendt. James Seaver falou sobre a empresa e o mercado.

Aqui, um resumo de sua entrevista.

P — O mundo, hoje, é dividido pelas cinco irmãs... Como será isso no futuro?

R — Estamos assistindo um fantástico processo de consolidação ocorrendo na indústria agrícola. Nossa empresa é uma consolidadora de indústrias, pois só nos últimos tempos fizemos 15 aquisições no valor de US\$ 1,3 bilhão. Nós continuaremos neste caminho. E os grandes concorrentes do futuro continuarão sendo Case, Deere, New Holland e AGCO.

P — Mas os concorrentes não estão tentando fazer o mesmo?

R — Certamente. Não sei se a John Deere tem investido tanto em consolidação, mas a Case e a New Holland têm feito algumas aquisições, principalmente de grandes empresas de veículos de quatro rodas e

de implementos agrícolas. Não acho que sejamos os únicos. Somos os primeiros a trabalhar com o conceito de múltiplas marcas. Acontece justamente o contrário com os concorrentes, que abrem mão da identidade do produto e o comercializam com sua própria marca. Então, tem funcionado muito bem, para nós, esta estratégia de trabalhar com várias marcas e um único canal de distribuição.

P — O mercado continuará crescendo?

R — Neste ano, o grande boom parece ser a América do Sul, particularmente o Brasil, mas os indicadores são positivos, também, na América do Norte. As áreas de risco, hoje, são a Europa Oriental — a libra esterlina está puxando pra baixo os indicadores da indústria — e a Ásia.



Nilson Konrad



A Granja

Semana da Citricultura

O tratamento fitossanitário é o item que mais pesa na citricultura, pois seu custo pode chegar a 45% do valor de uma caixa de 40,8kg. Segundo a Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), gastam-se, anualmente, mais de US\$ 90 milhões de dólares com o controle dos principais ácaros dos citros. No controle de doenças como verrugose, melanose, pinta-preta, gomose etc, estima-se outros US\$ 20 milhões de dólares em fungicidas e US\$ 8,5 milhões em inseticidas. Calcula-se que 10% desses tratamentos são perdidos devido a má aplicação dos defensivos, causada por diversas razões. Com passar dos anos, houve aumento de pragas e doenças, quer por desequilíbrio climático ou biológico, quer por "importação clandestina" de material vegetativo sem controle de sanidade. Pensando em debater estes problemas, o Centro de Citricultura Sylvio Moreira, do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), Estação de Cordeirópolis/SP, realiza, de 1º a 5 de junho, a 20ª Semana da Citricultura. Informações: (019) 546-1399.

Sojas com garantia UFV

A Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV) coloca à disposição no mercado duas novas variedades de soja. São elas: triângulo (UFV-19) e florestal (UFV-20), resistentes a algumas doenças — pústula, fogo-selvagem, mancha-olho-de-rã e cancro-da-haste — que causam os mais significativos prejuízos às plantações. As duas variedades são adaptadas para o Brasil Central. A triângulo

necessita, em média, de 54 dias para floração e 118 para maturação, enquanto que a florestal tem um florescimento de 57 dias, em média, e a sua maturação ocorre em 109 dias. Maiores informações pelo fone (034) 263-1083.

Patologia Veterinária

Os profissionais da área de saúde animal já podem contar com o livro-texto "Patologia Veterinária Especial de Thomson", o terceiro da Série Campo Veterinário, da editora ArtMed. O livro tem como coordenadores William W. Carlton e M. Donald McGavin, que contam com a colaboração de uma equipe formada pelos mais renomados especialistas em Patologia Veterinária dos Estados Unidos. A versão brasileira da obra foi feita a partir da segunda edição americana, totalmente revista e atualizada pelos autores. Todos os capítulos contêm uma revisão de Anatomia, além de estarem atualizados quanto à nova nomenclatura Veterinária e à terminologia bacteriológica mais modernizada. A obra inclui 828 ilustrações explicativas. Maiores informações pelo fone (051) 338-5966.

E o bezerro leiteiro?

A pecuária leiteira, segundo estimativas extra-oficiais, gera 3,4 milhões de bezerras por ano. Como a grande maioria é sacrificada ao nascer, o País deixa de produzir cerca de 380 mil toneladas de carne, um prejuízo de US\$ 460 milhões. Por isso, a Embrapa Gado de Leite, sediada em Coronel Pacheco/MG, está orientando pecuaristas a produzir vitelos como alternativa. Estes animais são alimentados exclusivamente com dieta líquida e produzem "carne branca". Embora o mercado de carne de vitelo seja pequeno no Brasil, tem grande potencial de expansão, inclusive para a exportação.

Alarmes
BUUMMM!!!
acionados a pólvora
AUTONOMUS Alarmes e Segurança Ltda.
Fone: (051) 246-8128 - Solicite folheto, grátis.
Cx. Postal 8602 - Cep 91901-970, Porto Alegre, RS, BRASIL



Divulgação/Novartis

Conhecer pra se defender

O agrônomo Luiz Antônio Azevedo, do Departamento de Pesquisa & Desenvolvimento da Novartis Agro, lançou recentemente o livro "Manual de Quantificação de Doenças de Plantas". A obra tem como objetivo auxiliar pesquisadores de campo, estudantes de Agronomia e agricultores na avaliação de enfermidades, utilizando o método conhecido como quantificação (patometria). Isso só é possível graças às escalas diagramáticas presentes no livro, que indicam a porcentagem de infecção das folhas, frutos e demais partes da planta. Os interessados podem solicitar o livro pelo e-mail: biglui@originet.com.br, ou pelo fone (011) 532-7236.

FACULDADE DE AGRONOMIA
"Dr. Francisco Maeda"
FAFRAM - ITUVERAVA - SP
Qualidade em ensino, pesquisa e extensão rural
VESTIBULAR VUNESP - 11 E 12 DE JULHO 98
INSCRIÇÕES 18/5 A 26/6 E NO AGRISHOW
Informações - Rod. Jerônimo Nunes Macedo, km 01
FONE/FAX: (016) 729-3410

Service Technitions

Ag-Chem Equipment Co. Inc., a progressive, growth oriented manufacturer of heavy, off road Fertilizer and Agro-Chemical application equipment, is expanding the International Marketing Department in response to increased world-wide demand for our products and services.

We have immediate openings for Sales Agents serving Brazil. Applicants must be fluent in Portuguese and English.

The Position requires experience in technical service of agricultural or related equipment; computer expertise; and 60-70% travel.

Ag-Chem offers a competitive compensation package. Please send resume, and cover letter in English to:

AG-Chem Equipment Co. Inc.
3702 Sky Harbor Drive,
Coeur D'Alene ID 83814 - USA
Fax-USA: 001-208-765-1167
E-mail: LLARSON@agchem.com
<http://www.agchem.com>



Divulgação/Bandeirante

■ Espalhador duplo de palha

O equipamento — que pode ser acoplado na plataforma das colheitadeiras New Holland, SLC-John Deere, Ideal e Massey Ferguson — substitui o picador de palha. Distribui com uniformidade a palha do milho, trigo, aveia, cevada e arroz. Outras vantagens: o consumo de potência da colheitadeira é de 3cv, contra 17cv do picador; economia de combustível; acompanha polias, correia, esticador e parafuso. **Bandeirante Ind. e Com. de Máquinas Ltda, Av. Brasi Leste, 2222, CEP 99050-000, Passo Fundo/RS, fone (054) 313-2844, fax 313-3948.**

■ Auxiliando nas tarefas da fazenda

A Agrisoft Brasil está lançando novas versões de seus produtos Adm-Rebanho e Adm-Agrícola, já utilizados por produtores em todo o Brasil. A principal novidade agora é o chamado Gerenciador de Tarefas. Com este recurso, os programas deixam de ser passivos e começam a ficar "pró-ativos", informando ao administrador o que ele deve fazer no dia-a-dia da fazenda: tratos culturais, vacinação, castração etc. **Agrisoft Brasil Ltda., Rua Américo Brasiliense, 1490, conj. 88, CEP 047181-062, fone (011) 5181-1571.**



Divulgação/Agrisoft

■ Adeus, clostridioses!

Fortress* 7 faz parte de uma linha totalmente nova de vacinas contra as clostridioses, pois contém adjuvante solúvel em água (Stimugen). Isto diminui as reações pós-vacinais e não deixa lesões nas carcaças dos bovinos ao abate. Teste de campo conduzido por pesquisadores independentes, na Fazenda Mundo, em Brotas/SP, comprovou a superioridade de Fortress* 7 frente a duas vacinas comerciais brasileiras, no que se refere à irritação pós-vacinal. Medicamento indicado para prevenir carbúnculo sintomático, gangrena gasosa e enterotoxemia. Disponível em frascos de 10 doses (50ml) e 50 doses (250ml), devendo ser administrado por via subcutânea a partir dos quatro meses de idade. **Pfizer — Divisão Saúde Animal. Ligação gratuita: 0800-111919.**



Divulgação/Pfizer

■ Lançamento pesado da Ford

Vice-líder no mercado brasileiro de caminhões, a Ford está ampliando sua linha de veículos com o lançamento do Cargo 2630 6X4, com peso bruto Total de 26 toneladas e capacidade de tração de 45 toneladas. É equipado com motor Cummins 6CTAA, de seis cilindros e 8.3 litros — com potência de 291cv, a 2.200rpm, e torque de 121,3mkgf, a 1.400rpm. Transmissão Eaton Fuller, de 10 velocidades à frente e duas à ré. Cabine do tipo avançado, com grande visibilidade. Entre os itens de segurança, o Cargo 2630 possui comando do freio do reboque instalado no painel de instrumentos. O caminhão se destina a aplicações fora-estrada, especialmente o transporte de cana-de-açúcar e madeira. **Ford do Brasil. Ligação gratuita ao consumidor: 0800-172000.**

Divulgação/Ford



Divulgação/Montana

■ Chegou o Montana Ranger

Lançado no Agrishow, em Ribeirão Preto/SP, o novo pulverizador Montana Ranger, com capacidade para 2.000 e 3.000 litros, conforme a versão desejada pelo cliente. Inovações: barras com abertura e fechamento hidráulico; características de segurança adotadas em toda a Europa; e tanque de limpeza com capacidade para 200 litros de água. O equipamento se destina às culturas de grãos. **Montana Ind. de Máqs. Ltda, Rua Tenente Djalma Dutra, 888, CEP 83005-360, São José dos Pinhais/PR, fone (041) 382-1019, fax 382-1472.**



Compromisso com a sociedade

Ultimamente, muito se tem questionado se o compromisso das universidades federais para com a sociedade que as mantêm tem sido cumprido adequadamente.

Acreditamos que, de forma geral, mesmo considerando algumas deficiências, o sistema federal de ensino superior tem tido importante papel no desenvolvimento da sociedade. Em primeiro lugar, na formação de profissionais qualificados para as funções estratégicas no desenvolvimento nacional. Em segundo lugar, na produção e difusão de ciência e tecnologia. Além disso, em algumas regiões do País, as instituições federais de ensino superior são os únicos centros de referência da modernidade.

Do ponto de vista da Universidade Federal de Viçosa (UFV), isto é uma certeza absoluta. Ao longo dos seus 72 anos de existência, a UFV sempre esteve atenta às tendências e às constantes transformações que se verificavam nos planos nacional e mundial, produzindo sua contribuição efetiva.

A qualificação (hoje, 93% dos docentes são mestres ou doutores), a dedicação (100% de dedicação exclusiva) e a experiência de um corpo docente exigente, profundamente dedicadas ao objetivo institucional da busca de excelência em suas atividades, asseguram a qualidade dos seus 25 cursos de graduação, nove de especialização, 19 de mestrado e 12 de doutorado. Da mesma forma, asseguram o aperfeiçoamento e a ampliação de sua participação nas áreas de pesquisa estratégica de alto retorno social e de extensão (em que a UFV é pioneira).

A estrutura institucional e a infra-estrutura para a pesquisa, com destaque para a moderna biblioteca e os laboratórios como os do Centro de Biotecnologia Aplicada à Agropecuária, dentre outros, asseguram as condições para os trabalhos que exigem a competência e a sofisticação laboratorial da investigação científica moderna.

Na pesquisa de ponta, a UFV está equi-



Prof. Maurinho Luiz dos Santos - diretor do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Viçosa/MG e doutor em Economia.

pada para atender demandas nas áreas de Engenharia Genética de Plantas e Microorganismos, vacinas sintéticas, agricultura de precisão, etc.

De seus laboratórios, já saíram mais de 20 variedades de soja, que ocupam hoje mais de um milhão de hectares plantados. Note-se que somente isso representa uma receita direta e indireta da ordem de US\$ 1 bilhão/ano para os cofres públicos, o que equivale a um valor 10 vezes superior aos recursos repassados anualmente para a UFV.

O Brasil perde, hoje, cerca de 600 milhões de toneladas de solo agrícola por ano, devido ao manejo inadequado, o que representa uma perda de US\$ 1,5 bilhão em nutrientes, sementes e defensivos. A UFV, por intermédio de seu Departamento de Engenharia Agrícola, desenvolveu um

software (Terraço for Windows) de conservação de solos e drenagem de superfície, que poderá reduzir em muito as referidas perdas. Prova da importância desse trabalho técnico foi o prêmio nacional de produtividade com que foi agraciado o seu autor.

Esta instituição é pioneira no Brasil no ensino formal da Engenharia de Sistemas Agroflorestais. Fundamentado em pesquisas avançadas, a Engenharia Florestal tem desenvolvido conhecimentos e técnicas para o manejo florestal, que possibilitam reduções de custo de até 60% na implantação e trato de áreas de reflorestamento.

Nesse rápido balanço, foram arroladas apenas algumas realizações que mereceram maiores destaque junto à opinião pública. Muito mais, no entanto, haveria a relatar como realizações desta Instituição no ano passado e no presente. Do passado, podem ser citados os desenvolvimentos de variedades de milho híbrido, de feijão, de cítricos etc. de técnicas de armazenagem, de combate à ferrugem do cafeeiro, de silagem, de manejo de pastagens, de recuperação de áreas degradadas, etc.

Renovando abordagens de pesquisa em áreas já consolidadas e ampliando seu escopo por novas áreas, a produção científico-tecnológica da UFV expande-se dia-a-dia. Alguns exemplos: melhoramento genético de aves (com produção de nova linhagem), reprodução animal (inseminação a clone), proteção de plantas, controle de doenças (calda Viçosa), informática na agricultura (produção de software), papel e celulose, meio ambiente e recursos hídricos (mapeamento de bacias hidrográficas), agricultura de montanha, tecnologia e engenharia de alimentos (leite hidrolisado, iogurte com sabor de frutas, sucos naturais), nutrição...

O mais importante de tudo, porém, são os mais de 20.000 profissionais, qualificados por esta escola, e que, cada qual à sua maneira, estão a serviço da construção de uma sociedade menos desigual e injusta. ■

CHEGOU A SEGURANÇA QUE O HOMEM DO CAMPO PRECISA.



Ranger é o novo pulverizador Montana projetado para oferecer o máximo de segurança, tanto ao operador, quanto aos alimentos e à terra.

O novo Ranger já possui acessórios que são obrigatórios na Europa: tanque de limpeza do pulverizador, tanque para lavar as mãos, filtros de linha, válvulas anti-gotejo e bicos de última geração.

Consulte nosso revendedor e conheça todos os detalhes da tecnologia Montana que existem no novo Ranger.

Montana, junto com você trabalhando por um mundo mais seguro.



MONTANA

Pulverização com segurança

Rua Francisco Dal Negro, 888
Fone (041) 382 1019
Fax (041) 382 1472
Cx. Postal 71 CEP 83005-360
São José dos Pinhais - PR
montana@montana.ind.br

Receba em Casa

FILMES CPT

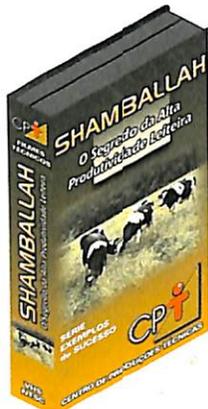
O MELHOR TREINAMENTO DO MERCADO

Informações Práticas



Resultados Comprovados

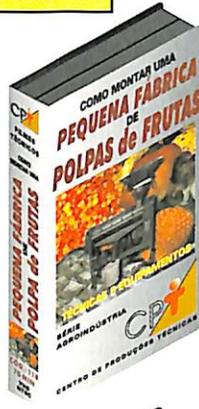
LANÇAMENTOS



SHAMBALLAH O Segredo da Alta Produtividade Leiteira

Conheça todos os segredos de Muntaha Dagher, do sítio Shabballah, para alcançar 40 litros/animal/dia de leite de alta qualidade, em apenas 12 Ha. A maior produtividade do Brasil com o menor custo de produção. Participação e Apoio Técnico: Prof.º Sebastião Teixeira Gomes - UFV; Prof.º Paulo Fernando Machado - ESALQ; e Pesquisador José Henrique Bruschi - EMBRAPA

55 min. Com manual.



Como montar uma PEQUENA FÁBRICA de POLPAS DE FRUTAS

Instalações. Técnicas para produzir polpa de acerola, goiaba, manga, graviola, maracujá, cacau, abacaxi, caju, morango e coco. Higienização. Normas e aspectos legais. Coord. Técnica: Prof.º Raimundo Carmelo Mororó, Pesquisador da CEPLAC - BA, um dos maiores especialistas do país.

70 min. Com manual.

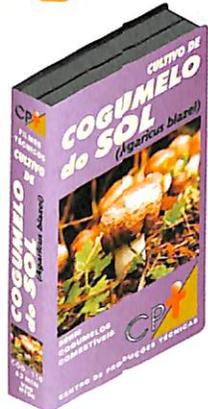


Como Montar uma PEQUENA FÁBRICA de FRUTAS DESIDRATADAS

Instalações, equipamentos, higienização, processo e fluxo de produção. Como exemplos, em detalhes, desidratação de maçã, banana, mamão e abacaxi. Embalagens, rotulagens e comercialização. Coord. Técnica: Pesquisador Pedro Luiz Santos Meloni, Eng.º Agrícola, Mestre em Tecnologia de Alimentos, Especialista em Desidratação de Alimentos da FUNARBE/UFV.

55 min. Com manual.

MONTE SUA AGROINDÚSTRIA



CULTIVO DE COGUMELO DO SOL (Agaricus blazei)

Técnicas de produção em estufa e a campo. Como produzir composto de qualidade. Instalações para todas as etapas. Conheça os canais de comercialização. Tecnologia aprovada pelos pesquisadores do Módulo de Cogumelos Comestíveis da UNESP/BOTUCATU-SP. Coord. Técnica: Pesquisadores Augusto Ferreira da Eira e Gilberto Costa Melo, ambos da UNESP.

63 min. Com manual.



CACHAÇA PRODUÇÃO ARTESANAL DE QUALIDADE

Produção dentro das normas do Pró-Cachaça e AMPAQ - Associação Mineira de Produtores de Aguardente de Qualidade. Seleção da cana, moagem, fermentação, destilação, envelhecimento e comercialização. Coord. Técnica: Prof.º José Benício Paes, Doutor em Ciências de Alimento, Especialista da UFV e Equipe Técnica da AMPAQ.

59min. Com manual.



COMO PRODUIZIR RAPADURA, MELADO E AÇÚCAR MASCADO

Técnicas para pequenas e médias propriedades rurais. Destaque para a produção de rapaduras em diversos formatos, incluindo a famosa rapadurinha em tabletes, altamente comercial e recentemente adotada na merenda escolar.

Coord. Técnica: Prof.º José Benício Paes. Doutor em Ciências de Alimento e Especialista da Univ. Fed. de Viçosa.

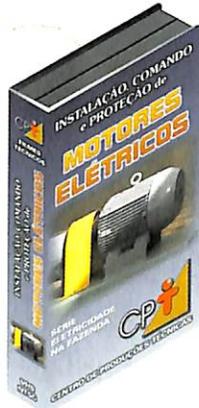
60 min. Com manual.



PROTEÇÃO CONTRA RAIOS na fazenda

Como implantar sistemas de proteção de acordo com as mais novas técnicas para cercas, arvores, residências, unidades armazenadoras, currais, galpões, caixas d'água, torres, antenas e redes telefônica e elétrica de baixa tensão. Regras de segurança durante as tempestades.

.58 min. Com manual.



INSTALAÇÃO, COMANDO e PROTEÇÃO de MOTORES ELÉTRICOS

Instalação e ligação de motores elétricos monofásicos e trifásicos. Escolha dos condutores elétricos, dos dispositivos de proteção e comando. Alimentação de emergência na fazenda.

60 min. Com manual.



DISTRIBUIÇÃO ELÉTRICA NA FAZENDA

Sistema elétrico da fazenda; cálculo de demanda e locação do transformador. Planejamento da rede interna; Dimensionamento dos condutores. Implantação da rede.

68 min. Com manual.



PRODUÇÃO DE FENO

Para consumo próprio e comercialização. Equipamentos.

Como formar um campo de feno; Escolha da forrageira, o Tifton, o Coast-cross, o Florakirk e a Alfafa. Etapas da fenação: corte, secagem, enfiamento e armazenamento. Melhoramento de feno ruim.

Coord. Técnica: Iosvaldo Ataíde Júnior, Zootecnista, Mestre em Forragicultura pela UFV.

53 min. Com manual.

Esta série teve a coordenação técnica do Prof. Nelson Fernandes Maciel, especialista em eletrificação rural da Universidade Federal de Viçosa.



Caixa Postal 01 CEP 36570.000 VIÇOSA - MG FAX (031) 891.8080 INTERNET <http://www.cpt.com.br> E-Mail: cpt@homenet.com.br

130 Títulos na Área Agropecuária
SOLICITE NOSSO CATÁLOGO COMPLETO GRATUITAMENTE
LIGUE e FAÇA seu PEDIDO:
(031) 891.7000
CENTRO DE PRODUÇÕES TÉCNICAS